



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FERNANDA ABREU E SILVA ALENCAR

A RELAÇÃO SEMÂNTICA DE ELABORAÇÃO NA FALA E NA  
ESCRITA: FORMA E FUNÇÃO

Rio de Janeiro  
Julho 2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

# A RELAÇÃO SEMÂNTICA DE ELABORAÇÃO NA FALA E NA ESCRITA: FORMA E FUNÇÃO

FERNANDA ABREU E SILVA ALENCAR

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.  
Orientador: Profa. Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Rio de Janeiro

Julho de 2010

A relação semântica de elaboração na fala e na escrita: forma e função

Fernanda Abreu e Silva Alencar

Orientadora: Professora Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Examinada por:

---

Presidente, Profa. Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

---

Profa. Doutora Márcia Teixeira Nogueira – UFC

---

Profa. Doutora Nilza Barrozo Dias – UFF

---

Prof. Doutor Mário Eduardo Martelotta – PPG em Linguística – UFRJ

---

Profa. Doutora Christina Abreu Gomes – PPG em Linguística - UFRJ

---

Profa. Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis – PPG Letras Vernáculas – UFRJ, Suplente

---

Prof. Doutora Lilian Veira Ferrari – PPG em Linguística - UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro

Julho 2010

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu filho Henrique, para que você compreenda que quanto mais a mente se expande mais encontramos maneiras de nos realizar.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela paz e confiança sempre inspiradas.

À Profa. Dra. Conceição Paiva pela dedicação, compromisso, competência, paciência e carinho com os quais me orientou na realização desta Tese.

À Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias e à Profa. Dra. Maria Luiza Braga pelas contribuições enriquecedoras no desenvolvimento deste estudo, pelo exemplo e pela amizade.

À Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira, à Profa. Dra. Christina Abreu Gomes, ao Prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta, à Profa. Dra. Lílian Vieira Ferrari, à Profa. Dra. Aparecida Lino Pauliukonis à Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias pela honra proporcionada a mim ao comporem a Banca examinadora desta Tese.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq pela bolsa recebida.

À Carol, ao Oliver, ao Graeme e à Rise pela amizade e pela ajuda no aperfeiçoamento do aprendizado da língua inglesa, fundamental para a consecução do Doutorado.

Aos meus queridos Ismar Filho, Neusa, Fernando, Sarah, Samira, Fabrício, Joana e Ismar pela alegria de nossa convivência e pela cooperação, solidariedade, apoio emocional e admiração. Cada um de vocês é também responsável por esta conquista.

## RESUMO

ALENCAR, Fernanda Abreu e Silva. *A relação semântica de elaboração na fala e na escrita: forma e função* -RJ, 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nesta Tese, analisamos a relação semântica de elaboração na modalidade falada e escrita do português brasileiro contemporâneo. Delimitamos nosso objeto de análise às elaborações que expandem um SN, procurando identificar as propriedades formais, semânticas e discursivas dessa relação lógico-semântica. Partimos da hipótese de que a elaboração desempenha um papel central não só na especificação/determinação de sintagmas nominais, mas também na orientação argumentativa do discurso. Uma outra hipótese é a de que as diferenças entre fala e escrita refletem uma estreita correlação entre as características formais e semânticas do SN elaborado e as características formais e semânticas do segmento elaborador. Para a verificação dessas hipóteses, utilizamos a Amostra Censo 80, como representativa da modalidade falada, e uma amostra de diferentes gêneros textuais (crônica, opinião, notícia/reportagem, editorial) coletados nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Povo*. A análise considera inicialmente os subtipos de relação que se estabelecem entre os dois segmentos discursivos vinculados e, a seguir, as propriedades semânticas, morfossintáticas e discursivas dos sintagmas nominais elaborados, as propriedades dos segmentos elaboradores, os indicadores formais das relações entre eles e as funções textuais-discursivas da elaboração. Através de um tratamento quantitativo que permitiu verificar a distribuição dos dados de acordo com esses diferentes parâmetros, foi possível depreender as similaridades e diferenças decorrentes das especificidades na forma de planejamento de cada uma das modalidades. As diferenças mais relevantes dizem respeito ao tipo de SN elaborado: na escrita, predominam os rótulos com maior conteúdo semântico, tais como metalinguísticos e indiciais, relacionados prioritariamente com verbos do tipo mental. Na fala, prevalecem SNs com baixo conteúdo semântico, genéricos e essencialmente fóricos, associados, predominantemente, a verbos relacionais. Apesar dessas diferenças, a elaboração desempenha papel similar nas duas modalidades: constitui importante estratégia de especificação/identificação de referentes introduzidos como informação nova e, além disso, desempenha papel de relevo na organização discursiva, o que pôde ser observado principalmente através das correlações com as variáveis gênero e tipo textual. Mostramos ainda que funcionalmente a elaboração reflete a variação observada no tipo de SN elaborado. Na escrita, destaca-se a função de reforço de orientação argumentativa, relacionada aos rótulos metalinguísticos e indiciais. Na entrevista sociolinguística, além dessa função, ressalta também a de detalhamento de uma situação complexa, especialmente relacionada à expressão “o seguinte”. Dessa forma, concluímos que as características da elaboração decorrem, principalmente, dos objetivos comunicativos de cada gênero discursivo.

## ABSTRACT

ALENCAR, Fernanda Abreu e Silva. *A relação semântica de elaboração na fala e na escrita: forma e função* -RJ, 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

In this thesis, we analyze the semantic relation of *elaboration* in both spoken and written contemporary Brazilian Portuguese. We limit the focus of our analysis to elaboration of NPs, with the goal of identifying the formal, semantic and discursive properties of the logico-semantic relation that exists between the elaborated NP and its elaboration. One hypothesis is that the elaborative segment plays a central role not only in the specification and determination of noun phrases, but also in the argumentative orientation of discourse. Another hypothesis is that differences between speech and writing reflect a close correlation between the formal and semantic characteristics of a given NP and the formal and semantic characteristics of that NPs elaboration. To check these hypotheses, we used the *Amostra Censo 80*, as representative of the spoken mode, and a sample of different written genres (column, opinion, news, editorial) collected from the newspapers *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* and *O Povo*. The analysis considers first the subtypes of relationships that occur between the two linked discursive segments (i.e., the elaborated NP and its elaboration), and then, the semantic, morphosyntactic and discursive properties of elaborated NPs, the properties of their elaborative segment, the indicators of formal relations between them and the textual-discursive functions of elaboration. Through a quantitative analysis that allows us to investigate the distribution of data according to these different parameters, it is possible to deduce the similarities and differences that arise as a result of the respective forms of sentence planning for each of the modalities. The most relevant differences relate to the kind of elaborated NP under consideration. Written discourse is dominated by labels with high semantic content, such as metalinguistic and indexical labels, which are related primarily with verbs of mental state. In spoken discourse, NPs with low semantic content prevail, for example generics and the “-phors” (cataphors), which are associated, predominantly, with relational verbs. Despite these differences, the elaborative segment in each type performs a similar role in the following ways: as an important strategy for the specification and identification of referents introduced as new information and moreover, in the organization of discourse, which can be observed mainly through correlations with genre and text type. We also show that functionally, the elaborative segment reflects the variation observed in the type of elaborated NP. With respect to written discourse, we highlight the role of reinforcement of argumentative orientation, related to metalinguistic and indexical labels. The sociolinguistic interviews in the *Amostra Censo 80* also highlight, besides this function, the details of a complex situation, especially related to the expression “o seguinte” (literally, “the following”). Thus, we conclude that the design features of any given elaborated NP and its elaboration stem mainly from the communicative purposes of each discourse genre.



## **SINOPSE**

A relação semântica de elaboração. Aspectos sintáticos e semânticos da conexão de orações. Aspectos da relação de elaboração. Fala e escrita. Análise das propriedades formais e funcionais da elaboração.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esquema da relação núcleo-satélite .....	25
Figura 2 - Esquema da relação multinuclear .....	26
Quadro 1 - Caracterização dos tipos de texto a partir da dimensão pragmática segundo Koch & Fávero (1987, p. 5-8).....	35
Quadro 2 - Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.....	40
Quadro 3 - Amostra Censo 1980 .....	44
Quadro 4 - Relação dos textos analisados no gênero notícias/reportagens.....	47
Quadro 5 - Relação dos textos analisados no gênero Crônica.....	47
Quadro 6 - Relação dos textos analisados gênero Editorial .....	48
Quadro 7 - Relação dos textos analisados gênero Opinião.....	48
Quadro 8 - Caracterização das amostras de fala e de escrita de acordo com a proposta de Biber (1988).....	50
Gráfico 1 - Distribuição dos tipos de Elaboração na fala e na escrita.....	63
Gráfico 2 - Distribuição do tipo de verbo na escrita .....	100
Gráfico 3 - Distribuição do tipo de verbo na fala.....	100
Gráfico 4 - Distribuição dos segmentos de elaboração de acordo com a natureza enunciativa do segmento elaborador .....	103
Gráfico 5 - Distribuição do segmento elaborador de acordo com sua extensão.....	106
Gráfico 6 - Tipo de sinalização da relação de elaboração.....	109
Gráfico 7 - Distribuição das elaborações com relação ao tipo de material interveniente na fala e na escrita .....	112
Gráfico 8 - Distribuição das elaborações de acordo com tipo textual na fala e na escrita ..	117
Gráfico 9 - Distribuição das elaborações de acordo com gênero textual .....	124

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Extensão das amostras de fala e de escrita.....	50
Tabela 2 - Distribuição das ocorrências de Elaboração na fala e na escrita.....	55
Tabela 3 - Índice de elaborações de acordo com o número de sentenças das amostras.....	55
Tabela 4 - Distribuição dos dados quanto ao conteúdo semântico.....	72
Tabela 5 - Distribuição das elaborações de acordo com o tipo de SN sobre o qual incide a relação de Elaboração na fala e na escrita .....	73
Tabela 6 - Estatuto informacional dos SNs elaborados.....	79
Tabela 7 - Distribuição das elaborações de acordo com o tipo de determinante.....	82
Tabela 8 - Correlação entre o tipo de determinante e estatuto informacional do SN elaborado na fala.....	85
Tabela 9 - Correlação entre o tipo de determinante e estatuto informacional do SN elaborado na escrita .....	86
Tabela 10 - Elaboraões de acordo com a presença de modificador no SN .....	88
Tabela 11- Elaboração de acordo com a função sintática do SN .....	91
Tabela 12 - Elaboraões de acordo com a função sintática do SN (excluindo SNs com função fórica inerente) .....	92
Tabela 13 - Distribuição da elaboração de acordo com a correlação entre função sintática e estatuto informacional do SN elaborado na fala.....	93
Tabela 14 - Correlação entre função sintática do SN elaborado e seu estatuto informacional na escrita .....	94

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 - ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DA CONEXÃO DE ORAÇÕES</b> .....	<b>15</b>
1.1 - CONCEITOS TRADICIONAIS DE COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO .....	15
1.2 - REVENDO A DICOTOMIA COORDENAÇÃO/SUBORDINAÇÃO .....	18
<b>2 – ASPECTOS DA RELAÇÃO DE ELABORAÇÃO</b> .....	<b>21</b>
2.1 - A PROPOSTA FUNCIONALISTA DE HALLIDAY .....	21
2.2 - PRESSUPOSTOS DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA .....	24
2.3 - A RELAÇÃO DE ELABORAÇÃO .....	27
<b>3- FALA E ESCRITA E O CONTINUUM DOS GÊNEROS TEXTUAIS</b> .....	<b>31</b>
3.1 - GÊNERO TEXTUAL E TIPO DE TEXTO .....	31
3.2 – FALA E ESCRITA .....	36
<b>4- AMOSTRAS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>43</b>
4.1 – AMOSTRAS.....	43
4.2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
<b>5- PROPRIEDADES FORMAIS E FUNCIONAIS DA ELABORAÇÃO</b> .....	<b>55</b>
5.1- TIPO DE ELABORAÇÃO .....	58
5.2- PROPRIEDADES DO PRIMEIRO SEGMENTO DA ELABORAÇÃO .....	64
<b>5.2.1- Características semânticas e referenciais do SN</b> .....	<b>65</b>
<b>5.2.2 - Estatuto informacional do SN elaborado</b> .....	<b>75</b>
<b>5.2.3 - Definitude do SN e tipo de determinante</b> .....	<b>81</b>
<b>5.2.4 - Presença de modificador</b> .....	<b>87</b>
<b>5.2.5 - Função sintática do SN elaborado</b> .....	<b>89</b>
5.3 - TIPO DE PREDICADOR.....	95
5.4- PROPRIEDADES DO SEGMENTO ELABORADOR .....	101
<b>5.4.1 - Natureza enunciativa do segmento elaborador</b> .....	<b>102</b>
<b>5.4.2 - Extensão do segmento elaborador</b> .....	<b>104</b>
5.5 – SINALIZAÇÃO E ELEMENTOS INTERVENIENTES .....	107
5.6- CORRELAÇÃO COM TIPO DE TEXTO E GÊNERO TEXTUAL .....	113
<b>5.6.1- Tipo de texto</b> .....	<b>113</b>
<b>5.6.2- Gênero textual</b> .....	<b>123</b>
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>127</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>131</b>

## INTRODUÇÃO

As relações semânticas desempenham papel decisivo na organização do discurso, visto que é através delas que o falante/escritor apresenta de forma coerente ideias relativas, por exemplo, às circunstâncias de tempo, condição, lugar, modo. Os estudos funcionalistas destacam a necessidade de considerar a conjugação entre os componentes sintático, semântico e discursivo para a compreensão dos diferentes aspectos envolvidos na instanciação dessas relações tanto no discurso oral como no discurso escrito.

Dentre as relações lógico-semânticas, a Elaboração ocupa um lugar central como forma de progressão e coesão textual, na medida em que colabora não só para o acréscimo de informações como também para a expressão dos objetivos comunicativos do falante/escritor. Nesta Tese, focalizamos essa relação com o objetivo de identificar suas propriedades formais, semânticas e discursivas no português brasileiro falado e escrito contemporâneo.

Concebemos a relação semântica de elaboração, no sentido que lhe é atribuído por Halliday (1994), como uma expansão que se realiza em contextos nos quais um segmento de discurso especifica o significado do segmento que o precede. A natureza do segmento elaborado pode variar, constituindo uma oração ou um sintagma nominal, como mostram respectivamente os exemplos<sup>1</sup> (1) e (2).

- (1) *Diante dessa expectativa, estou sabendo que, para o próximo Carnaval, a Império Serrano planeja reviver outro grande sucesso da escola, que foi o enredo de 1969, "Heróis da Liberdade", cujo samba é de autoria de Silas de Oliveira, Mano Décio da Viola e Manoel Ferreira. Alguém me tocou que na Acadêmicos do Salgueiro, titio Miro da Verdun Garcia, já teria batido o martelo: o enredo será "Bahia de Todos os Deuses", tema que deu à escola o título do Carnaval de 1969. Existe ainda a ideia do carnavalesco Alexandre Louzada em levar para o desfile da Unidos do Porto da Pedra, o enredo "O Amanhã", tema da União da Ilha do Governador em 1977. (O POVO 16-03-04)*
- (2) *Há ainda outro fator, é claro: comparado com as Farc, PC Farias era apenas um ladrão de galinhas, e é mais fácil ser valente contra um ladrão de galinhas do que contra um exército de delinquentes armados. (O Globo 29-03-03)*

Neste estudo, focalizamos a elaboração vinculada a sintagmas nominais, com o objetivo de responder às seguintes questões: considerando os diversos tipos de

---

<sup>1</sup>Os grifos nos exemplos (1) e (2) são nossos.

elaboração especificados, por exemplo, por Halliday (1994) e por Mann & Thompson (1986), quais deles são mais frequentes em nossos corpora? Quais as formas de vinculação entre os dois segmentos predominantes nas modalidades falada e escrita do português? Quais propriedades dos sintagmas nominais elaborados são mais relevantes para compreender a relação de elaboração? A relação de elaboração constitui apenas uma estratégia de especificação de referentes ou se investe de funções discursivo-pragmáticas?

Partimos do pressuposto de que a relação de elaboração de SNs, além de constituir um recurso de especificação da referência desempenha um papel relevante na orientação argumentativa do discurso. Dessa suposição decorrem hipóteses que se referem tanto às propriedades do segmento elaborado como do segmento elaborador. Na principal delas, prevemos que as características formais e semânticas do SN ao qual se vincula o segmento elaborador determina as características formais e semânticas da Elaboração.

Para a verificação dessas hipóteses, analisamos uma amostra de fala e uma amostra de escrita que integram o acervo do grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da língua). A modalidade de fala é representada por entrevistas sociolinguísticas que compõem a Amostra Censo 80 e a de escrita, por vários textos (crônicas, opinião, reportagens e editoriais), coletados em jornais de grande circulação no Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil, O Globo, Extra e O Povo*). De forma geral, as duas amostras possuem características bastante diferentes: enquanto as entrevistas sociolinguísticas constituem um discurso menos planejado, os textos de escrita, submetidos à norma padrão e a um processo de revisão, representam um discurso mais planejado. A comparação entre as duas amostras permitirá, portanto, identificar as propriedades mais gerais da relação de elaboração e possíveis especificidades decorrentes dessas diferenças de planejamento.

Considerando tanto sua forma de organização como seus objetivos comunicativos, os diferentes textos que compõem a amostra de escrita podem ser considerados gêneros distintos que se distribuem em um *continuum* de diferentes graus de aproximação entre fala e escrita. Uma outra hipótese central deste estudo se refere à correlação entre gênero textual e a forma como se realiza a relação de elaboração, podendo-se esperar maior incidência dessa relação em gêneros mais marcados pela argumentatividade e pela subjetividade. Dessa forma, esta Tese se inscreve na perspectiva, defendida dentre outros por Chafe (1982), Biber (1988),

Marcuschi (2001, 2007, 2008), Fávero, Andrade & Aquino (2007), Koch, (2007, 2008) de que as similaridades e/ou diferenças entre fala e escrita têm de ser vistas em termos de uma gradação que encontra correspondência em um *continuum* de gêneros textuais.

As hipóteses acima são verificadas através da análise de propriedades dos dois segmentos da relação de elaboração, assim como da sua distribuição de acordo com gênero e tipo textual. No que diz respeito à relação entre os dois segmentos, consideramos o subtipo de relação que se estabelece entre eles. Quanto ao elemento elaborado, verificamos a relevância de aspectos como o tipo de SN elaborado, a predicação verbal, o estatuto informacional do SN, o tipo de determinante do SN, a presença de modificador do SN, a função sintática do SN. No que se refere ao segmento elaborador, controlamos propriedades como natureza do enunciador e extensão do segundo segmento.

Um interesse central deste estudo diz respeito à forma de ligação entre os dois segmentos que pode se dar apenas por sinalizadores prosódicos/gráficos ou lexicais, instanciando uma relação de parataxe ou, além desses sinalizadores, apresentar no segundo segmento um morfema subordinador (que), estabelecendo uma conexão por hipotaxe. Além disso, interessa-nos verificar a adjacência entre os dois segmentos da elaboração, considerando a presença de elementos intervenientes entre eles.

Finalmente, buscamos identificar os contextos discursivos da relação de elaboração, investigando os tipos e gêneros textuais mais propícios a sua ocorrência.

Este texto está organizado da seguinte forma: no capítulo 1, discutimos alguns aspectos sintáticos e semânticos envolvidos na articulação de orações. Inicialmente, retomamos os conceitos tradicionais de coordenação e subordinação, discutindo a inconsistência dos critérios tradicionalmente utilizados para caracterizar dependência/independência de orações e o papel dos conectores nas estruturas de coordenação e subordinação. A seguir, revisamos essas noções com base nas propostas funcionalistas de Foley & Van Valin (1984), Givón (1984), Hopper & Traugott (1993), Matthiessen & Thompson (1988), Decat (1999) e, principalmente, na de Halliday (1994).

No capítulo **2**, focalizamos a relação de elaboração, inserindo-a na perspectiva da Teoria Sistêmico-funcional de Halliday, associando-a a pressupostos da Teoria da Estrutura Retórica.

No capítulo **3**, retomamos a questão fala e escrita, destacando a necessidade de considerar que a diferença entre as duas modalidades envolve um *continuum* de gêneros textuais, de acordo com propostas sustentadas por Chafe (1982), Biber (1988), Marcuschi (2001, 2007, 2008), Fávero, Andrade & Aquino (2007); Koch, (2001, 2008).

No capítulo **4**, caracterizamos as amostras utilizadas e apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados no tratamento dos dados. No capítulo **5**, discutimos os resultados referentes às propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivo-funcionais da relação de elaboração, comparando as modalidades falada e escrita.

Finalmente, nas conclusões, focalizamos as propriedades mais gerais da relação de elaboração e destacamos as particularidades que podem ser atribuídas à variável gênero ou à modalidade.



## 1 – ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DA CONEXÃO DE ORAÇÕES

No presente capítulo, discutimos alguns aspectos sintáticos e semânticos envolvidos na articulação de orações, a fim de explicitar o embasamento teórico que orienta nossa análise da *forma e função da relação de elaboração na fala e na escrita*. Partimos da abordagem tradicional, baseada na dicotomia coordenação e subordinação, emparelhando-a com a oposição dependência e independência e procuramos destacar os problemas envolvidos nessa perspectiva.

A seguir, apresentamos algumas propostas funcionalistas que procuram revisar as oposições apresentadas pela gramática tradicional. Procuramos destacar, seguindo a posição de Halliday (1994) e Thompson & Mathiessen (1988) que a questão da conexão de orações só pode ser entendida em termos de uma escala que se inicia no pólo da agregação e termina no pólo da integração. Dedicamos atenção particular à proposta de Halliday (1994), que faz uma análise mais abrangente, isto é, uma análise que supera o limite da sentença, tomando o texto como uma unidade e que permite dar conta dos aspectos semânticos e sintáticos envolvidos na articulação de orações.

### 1.1 - CONCEITOS TRADICIONAIS DE COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

A abordagem tradicional dos processos de conexão de oração parte do pressuposto de que os textos podem ser divididos em períodos<sup>2</sup> em que as orações estabelecem relações de dependência e independência. Segundo tal perspectiva, o período é composto por coordenação, quando é uma sequência de orações independentes, da mesma natureza sintática e, por subordinação, quando é formado por uma oração principal e por uma ou mais orações dependentes<sup>3</sup>. Uma oração independente não exerce função sintática em outra; uma oração dependente, ao contrário, integra a estrutura argumental daquela com que se liga (SILVEIRA BUENO, 1968; ROCHA LIMA, 1983; KURY, 1986; CUNHA, 1985, BECHARA, 1987).

---

<sup>2</sup> Castilho (2009 [1998]) faz uma crítica ao termo “período” que, segundo ele, nada mais é do que uma sentença complexa.

<sup>3</sup> Castilho (2009 [1998]) acrescenta aos processos de Coordenação e Subordinação, um outro arranjo sintático chamado Correlação, que ocorre, por exemplo, em comparações entre constituintes da mesma sentença, como em “O aluno não só estuda como também trabalha”. (CASTILHO 2009 [1998], p. 143)

Essa questão pode ser discutida sob diversas perspectivas. A primeira delas se refere aos critérios utilizados para definir dependência/independência de orações. Como já ressaltaram diversos autores (CARONE, 1994; KOCH, 1995; CARVALHO, 2004), os termos “dependência” e “independência” ora são concebidos em termos estritamente semânticos ora em termos sintáticos. Kury (1986) e Cunha (1985), por exemplo, relacionam sentido à função sintática, considerando que orações independentes são aquelas que têm sentido completo. De forma contrária, são subordinadas as orações que dependem de uma oração principal e não têm sentido completo. Essa dicotomia fica clara nos termos de Silveira Bueno (1968, p. 411) para quem a coordenação:

[...] existe quando, sendo todas as orações de sentido próprio, não necessitam uma das outras para que sejam entendidas. Não se dá isso com as subordinadas que, de tal modo dependem da principal, ao ponto de, sozinhas, não constituírem sentido perfeito.

Para o autor, no caso de subordinação, é a oração principal do período que carrega o sentido completo do qual dependem as outras que com ela estejam relacionadas. A dificuldade com o critério semântico é destacada por Bechara (1987, p. 217) para quem

Oração principal nem sempre é a de sentido principal. – A oração principal é determinada pela relação sintática da outra dentro do período, não importando se o sentido que encerra é ou não aquele de que dependem as outras orações.

No período:

*Se não chover, chegarei cedo*

a oração *chegarei cedo* é principal e *se não chover* é dependente porque esta exerce a função de *adjunto adverbial de condição* daquela. Se o nosso ponto de referência deixasse de ser a *relação sintática* (objeto de estudo da sintaxe) para ser o *sentido*, a oração *se não chover* passaria a ser aquela de que dependeria a declaração *chegarei cedo*.

Bechara (1987) propõe uma distinção mais formal, que considera independência/dependência em termos de função sintática, ou encaixamento, como se pode perceber na seguinte definição:

Oração independente é aquela que não exerce função sintática de outra a que se liga: Preparamo-nos para a viagem e partimos. O período é composto porque encerra duas orações: 1ª) *Preparamo-nos para a viagem*; 2ª) *e partimos*. [...] ambas reúnem em si todas as funções de que necessitam para se constituírem por si sós unidades do discurso.

Oração dependente é aquela que exerce função sintática de outra e vale por um substantivo, adjetivo ou advérbio. A dependente é um termo sintático que tem a forma de oração. (BECHARA, 1987 p. 216)

Entendemos que o critério encaixamento/não encaixamento seja mais coerente para a classificação dos processos de articulação de orações do que a ideia de independência/dependência. Entretanto, como mostra Cristófaró (2003), ele não dá conta de todas as possibilidades em uma língua ou em uma perspectiva translinguística. Observa-se a incompletude deste conceito na questão das chamadas “orações adverbiais”, que tradicionalmente são consideradas subordinadas e que, dessa forma, deveriam atender ao parâmetro do encaixamento, mas, na verdade, não podem ser consideradas encaixadas, porque não funcionam como constituinte de outra sentença.

Uma outra dificuldade a considerar no tratamento tradicional dos processos de articulação de orações diz respeito ao papel dos conectores nas estruturas de coordenação e subordinação. Na perspectiva tradicional, os processos de articulação de orações estão associados a conectores que explicitam ligações coordenativas ou subordinativas. Cada um dos membros desses dois paradigmas corresponderia a noções semânticas específicas numa relação de um para um, que, como já mostraram vários estudos, por exemplo, o de Neves (2000), não encontra respaldo no uso desses elementos. Se uma taxonomia de conectores pode ser verificada em estruturas prototípicas, ela apresenta problemas de classificação de estruturas não prototípicas, o que leva alguns autores a recorrerem a artifícios como o de afirmar que há uma “coordenação sintática, mas uma subordinação semântica” (GARCIA, 1967 p. 23).

A correspondência entre os conectores e as estruturas de coordenação e subordinação também não se confirma quanto às construções que instanciam um processo de Elaboração. Os casos em que elas são introduzidas por um morfema sinalizador de dependência sintática, não se associam ao processo de subordinação, mas ao de hipotaxe, em que se combinam segmentos de estatuto desigual, sem que um integre a estrutura argumental do outro, como mostra o exemplo<sup>4</sup> abaixo:

- (3) *Então, eu acho o seguinte: **que** muitas mulheres se acomodam, sabe?*  
(Amostra Censo 80 – Falante 10)

---

<sup>4</sup>O grifo nesse exemplo é nosso.

A associação entre conectores e processo sintático numa classificação em termos binários é ainda mais problemática, se considerarmos que esses elementos funcionais se submetem frequentemente a processos de gramaticalização (CASTILHO, 2009 [1998]; PAIVA, 2003) que alteram seus contextos de uso, suas particularidades semânticas, morfológicas e mesmo fonológicas<sup>5</sup>. Essa maleabilidade dos conectores dificulta definir com precisão limites bem definidos entre conectivos coordenativos e subordinativos. Pode-se aplicar para os usos dos conectores o mesmo pressuposto de *continuum*, ou seja, um mesmo conector pode ser utilizado para explicitar relações mais frouxas ou mais integradas.

A análise das questões destacadas nesta seção conduz à noção de um *continuum* no qual os diversos tipos de orações se distribuem de acordo com critérios específicos que distinguem parataxe, hipotaxe e subordinação, que serão mais bem analisados na seção seguinte.

## 1.2 - REVENDO A DICOTOMIA COORDENAÇÃO/SUBORDINAÇÃO

De um ponto de vista funcionalista, Raible (2001), a ligação entre as orações não se restringe a processos como coordenação e subordinação, já que outros processos como a manutenção de referência entre orações encadeadas ou a utilização de *converbs* (formas gerundiais, participais e infinitivas) constituem igualmente formas produtivas de estabelecer coesão e coerência discursivas. Assim, as diferentes formas de conexão de orações só podem ser entendidas em termos de um *continuum*, considerando-se, necessariamente, a integração dos aspectos, sintáticos, semânticos e pragmáticos<sup>6</sup>.

Retomando os termos de Cristófaró (2003), o problema do *continuum* de articulação de orações pode ser formulado da seguinte forma:

(...) mesmo se for possível individualizar tipos distintos de orações subordinadas, por exemplo, orações encaixadas vs. não encaixadas, (i) os tipos de oração não serão internamente consistentes se a estrutura morfossintática for levada em conta, e (ii) a distinção não se justificará para

<sup>5</sup> Como podemos observar no caso da conjunção concessiva “embora” que teria se originado, segundo Ali (1964), da locução adverbial “em boa hora”.

<sup>6</sup> Baseados na noção de dependência e de encaixamento, Folley e Van Valin (1984) propõem a distinção entre subordinação, coordenação e co-subordinação. Coordenação caracteriza-se pela ausência destes dois critérios; subordinação envolve os dois e co-subordinação ocupa uma posição intermediária no *continuum* existente entre coordenação e subordinação.

todos os tipos de ligação de cláusulas encontrados em todas as línguas do mundo. (CRISTÓFARO, 2003 p. 18)

Diversos autores têm proposto que o *continuum* de articulação orações resulta da combinação de diferentes parâmetros independentes. (HALLIDAY, 1994; MATHIESSEM & THOMPSON, 1988; THOMPSON & LONGACRE, 1985; LEHMANN, 1988; KOCH, 1995; HAIMAN & THOMPSON, 1984; FOLLEY & VAN VALIN, 1984; BRAGA, 2001; CASTILHO, 1998; CARONE, 1988 e DECAT, 1999).

Para muitos deles, a articulação de orações releva mais do discurso do que propriamente da sintaxe. Assim, Matthiessen & Thompson (1988) postulam que a gramática de combinação de orações reflete a organização retórica do discurso que se concretiza na forma de listas ou de relação núcleo-satélite. Baseando-se em Halliday (1985), os autores distinguem *encaixamento*, processo em que uma oração complementa a estrutura argumental, de outra de *combinação de cláusulas*, que pode ser por *parataxe* (coordenação) e por *hipotaxe*.

Nessa perspectiva, a concepção binária é substituída por uma proposição ternária em que se distinguem parataxe, hipotaxe e subordinação, a partir da combinação entre os traços dependência e encaixamento, como mostra o contínuo abaixo retomado de Hopper & Traugott (1993, p. 170)

**parataxe > hipotaxe > subordinação**

- dependente + dependente + dependente  
- encaixada - encaixada + encaixada

Nos termos de Halliday (1994), na parataxe, sentenças de igual estatuto encontram-se justapostas; na hipotaxe, combinam-se sentenças de estatuto desigual numa relação de dependência, sem que uma seja parte da outra e no encaixamento ou subordinação, sentenças de estatuto desigual estão em uma relação de dependência, uma funcionando como parte (um argumento) da outra.

Essa formulação possui maior adequação explicativa tanto no plano sincrônico como no plano diacrônico. No plano sincrônico, ela permite separar os casos das denominadas orações integrantes das orações adverbiais que implicam dependência, mas não encaixamento. No plano diacrônico, Hopper & Traugott (1993), por exemplo, propõem uma cadeia de mudanças (gramaticalização) segundo a qual orações paratáticas originariam orações hipotáticas, que, por sua vez, se

desenvolveriam em orações subordinadas, num *continuum* que vai de menor a maior integração sintática<sup>7</sup>.

Alguns outros autores, numa versão mais radical da hipótese de *continuum* evitam isolar tipos de articulação de orações e propõem um conjunto de parâmetros independentes que permitem identificar o grau de subordinação entre duas orações. Haiman & Thompson (1984), adotando esta postura, defendem o abandono da noção de “subordinação” como um primitivo e a consideram como uma noção derivada dos seguintes parâmetros: identidade entre o sujeito das orações, tempo e modo das orações interligadas; redução de uma das orações; incorporação, gramaticalmente sinalizada, de uma das orações; laço entonacional entre duas sentenças; inclusão de uma das orações no escopo da outra; ausência de iconicidade temporal entre as duas orações e identidade de força ilocucionária. Numa direção semelhante, Lehmann (1988) focaliza a questão do contínuo entre a coordenação e a subordinação, a partir de seis parâmetros: a degradação hierárquica da oração subordinada; o nível sintático no qual a oração subordinada está encaixada; dessentencialização; o grau de gramaticalização do predicado principal; entrelaçamento entre as duas cláusulas e a explicitude do conectivo entre as duas cláusulas.

Seguindo esta mesma linha, Decat (1999) reafirma a necessidade de se instituir parâmetros que melhor descrevam a relação entre sentenças no nível do discurso e propõe uma revisão do conceito de independência a partir da ideia de unidade informacional (CHAFE, 1982). Para Decat, nas estruturas encaixadas estariam inseridos os tipos de subordinadas que fazem parte de uma mesma unidade de informação e, nas estruturas hipotáticas, as sentenças que constituem unidades de informação à parte.

Destaca-se até aqui a necessidade de considerar as inter-relações entre sintaxe, semântica e discurso a fim de se compreender a forma como esses diferentes componentes se conjugam na realização das formas de conexão de orações.

---

<sup>7</sup> Tomando como base este princípio de integração dos níveis, Foley & Van Valin (1984) e Givón (1984) postulam que a integração sintática entre duas sentenças se explica em termos do princípio de proximidade, um dos subprincípios do princípio de iconicidade segundo o qual, a vinculação sintática reflete o grau de vinculação semântica entre dois estados de coisas.

## 2 – ASPECTOS DA RELAÇÃO DE ELABORAÇÃO

### 2.1 - A PROPOSTA FUNCIONALISTA DE HALLIDAY

Em Halliday (1985, 1994, 2004), é desenvolvida uma teoria funcionalista segundo a qual a linguagem se organiza em torno de dois sistemas, o *sistema do contexto social*, e o *sistema linguístico*, que se inter-relacionam, formando uma *rede*.

O *sistema do contexto social* é formado por três componentes “campo”, “modo” e “relações”. O componente *campo* diz respeito à atividade social que está sendo desenvolvida no momento de uso da língua; o componente *modo*, à forma de comunicação, fônica ou gráfica, falada ou escrita; o componente *relações*, aos papéis sociais de cada falante e de suas relações.

O *sistema linguístico* se divide em três subsistemas que se inter-relacionam: o *subsistema semântico*, o *subsistema léxico-gramatical* e o *subsistema fonológico*<sup>8</sup>.

O *subsistema semântico* apresenta três metafunções: a metafunção “ideacional” está relacionada à experiência e à percepção que os falantes têm da realidade que está a sua volta e da forma como eles a representam linguisticamente em termos de experiências e em termos lógicos; a metafunção “interpessoal” compreende as relações entre os falantes e suas formas de ação em sociedade; a metafunção “textual” se refere à coerência e à coesão dos textos.

Essas metafunções, por sua vez, estão conectadas ao *subsistema léxico-gramatical*, que também se subdivide em três sistemas: *sistema da Transitividade*, *sistema de Modo e Modalidade* e *sistema Tema-Rema*.

O *Sistema da Transitividade* se refere à forma como os falantes constroem e refletem suas experiências por meio de Processos. Os processos dizem respeito a três componentes: o *processo* em si, que pode ser *material*, *mental*, *relacional*, *comportamental*, *existencial* e *verbal*, representado pelo grupo verbal na oração; os *participantes* envolvidos no processo, representados pelo grupo nominal da oração e as *circunstâncias* associadas aos processos, representadas por grupos adverbiais e sintagmas preposicionais.

O *Sistema de Modo e Modalidade* compreende dois constituintes, o *Modo Oracional* e o *Resíduo*. O *modo oracional* possui dois elementos: o *Sujeito*, responsável pela proposição, e o *Finito*, responsável por estabelecer as relações temporais e modais na proposição; e o *Resíduo*, três elementos: o *Predicador*, o *Complemento* e os *Adjuntos*.

---

<sup>8</sup> Não abordaremos o subsistema fonológico neste trabalho.

O *Sistema Tema-Rema* organiza o fluxo da informação. O Tema se refere à informação previamente dada e o Rema, à informação nova.

Os sistemas semântico e léxico-gramatical se relacionam de tal forma que as metafunções do primeiro são realizadas pelos sistemas do segundo. Assim, a função INTERPESSOAL é realizada pelos sistemas de Modo e Modalidade; a função TEXTUAL pelo sistema Tema-Rema e a função IDEACIONAL, através do componente Experiencial, pelo sistema de *Transitividade* e, através do componente Lógico, pelos tipos de interdependência sintática e pelos tipos de relações lógico-semânticas. O sistema de Táxis diz respeito à forma como as orações se relacionam em termos de parataxe e de hipotaxe e as relações Lógico-semânticas, ao tipo de ligação existente entre as orações, que pode ser de *expansão* ou de *projeção*. A relação de Elaboração, objeto de nossa Tese, consiste, no que diz respeito ao eixo semântico, em um processo de *expansão*.

Neste estudo, interessa-nos mais particularmente a abordagem de períodos complexos proposta por Halliday (1994). O autor investiga as orações complexas<sup>9</sup> segundo dois eixos: o eixo sintático e o eixo semântico. O eixo sintático diz respeito às relações de interdependência entre orações que se podem realizar através da combinação de orações por *parataxe* ou por *hipotaxe* e através da integração de uma oração na estrutura de outra por *encaixamento*<sup>10</sup>.

O eixo semântico se refere às relações proposicionais existentes entre termos ou orações e se agrupam em dois tipos fundamentais: *Projeção (Projection)* e *Expansão (Expansion)*. A *expansão*, por sua vez, se subdivide em *Elaboração (Elaboration)*, *Extensão (Extension)* e *Realce (Enhancing)*.

Na *Projeção*, uma oração se projeta por meio de outra que a apresenta como uma *locução*, uma *ideia* ou um *fato*. Segundo o autor, *projeção* é “a relação lógico-semântica entre orações que têm como função não uma representação direta da experiência (não-linguística), mas a representação de uma representação (linguística)<sup>11</sup>” (HALLIDAY, 2004, p. 441), como podemos observar neste exemplo:

<sup>9</sup> As orações complexas ocorrem quando uma oração núcleo está relacionada a outras orações que a modificam.

<sup>10</sup> Neste trabalho, não investigaremos as orações encaixadas.

<sup>11</sup> “the logical-semantic relationship whereby a clause comes to function not as a direct representation of (nonfinguistic) experience but as a representation of a (linguistic) representation.” (HALLIDAY, 1994, p. 250)



- (4) *Quando você soube que era um escritor? – Eu sempre soube. Não me lembro nem mesmo de ter pensado em fazer outra coisa depois de quinze ou dezesseis anos.*<sup>12</sup> (HALLIDAY, 2004, p. 441)

A Expansão pode instanciar-se em uma Elaboração, uma Extensão ou um Realce. Na Elaboração, uma oração reformula, especifica ou comenta o significado daquela com que se liga.

- (5) *Você está velho demais para esse jogo; você não poderia se curvar.*<sup>13</sup> (HALLIDAY, 2004, p. 398)

Na Extensão, uma oração estende o significado de outra, acrescentando algum elemento novo, como podemos observar neste exemplo do JB:

- (6) *Ele tinha sido um estudante de história medieval na faculdade e eu também estava interessado em literatura medieval*<sup>14</sup>. (HALLIDAY, 2004 p. 406)

No Realce, um oração fornece algum traço circunstancial relativo a tempo, lugar, modo, causa ou condição para o estado de coisas descrito na oração núcleo:

- (7) *Corri para baixo e lá estava ele, quase totalmente vestido de trás para frente*<sup>15</sup>. (HALLIDAY, 2004 p.413)

Ao classificar as construções que são objeto de nossa análise nos deparamos, em muitas ocorrências, com uma fronteira bastante tênue entre Elaboração e Projeção. Embora Halliday (2004) considere-as como relações distintas, como apontaremos na seção 5.2.1, alguns tipos de SN, demonstram estar perdendo sua função ideacional e assumindo uma função essencialmente textual, atuando apenas no plano da organização do texto, como é o caso, principalmente, do SN “o seguinte”. Entretanto, optamos por considera-lo como um caso de elaboração, porque ainda concorre com estruturas do tipo *X é o seguinte*, em que a posição X é ocupada por SNs com conteúdo semântico, como no exemplo abaixo:

<sup>12</sup> “When did you know you were a writer? – I always knew. I can’t remember even considering doing anything else after I was about fifteen or sixteen”. (HALLIDAY, 2004, p. 441)

<sup>13</sup> “You’re too old for that game; you couldn’t bend over”. (HALLIDAY, 2004, p. 398)

<sup>14</sup> “He’d been a medieval history student in college and I was interested in medieval literature, too”. (HALLIDAY, 2004 p. 406)

<sup>15</sup> “I ran downstairs and there he was nearly fully dressed, all back to front”. (HALLIDAY, 2004 p. 413)

- (8) *F: Frequento com o padre João- eu estou há quinze ano na feira da ruas. Eu fui o fundador das feira da rua.*  
*F: Isso é- a feira da ruas é o seguinte: é, cada rua monta uma barraca e a renda [da] [da] – da rua é para a igreja, entendeu? Ah! Essa festa dá muito dinheiro! (Amostra Censo 80 – Falante 07)*

A recorrência desse tipo de estrutura indica a possibilidade de subentender um N que foi apagado na na posição X.

Como Braga (2001), destacamos a importância da introdução do eixo lógico-semântico na análise da articulação de orações, possibilitando, de um lado, um estudo sintático das reproduções dos discursos direto, indireto e indireto-livre, deixadas de lado pela tradição gramatical e, de outro, a confirmação de que uma mesma relação semântica pode se manifestar por diferentes nexos sintáticos<sup>16</sup>, como ocorre, por exemplo, com a relação de Elaboração que se pode vincular quer por parataxe quer por hipotaxe. Além disso, a inter-relação entre os sistemas de interdependência e o lógico-semântico associada à noção do *continuum* proposto por Hopper & Traugott (1993) confere uma análise mais coerente das orações complexas.

## 2.2. PRESSUPOSTOS DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA

A Teoria da Estrutura Retórica (daqui para frente TER), modelo desenvolvido, inicialmente, com o objetivo de programar um gerador automático de textos, é uma teoria da estrutura e da função do discurso. Segundo Mann & Thompson (1985), a TER surgiu do desejo de entender texto e comunicação, de apreender e formalizar como os textos podem ser criados, ou seja, como diferentes partes de um texto se conectam para formar um todo coeso e coerente. Em resumo, a TER oferece uma explanação da coerência dos textos<sup>17</sup>.

A coerência é entendida, nesta perspectiva teórica, em termos de uma hierarquia resultante do fato de que toda parte de um texto tem um papel, uma função com relação às outras partes. Para demonstrar essa hierarquia, a TER propõe estruturas que pertencem a dois níveis diferentes: em um primeiro nível, estão as *relações retóricas* e a *nuclearidade* e em um segundo nível, os *esquemas*

<sup>16</sup>Confira, também, Paiva (1998), Braga, (1995).

<sup>17</sup> Segundo Taboada & Mann (2006), coerência pode ser definida, negativamente, como a ausência de sequências ilógicas ou lacunas nos textos.

*retóricos*, padrões pré-definidos que especificam como porções do texto<sup>18</sup> (*text span*) se relacionam para formar porções maiores ou o texto como um todo.

As relações retóricas podem ser classificadas, quanto à nuclearidade, em relações *núcleo-satélite* e em relações *multinucleares*. Em alguns pontos, essa distinção é paralela à distinção gramatical entre hipotaxe e parataxe, na proposição de Halliday (1985). As duas oposições se distinguem, no entanto, na medida em que, segundo Mathiessen & Thompson (1988), as relações retóricas ocorrem nos textos independentemente da articulação de orações. Estabelece-se relação núcleo-satélite, quando se relacionam duas porções de textos, em que uma é nuclear e a outra complementar, como podemos observar no esquema abaixo:

Relação núcleo-satélite:



**Figura 1:** esquema da relação núcleo-satélite

A fim de ilustrar o esquema acima, tomemos o seguinte exemplo<sup>19</sup>:

- (9) *As denúncias que resultaram na demissão do ex-subchefe de Assuntos Parlamentares Waldomiro Diniz são gravíssimas. Devem ser apuradas até as últimas consequências. Mas um cuidado é preciso ter: o de não permitir que o ocorrido contribua para golpear ainda mais a fé do brasileiro em seus partidos, líderes políticos e instituições. (O GLOBO 19-02-04)*

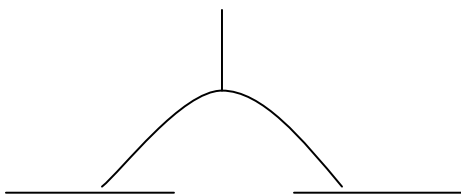
Observemos as duas porções destacadas no exemplo acima: “um cuidado” e “o de não permitir que o ocorrido contribua para golpear ainda mais a fé do brasileiro em seus partidos, líderes políticos e instituições”. A primeira, considerada núcleo, contém a informação básica, enquanto a segunda, considerada satélite, a informação adicional, caracterizando, no caso, uma relação de Elaboração.

Na relação multinuclear, se relacionam duas ou mais porções de texto nucleares, representadas no esquema abaixo:

<sup>18</sup> Intervalo linear do texto sem interrupções. (MANN & THOMPSON, 1987).

<sup>19</sup> Os grifos nesse exemplo são nossos.

Relação multinuclear:



**Figura 2:** esquema da relação multinuclear

Voltemos ao exemplo (9), nele há, além da relação núcleo-satélite de Elaboração, uma relação multinuclear. Se nos detivermos na porção de texto que precede o núcleo da relação de Elaboração, perceberemos que o núcleo “Devem ser apuradas até as últimas consequências” constitui uma alternativa e que o outro núcleo, “Mas um cuidado é preciso ter”, uma outra alternativa, instanciando uma relação de Contraste.

As relações retóricas podem ainda ser classificadas, de acordo com seu efeito perlocucionário em relações de apresentação e relações de conteúdo. As *Relações de Apresentação* são de natureza pragmática e buscam aumentar uma inclinação no leitor, como o desejo de agir, ou um alinhamento positivo de observar ou aceitar aquilo que é apresentado no núcleo. As *Relações de Conteúdo*, por sua vez, são de natureza semântica e buscam fazer com que o leitor reconheça a relação em questão (MANN & THOMPSON, 1988). Em outros termos, elas são planejadas para fazer o leitor reconhecer que há uma relação de significado Ideacional – descrição do mundo real - entre duas partes do texto. Dado o seu efeito perlocucionário direto, estas relações são pragmaticamente simples.

De acordo com a nuclearidade e com o efeito perlocucionário, é possível identificar dois conjuntos distintos de relações entre porções textuais. Sob o rótulo de *Relações Núcleo-satélite de Apresentação* se abrigam relações como as de Antítese; Concessão; Fundo; Capacitação; Evidência; Justificativa; Motivação; Preparação; Reformulação; Resumo. Sob o rótulo de *Relações Núcleo-Satélite de Conteúdo* encontram-se as relações de Causa voluntária; Causa involuntária; Resultado voluntário; Resultado involuntário; Alternativa; Propósito; Solução; Elaboração; Circunstância; Condição; Avaliação; Interpretação. Mais recentemente, Mann (2005) inclui nesse conjunto as relações *Condição inversa*; *Incondicional* e *Método*. No conjunto das *Relações Multinucleares*, encontram-se: Contraste; União;

Lista; Sequência e ainda (MANN, 2005) *Conjunção; Disjunção e Reformulação involuntária*.

A caracterização de cada uma destas relações retóricas pode ser encontrada nos trabalhos de Mann & Thompson (1986, 1988) e Mann (2005)<sup>20</sup>. Dado o objeto de estudo desta Tese, detemo-nos de forma mais aprofundada na relação de Elaboração.

O modelo de Halliday, embora Funcionalista, situa a questão da conexão de orações no inter-relacionamento entre dois eixos (o sintático e o lógico-semântico). A Teoria da Estrutura Retórica, por sua vez, enfatiza o eixo discursivo, tomando a organização do período como um reflexo da forma como se organizam as unidades discursivas.

### 2.3 – A RELAÇÃO DE ELABORAÇÃO

A relação de Elaboração, um subtipo da relação de expansão para Halliday (1985,1994, 2004), se realiza nos contextos em que uma parte do texto elabora ou especifica o conceito expresso pela outra parte (HALLIDAY, 1994; MATHIESSEN & THOMPSON, 1988; MANN & THOMPSON, 1986, MANN, 2005; TABOADA & MANN, 2006).

Na perspectiva da TER, a Elaboração instancia uma relação núcleo-satélite em que o segmento Satélite apresenta o detalhe adicional sobre a situação ou algum elemento do objeto sob discussão que é apresentado no Núcleo ou acessível através de inferências por ele autorizadas (MANN & THOMPSON, 1986; MATHIESSEN & THOMPSON, 1988; MANN, 2005; TABOADA & MANN, 2006). Nos termos de Halliday (1994), ela se realiza nos contextos em que uma parte do texto elabora ou especifica o significado expresso pela outra parte.

Do ponto de vista semântico, podem ser estabelecidos diferentes tipos de relação entre os segmentos núcleo e satélite: Grupo-membro; Abstração-exemplo; Todo-parte; Processo-etapa; Objeto-atributo, como ilustram os exemplos a seguir, retomados de Mann & Thompson (1986, p. 64).

#### 1. Grupo-membro

---

<sup>20</sup> Cf. também Antonio (2004;2008).

(10) *Amo colecionar automóveis. Meu favorito é um Duryea 1899*<sup>21</sup>.

## 2. Abstração-exemplo

(11) *Eu gosto de sorvete. Realmente tenho uma queda por doces*<sup>22</sup>.

## 3. Todo-parte

(12) *Karen é tão fotogênica. Seu sorriso é perfeito*<sup>23</sup>.

## 4. Processo-etapa

(13) *Está na hora de fazer nosso bolo. Vou pegar leite e ovos*<sup>24</sup>.

## 5. Objeto-atributo

(14) *Sou o Oficial Jordan. Nasci em 1952 e entrei para a força policial em 1970*<sup>25</sup>.

No eixo sintático, de acordo com a proposta de Halliday (1994), a relação de elaboração pode se instanciar no processo de *parataxe*, de *hipotaxe* ou de *encaixamento*. A Elaboração por *hipotaxe* corresponde às orações adjetivas explicativas; a Elaboração por *encaixamento*, por sua vez, corresponde às orações adjetivas restritivas ou às orações chamadas “contact clause<sup>26</sup>”, em inglês.

A Elaboração por *parataxe* é subdividida em três tipos: *Exposição*, *Exemplificação* e *Elucidação* (“*clarification*”). Na *Exposição*<sup>27</sup>, a segunda porção discursiva expõe, com outras palavras, a tese presente na primeira. Apresenta-a de

<sup>21</sup> *I love to collect classic automobiles. My favorite car is my 1899. Duryea.* (MANN & THOMPSON, 1986, p. 64).

<sup>22</sup> *I like ice cream. I really have a sweet tooth.* (MANN & THOMPSON, 1986, p. 64).

<sup>23</sup> *Karen is so photogenic. Her smile is perfect.* (MANN & THOMPSON, 1986, p. 64).

<sup>24</sup> *It's time to make our cake. I'm going to take out the milk and eggs.* (MANN & THOMPSON, 1986, p. 64).

<sup>25</sup> *I'm Officer Jordan. I was born in 1952 and I joined the police force in 1970.* (MANN & THOMPSON, 1986, p. 64).

<sup>26</sup> As cláusulas de contato são as relativas nas quais o pronome pode ser descartado, como por exemplo (*he told em the tales he told.*) (HALLIDAY, 1994, p. 243).

<sup>27</sup> Essa relação pode ser explicitada por expressões conjuntivas, como por exemplo: “*in other words*” ou “*that is to say*, e, na escrita, “*i. e.*”.

outro ponto de vista, ou apenas reforça a mensagem, como se pode observar no exemplo abaixo, extraído de Halliday (1994, p. 226):

- (15) *Cada argumento era fatal para o outro: ambos não poderiam ser verdadeiros*<sup>28</sup>.

Na *Exemplificação*<sup>29</sup>, a segunda porção discursiva desenvolve a tese da primeira, tornando-a mais específica, através de um exemplo, como ilustra o trecho (16)

- (16) *Sua face é a mesma que todo mundo tem – dois olhos, nariz no meio, boca em baixo*<sup>30</sup>. (HALLIDAY, 1994, p. 226)

Na *Elucidação*<sup>31</sup> (“*clarification*”), a segunda porção discursiva esclarece a tese da primeira oração, como neste exemplo, retirado do autor:

- (17) *Não estava surpreso – isso era o que eu tinha esperado*<sup>32</sup>. (HALLIDAY, 1994, p. 226)

Halliday sustenta que a maioria das orações que realiza a relação semântica de *Elaboração* vem justaposta, podendo haver, no entanto, elaborações introduzidas por conjunções. Nesse caso, destaca o autor, as conjunções não são marcas estruturais da relação paratática; elas são mais coesivas do que estruturais.

O autor admite que, na modalidade falada, é difícil decidir quando estas orações formam ou não uma oração complexa. Postula, contudo, que o modelo de entonação e a relação de elaboração podem ser um critério para defini-las. Na modalidade escrita, podem vir marcadas pelo sinal de pontuação, “dois pontos”. Afirma, entretanto, que essa pontuação é recente e nunca é usada consistentemente. Por isso, as abreviações: “*i.e.*”, “*e. g.*” e “*viz*” foram introduzidas antes do sinal de dois pontos e ainda hoje continuam sendo usadas.

<sup>28</sup> *Each argument was fatal to the other: both could not be true.* (HALLIDAY 1994, p. 226)

<sup>29</sup> Nessa relação, as conjunções presentes são: “*for example*”, “*for instance*”, “*in particular*” ou, na escrita, “*e.g.*”.

<sup>30</sup> *Your face is the same as everybody else has – the two eyes so, nose in the middle, mouth under.* (HALLIDAY, 1994, p. 226)

<sup>31</sup> Neste tipo, são comuns expressões como “*in fact*”, “*actually*”, “*indeed*”, “*at least*” ou, na escrita, as abreviações: “*i.e.*” e “*viz*”.

<sup>32</sup> *I wasn't surprised – it was what I had expected.* (HALLIDAY, 1994, p. 226)

Com relação à sinalização, a relação retórica não se distingue do que se observa em outras relações, como mostra Taboada (2006). Com relação a esse aspecto, três problemas se apresentam: o primeiro diz respeito aos estudos sobre marcas discursivas se concentrarem em marcas explícitas da linguagem escrita, deixando de lado fatores como modo, modalidade ou entonação. O segundo se refere ao fato de que algumas relações, como Concessão, Condição, Causa, Resultado e Objetivo são mais sinalizadas do que aquelas relações que podem ser estabelecidas entre duas ou mais sentenças tais como Elaboração e Evidência. Em terceiro lugar, relações retóricas distintas podem estar associadas a marcas de natureza distinta.

A Elaboração, relação que nos interessa neste estudo, segundo a autora, pode ser sinalizada pelas conjunções “e” e “mas”, pelas locuções adverbiais “de fato”, “em adição”, frequentemente, pelas marcas de pontuação, vírgula, ponto e vírgula, travessão e parênteses. Entretanto, os resultados de Taboada sugerem que há uma maior frequência de relações de Elaboração não sinalizadas.

As considerações acima se concentram, na maioria das vezes, em casos em que uma proposição elabora o conteúdo expresso em outro. Como já explicitamos na introdução, neste estudo focalizamos a Elaboração que se liga a sintagmas nominais, em estruturas que, em alguns aspectos se assemelham às estruturas apositivas na forma como são definidas, por exemplo, por Meyer (1992), Nogueira (1999, 2005) Nogueira & Leitão (2004) e Dias (2004, 2006). Nesses estudos, aposição é considerada um processo mais abrangente que engloba construções mais prototípicas e menos prototípicas numa relação de gradação quanto às suas características.



### 3- FALA E ESCRITA E O CONTINUUM DE GÊNEROS TEXTUAIS.

Neste capítulo, discutimos inicialmente os conceitos de gênero e tipo textual, para, em seguida, mostrar a forma como eles se relacionam a uma abordagem não dicotômica das modalidades falada e escrita.

#### 3.1 – GÊNERO TEXTUAL E TIPO DE TEXTO

Antes de caracterizar gênero e tipo textual, cumpre precisar o significado de termos como “texto”, “discurso” e “domínio discursivo”, que serão utilizados nesta seção e na seguinte. Segundo Marcuschi (2007), “*texto* é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. *Discurso* é aquilo que se produz ao se manifestar em alguma instância discursiva” (MARCUSCHI, 2007 p. 24). Esta instância discursiva constitui o *domínio discursivo*, o qual dá origem a vários discursos específicos, tais como o discurso acadêmico, jurídico, militar etc.

Dentro dessa perspectiva, os gêneros textuais podem ser diferenciados em termos dos seus objetivos comunicativos, de sua organização estrutural e de seus traços linguísticos predominantes. Resumidamente, constituem, de acordo com a posição de *Bakhtin* (2000 [1979]), formas padronizadas e mais ou menos estáveis de enunciados, produzidos em esferas de comunicação específicas.

O pressuposto de estabilidade de práticas linguístico-sociais que resultam em diferentes gêneros é sustentado igualmente por Bazerman (2005), que a concebe da perspectiva do interlocutor. Para o autor, as pessoas reconhecem os gêneros pela denominação, institucionalização ou regularização, dessa forma, os gêneros podem ser considerados rotinas sociais do dia-a-dia.

Para Marcuschi (2008), os gêneros possuem, além de um componente cultural, um componente cognitivo, constituem uma forma de ação social e são dinâmicos, podendo se modificar na medida em que se imponham mudanças sócio-culturais. Como mostraremos na seção seguinte, o autor (Op. Cit) entende ainda que a noção de gêneros textuais se situa no contínuo entre fala e escrita, distribuindo-se entre gêneros orais e escritos familiares, gêneros jornalísticos, acadêmicos, publicitários etc, de acordo com suas características prototípicas.

Um outro conceito que tem ocupado um espaço central não só na Linguística Textual como na compreensão de fenômenos variáveis da fala e da escrita é o de Tipo Textual. Marcuschi (2007), por exemplo, mostra que, equivocadamente, a expressão “tipo de texto” muitas vezes é utilizada para se referir a gênero textual, uma unidade maior que, se, em alguns aspectos, superpõe-se a tipo de texto, por outro, não se identifica com esse conceito. Num mesmo gênero textual podem ser realizados diversos tipos de texto. Segundo o autor (Op. Cit., 2008), os tipos de textos devem ser definidos em termos dos seus traços linguísticos predominantes, o que formaria sequências típicas e não propriamente um texto. Diferentes conjugações desses traços linguísticos resultam numa tipologia variada.

A noção de sequência é entendida por Adam (1992 p. 218) como unidade estrutural relativamente autônoma que se organiza e se integra para constituir uma macroestrutura (Cf. também VAN DIJK 1980). De acordo com Adam, as sequências podem ser agrupadas, de acordo com suas características prototípicas em cinco tipos básicos<sup>33</sup>, Narrativas, Descritivas, Argumentativas, Explicativas e Dialogais.

É possível distinguir essas sequências em termos do esquema prototípico de cada uma delas. O esquema prototípico da sequência narrativa pode ser descrito a partir de cinco macro-proposições, situação inicial, complicação, (re)ações, situação final e moral. O esquema da sequência argumentativa é constituído por três fases: premissas, apresentação de argumentos, contra-argumentos e conclusão. O esquema da sequência descritiva<sup>34</sup>, embora não apresente uma ordem fixa, é composto por quatro macro-proposições prototípicas: ancoragem; aspectualização, colocação em relação e encaixamento por subtematização. O esquema da sequência explicativa constitui-se de quatro fases, constatação inicial, problematização, resolução, conclusão-avaliação. A sequência dialogal constitui-se de três fases, abertura, transacional e encerramento. Cada uma delas pode ser decomposta em unidades dialogais ou trocas, compostas de intervenções ou turnos. Para Adam, esta sequência é a que mais se associa aos gêneros textuais característicos da comunicação oral: a conversação.

---

<sup>33</sup> Segundo Adam (1992), os textos injuntivos são organizados de acordo com as mesmas fases dos textos descritivos. Para o autor, esses textos seriam descrições de ações.

<sup>34</sup> Segundo Adam, a sequência descritiva é a menos autônoma de todas e dificilmente predomina em um texto.

Enquanto Adam (1992) prioriza os padrões de organização da estrutura global do texto, Paredes Silva (1997) conjuga os aspectos estruturais e funcionais na caracterização de tipo de texto. A autora afirma que a denominação *tipos de texto* diz respeito às estruturas discursivas, aos modos de conduzir e organizar o discurso. Quanto aos aspectos formais, pode-se reconhecer o tipo de texto por marcas relativas ao tempo, modo e aspecto verbais e a preferência pela 1ª, 2ª ou 3ª pessoa; quanto aos semânticos, pela natureza semântica do verbo e pela unidade semântica focalizada, tais como entidades, eventos, proposições.

No nível da estrutura interna da língua, as sequências narrativas caracterizam-se por focalizarem eventos e por apresentarem verbos de aspecto perfectivo, do tipo material, preferência pela 1ª ou 3ª pessoas, pelo uso de conectores temporais.

Os textos descritivos se centralizam em entidades, apresentam verbos em formas não perfectivas, preferência por formas verbais de 3ª pessoa, predicados do tipo estativo, uso de adjetivação, de orações relativas e de estruturas nominais.

Os textos procedurais<sup>35</sup> focam os processos, apresentam verbos no imperativo, formas impessoais, organização sequencial e um predomínio de orações independentes.

Nas sequências textuais expressivas, predominam verbos no tempo presente, predicados com verbos de opinião, avaliativos ou subjetivos, geralmente, verbos do tipo mental e formas pronominais de 1ª pessoa.

As sequências explicativas ou expositivas se caracterizam pela predominância de verbos no presente, predicados do tipo relacional, orações explicativas, predicado nominal, maior ocorrência de conectores do tipo lógico, principalmente, hipotáticos.

As argumentativas, por sua vez, se centram em proposições e apresentam verbos do tipo mental em suas formas não perfectivas, construções hipotéticas, grande frequência de relações de interdependência, hipotaxe e encaixamento, uso de operadores argumentativos e de modalizadores.

As sequências dialógicas estão associadas à maior recorrência de verbos dicendi, ao uso de dêiticos e à alternância entre as 1ª e 2ª pessoas.

Segundo a autora, esses traços linguísticos se atualizam em “unidades comunicativas bem delimitadas, ocorrendo em contextos específicos (...). Por

---

<sup>35</sup> As procedurais são chamadas por Koch & Fávero (1987) de Injuntivas.

exemplo, a conferência, a estória, a piada, a reportagem policial, o editorial, a carta<sup>36</sup> etc". (PAREDES, 1997 p. 91). As estruturas do tipo narrativo, por exemplo, se realizam em unidades como estórias, contos e relatos; as do tipo expressivas, em cartas de recomendação.

A interseção de diferentes dimensões numa caracterização de tipos de textos é sustentada igualmente por Koch e Fávero (1987). As autoras afirmam que é necessário considerar três dimensões distintas: a *dimensão pragmática*, relacionada aos macroatos de fala de Van Dijk (VAN DIJK, 1976 *Apud* Koch & Fávero 1987, p. 3) e aos diversos modos de atualização dos textos em situações comunicativas; a *dimensão esquemática global*, relacionada às superestruturas de Van Dijk (Op. Cit.) e a dimensão linguística de superfície, que diz respeito às marcas (sintático/semânticas) encontradas no texto e que fornecem pistas que possibilitam ao ouvinte/leitor formular hipóteses sobre o tipo de texto. Conjugando essas três dimensões, as autoras distinguem os tipos de texto narrativo, descritivo, expositivo ou explicativo, argumentativo, injuntivo e peditivo.

A dimensão pragmática na forma como é concebida pelas autoras envolve não só as atualizações das sequências textuais em gêneros particulares como também outras características, como mostramos no quadro abaixo:

---

<sup>36</sup> A autora se refere aos gêneros textuais como unidades comunicativas. Atualmente, Paredes (2005) adota a diferença entre tipos e gêneros. Dessa forma, os tipos de texto seriam sequências, estruturas presentes na língua com marcas linguísticas específicas, formando um conjunto limitado de sequências que variam dependendo do autor, mas que, geralmente, são classificadas como narração, descrição, argumentação, explicação, exposição e inunção (cf., por exemplo, BRONCKART, 1999; ADAM, 1992 e MARCUSCHI, 2002) e os gêneros corresponderiam a uma atualização desses tipos em circunstâncias concretas de comunicação.

Quadro 1 - Caracterização dos tipos de texto a partir da dimensão pragmática segundo Koch & Fávero (1987, p. 5-8)

<b>Tipo de Texto</b>	<b>Dimensão pragmática</b>
Narrativo	Macro-ato: asserção de enunciados de ação. Atitude comunicativa: mundo narrado (WEINRICH, 1971 <i>apud</i> KOCH e FÁVERO 1987) Atualizações em situações comunicativas: romances, contos, novelas, reportagens, noticiários etc.
Descritivo	Macro-ato: asserção de enunciados de estado/situação. Atitude comunicativa: mundo narrado ou mundo comentado Atualizações em situações comunicativas: caracterização de personagens (física e/ou psicológica) e do espaço (paisagens e ambientes) em narrativas; relatos de experiências ou pesquisas, reportagens etc.
Expositivo ou explicativo	Macro-ato: asserção de conceitos. Atitude comunicativa: fazer saber. Atualizações em situações comunicativas: manuais didáticos, científicos, obras de divulgação etc.
Argumentativo	Macro-ato: convencer, persuadir. Atitude comunicativa: fazer crer, fazer fazer. Atualizações em situações comunicativas: textos publicitários, propagandísticos, peças judiciais, matérias opinativas.
Injuntivo ou diretivo	Macro-ato: direcionar, orientar. Atitude comunicativa: fazer saber fazer. Atualizações em situações comunicativas: manuais de instruções, receitas culinárias etc.
Preditivo	Macro-ato: predizer (asserções sobre o futuro) Atitude comunicativa: fazer crer e/ou fazer saber. Atualizações em situações comunicativas: horóscopos, Profecias, boletins meteorológicos, previsões em geral etc.

As autoras ressaltam que, apesar de haver um tipo argumentativo “strictu-sensu” para enquadrar aqueles textos em que a intenção de convencer/persuadir atingiria seu grau máximo, a argumentatividade está presente em todos os tipos de textos: a narrativa é feita a partir de um ponto de vista; a descrição, a partir dos objetivos pretendidos e a exposição, a partir da tomada de posição, distribuindo-se, assim, num contínuo argumentativo.

### 3. 2 – FALA E ESCRITA

Como já adiantamos na introdução, analisamos a relação semântica de Elaboração, buscando compreender as formas que ela adquire no discurso falado e escrito. Faz-se necessário, portanto, precisar a forma como concebemos as relações entre as duas modalidades. Alinhando-nos à concepção defendida por autores como Chafe (1982), Biber (1988), Marcuschi (2001, 2007, 2008), Fávero, Andrade & Aquino (2007); Koch, (2007, 2008), partimos do pressuposto de que as diferenças entre fala e escrita<sup>37</sup> têm de ser vistas em termos de um *continuum* que envolve necessariamente os gêneros discursivos.

Embora preceda a escrita tanto do ponto de vista ontogenético como filogenético, a fala não pode ser considerada primária. Fala e escrita são, na verdade, diferentes realizações do mesmo sistema linguístico (HYMES, 1974; BIBER, 1988; HALLIDAY, 1994; MARCUSCHI, 2001; FÁVERO, ANDRADE & AQUINO, 2007; KOCH, 2008). Por serem modalidades de um mesmo sistema, apresentam similaridades e diferenças associadas, na perspectiva de Chafe (1982), a aspectos como velocidade, características interacionais e de estilo.

As diferenças provenientes da velocidade de produção decorrem da maior rapidez da fala com relação à escrita. De acordo com Chafe (Op. Cit.), a fala é produzida em jatos que o autor denomina “unidades entonacionais”. Cada unidade entonacional corresponde a uma unidade de ideia e se caracteriza por exibir um contorno entonacional coerente e ser limitada por pausas. Quando falamos, produzimos uma unidade de ideia em cada ocasião; quando escrevemos, por outro lado, temos tempo para moldar uma sucessão de ideias mais complexas, mais coerentes e mais integradas, o que não ocorre na fala.

As divergências de ordem interacional, segundo Chafe (1982), decorrem da presença simultânea dos interlocutores no mesmo tempo e no mesmo espaço na

---

<sup>37</sup> Até o final do século XIX, as análises linguísticas priorizavam a pesquisa da língua escrita, que era considerada como representação ideal da linguagem. Os estudos da Fala tem seu início com os irmãos Grimm na Alemanha e com Sweet e Jones na Inglaterra quando a fonética passa a ser uma disciplina autônoma. Estes estudos resultaram na concepção de que a fala é primária e, por isso, a escrita seria derivada da fala.

fala, o que não ocorre na comunicação escrita, situação em que escritor/leitor se encontram distanciados no tempo e no espaço<sup>38</sup>.

As diferenças de estilo procedem do grau de formalidade, por exemplo, na fala, uma conversa do dia-a-dia é informal, já uma conferência é formal. Na escrita, ocorre a mesma variação: uma carta pessoal é informal, já a escrita acadêmica é formal.

Ainda segundo Chafe (Op. Cit.), essas diferenças se associam a outras como a *fragmentação*, a *integração*, a *imparcialidade* e o *envolvimento*. A *fragmentação* é entendida em termos de maior recorrência de orações sem conectivos ou ligadas por conjunções coordenativas, na fala. Tal posição é, no entanto, discutível, pois, como destaca Halliday (1977), a subordinação está associada à produção restrita, característica da fala, quando há poucas oportunidades de elaborar o discurso através de escolhas lexicais precisas.

A *integração* se refere à forma de embalagem da informação na tessitura textual, que, na escrita, pode envolver maior recurso a nominalizações, conjunções e outros elementos de maior estreitamento sintático. O *afastamento* é caracterizado pelo maior ou menor emprego de estratégias que permitem distanciar a linguagem do evento concreto, tais como voz passiva e nominalizações. O *envolvimento* se concretiza em aspectos como uso de primeira e segunda pessoas; de verbos de processo mental, tais como “penso” e “acho”; de expressões coloquiais; de partículas enfáticas; de expressões vagas, como “coisa”, “tipo” etc e de discurso direto<sup>39</sup>.

Esses critérios são utilizados pelo autor para quem a fala é fragmentada e se caracteriza por maior envolvimento do falante. A escrita, por sua vez, é mais integrada e mais imparcial. Para Koch & Oesterreicher (1990, *apud* KOCH, 2008), essas diferenças decorrem não apenas do *medium*<sup>40</sup>, oral ou escrito como também da proximidade/distância (física, social etc). Como destaca Koch (2007, 2008), dicotomias baseadas na noção de supremacia da escrita, como:

- fala contextualizada, escrita descontextualizada;
- fala implícita, escrita explícita;

---

<sup>38</sup> Entretanto, atualmente, na comunicação pela *Internet*, observam-se, segundo Marcuschi (1999) características semelhantes as da interação face a face.

<sup>39</sup> Halliday (1994) afirma que o texto escrito possui maior densidade lexical, mas que, ao contrário do que geralmente é afirmado, o texto falado possui maior complexidade sintática.

<sup>40</sup> Meio de realização da língua, fônico ou gráfico.

- fala não planejada, escrita planejada etc.

levam a uma percepção distorcida de que a fala é descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem planejamento. O problema se situa mais nos critérios utilizados para opor fala e escrita do que no fato de reconhecer que cada uma dessas modalidades possui algumas características próprias: enquanto a fala apresenta-se como um processo, a escrita é o resultado de um processo. (KOCH, 2008). Além disso, em situações de interação face a face ocorrem pressões de ordem pragmática que impõem à fala falsos começos, truncamentos, correções, hesitações, inserções, repetições e paráfrases.

No que se refere à maior ou menor recorrência de certas estruturas linguísticas na fala ou na escrita, Chafe (1982) e Biber (1988) alertam quanto à sua correlação com parâmetros como formal e informal, interativo e não interativo, coloquial e literário, restrito e elaborado, “dimensões” que impõem cautela na determinação das diferenças entre fala e escrita.

As dimensões destacadas por Biber (1988) conduzem à necessidade de olhar as diferenças entre fala e escrita em termos de um *continuum* que leve em consideração as circunstâncias sócio-cognitivas de sua produção (KOCH, 2008). Assim, por exemplo, a afirmação de que na fala há mais envolvimento do que na escrita não se aplica de forma generalizada se considerarmos que, em um bilhete informal ou uma carta pessoal, meio escrito, há mais envolvimento do que em um noticiário televisivo, meio falado.

Seguindo a mesma linha de pensamento, mas com enfoque interacionista, Marcuschi (2001, 2008) propõe que a fala é uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral e se caracteriza pelo uso da língua na forma de sons sistematicamente articulados e significativos associados a aspectos prosódicos. Envolve, ainda, meios expressivos, tais como a gestualidade, os movimentos corporais e a mímica. Já a escrita é um modo de produção textual-discursivo para fins comunicativos com certas especificidades materiais. A escrita caracteriza-se por sua constituição gráfica, envolvendo ainda recursos de ordem pictórica e outros.

Entretanto, como bem mostra o autor, os textos falados e escritos se entrecruzam sob muitos aspectos e algumas vezes constituem domínios mistos. A interpenetração dos gêneros pode ser observada tanto no meio de produção (sonoro/gráfico) como na sua concepção discursiva (oral/escrita). Um exemplo são



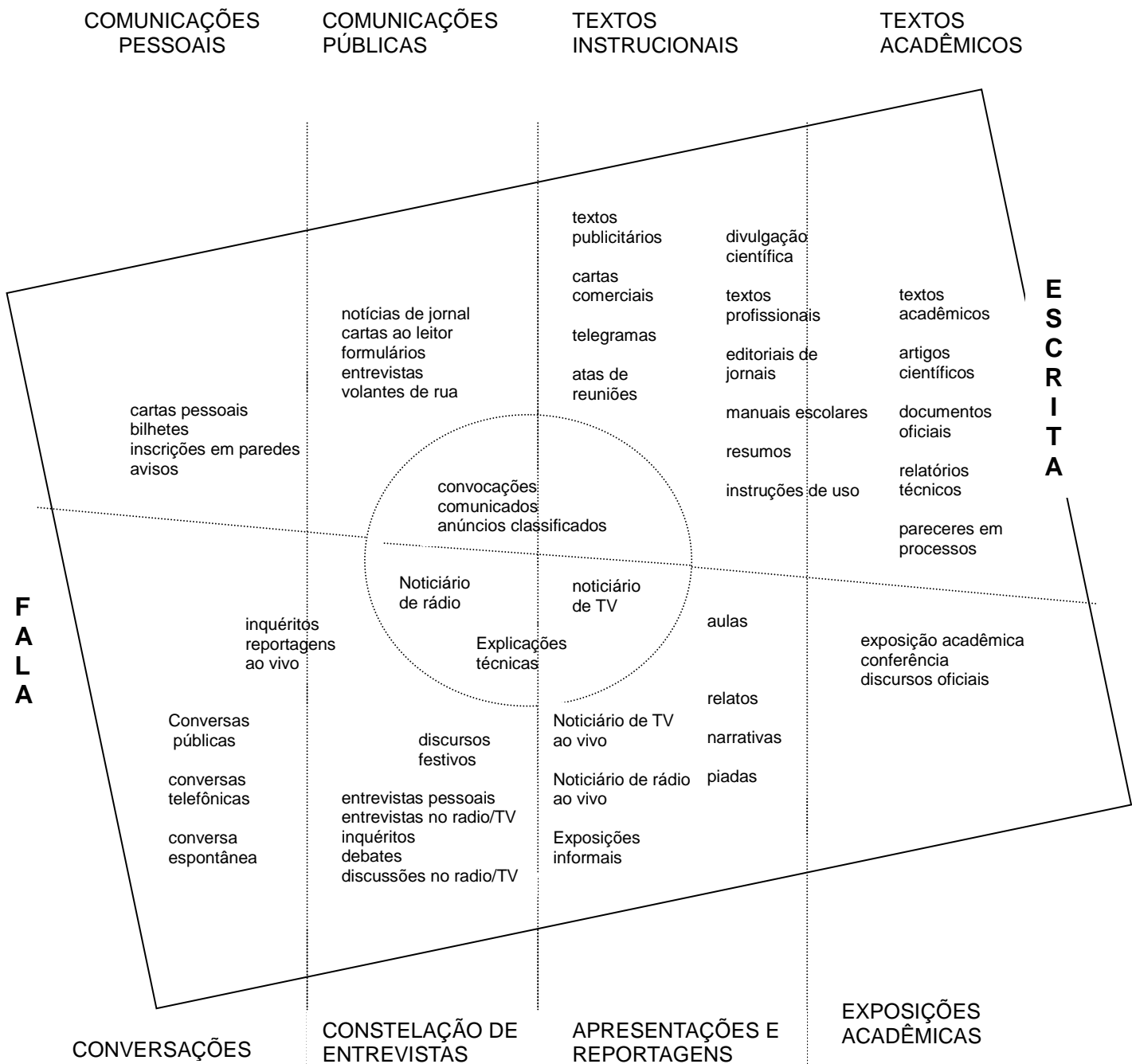
os noticiários televisivos que apresentam a concepção discursiva escrita, mas o meio de produção é sonoro.

Inspirando-se em Biber (1988), o autor postula que as diferenças entre fala e escrita não se estabelecem numa relação dicotômica entre dois pólos opostos, mas no interior de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual. Marcuschi (2001, p. 42) explica a noção de *continuum* nos seguintes termos:

“O *contínuo dos gêneros* textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuos sobrepostos*”

Em outros termos, o contínuo entre fala e escrita parece ter seu correlato no contínuo dos gêneros textuais, como podemos verificar no quadro abaixo, reproduzido de Marcuschi (2001, p. 41).

Quadro 2 - Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita (Reproduzido de Marcuschi, 2001, p. 41).



Uma questão envolvida nessa perspectiva se refere à determinação dos parâmetros ou dimensões que permitem particularizar um gênero em relação a outro no que se refere ao seu grau de formalidade. Biber (1988), adotando um ponto de vista macroscópico, propõe seis dimensões de variação entre textos que, conjugados entre si, determinam um *continuum* entre gêneros como editoriais,

documentos oficiais, prosa acadêmica, radio difusão, fala espontânea e fala preparada.

Na dimensão I, nível de envolvimento do falante ou escritor, no contínuo entre fala e escrita, os gêneros *conversa face a face* e *conversa ao telefone* representam um nível elevado de *produção com envolvimento*, os gêneros *entrevistas* e *cartas pessoais* estão em um nível intermediário, já os gêneros *prosa acadêmica*, *documentos oficiais* e *reportagem impressa* representam um nível elevado de produção informacional.

Na dimensão II, “narrativo” *versus* “não narrativo”, os gêneros *de ficção* apresentam-se como representativos de um nível elevado de narratividade, já os gêneros *prosa acadêmica*, *documentos oficiais*, *cartas profissionais* e *radio difusão* apresentam-se como representativos de baixíssimo nível de narratividade.

Na dimensão III<sup>41</sup>, “referência explícita” *versus* “referência dependente da situação”, os gêneros *documentos oficiais* e *cartas profissionais* representam um alto nível de referência explícita, enquanto *radio difusão* representa um nível baixíssimo desta característica. Os gêneros *prosa acadêmica*, *religião* e *reportagem impressa* apresentam um nível intermediário para alto de referência explícita, já o gênero *cartas pessoais* representa um nível intermediário para baixo de referência explícita.

Na dimensão IV, “expressão aberta da persuasão”, os gêneros *cartas profissionais* e *editoriais* são representativos de um nível elevado de persuasão, diferentemente dos gêneros *radio difusão* e *reportagem impressa* que representam um baixo nível de persuasão.

Na dimensão V, “informação abstrata *versus* informação não abstrata”, os gêneros *prosa acadêmica* e *documentos oficiais* apresentam um alto nível de abstração, já os gêneros *de ficção*, *cartas pessoais* e *conversação* apresentam um baixo nível de abstração.

Na dimensão VI, “elaboração informacional em tempo real”, os gêneros *fala preparada*, *entrevistas* e *fala espontânea* situam-se em um alto nível de elaboração da informação em tempo real, distinguindo-se de outros gêneros que se caracterizam por maior planejamento prévio.

Essas dimensões são associadas aos componentes da situação de fala e às funções comunicativas realizadas pelos traços linguísticos em cada gênero. As

---

<sup>41</sup> De acordo com Biber, esta dimensão corresponde à distinção feita por Halliday entre a referência endofórica, explícita e elaborada e a referência exofórica, dependente da situação.

situações de fala levam em conta *os papéis comunicativos e as características dos participantes; as relações entre eles; os diferentes aspectos físicos e temporais do contexto; o assunto da mensagem; as atitudes dos participantes*, com relação à avaliação cultural do conteúdo da mensagem em eventos comunicativos; *a habilidade de os participantes interagirem com o texto*<sup>42</sup>; *o meio de comunicação da mensagem*. As funções comunicativas dizem respeito ao conteúdo proposicional ou referencial (Função Ideacional); à estrutura informacional e à coesão (Função Textual); à expressão das marcas do grupo ao qual o indivíduo pertence, ao estilo pessoal e às atitudes relacionadas ao evento comunicativo e ao conteúdo da mensagem (Função Pessoal); ao relacionamento entre os participantes (Função interpessoal); à percepção da cena, aos aspectos físicos e temporais da comunicação e ao objetivo da comunicação (Função contextual); à produção e compreensão no evento comunicativo (Função processual); às atitudes pessoais ou culturais do falante, inclui as prescrições gramaticais, bem como as noções de “bom” estilo e efeito retórico (Função estética).

A associação desses diversos parâmetros fornece bases empíricas mais seguras para a distribuição de diferentes gêneros em um *continuum* que permite mostrar o funcionamento da língua como fruto das condições de produção.

---

<sup>42</sup> Chafe (1982) menciona que esta é uma das principais diferenças entre fala e escrita.

## 4- AMOSTRAS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossa investigação consiste em uma análise comparativa das construções que instanciam a relação de Elaboração na fala e na escrita, buscando identificar suas propriedades e funções. Neste capítulo, especificamos e caracterizamos as amostras utilizadas e, a seguir, os procedimentos metodológicos utilizados na análise da relação de Elaboração.

### 4.1 – AMOSTRAS

Para representar a modalidade de fala, utilizamos as amostras *Censo 1980* e, para retratar a modalidade de escrita, textos extraídos dos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Povo*. As duas amostras integram o acervo de dados do Projeto de Estudos do Uso da Língua (PEUL).

A amostra *Censo 1980* é um conjunto de entrevistas sociolinguísticas realizadas entre 1980 e 1984, que registram a fala de 64 indivíduos da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma amostra estratificada, composta com falantes de ambos os sexos distribuídos de forma equilibrada por três níveis de escolaridade: 1º segmento do Ensino Fundamental (EF-1), 2º segmento do Ensino Fundamental (EF-2) e Ensino Médio (EM) - e quatro faixas etárias: 7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e acima de 50 anos<sup>43</sup>.

O quadro abaixo especifica essa amostra e as características sociais dos falantes que a compõem.

---

<sup>43</sup> Para mais detalhes sobre a amostra Censo ver Oliveira e Silva & Scherre (1996) e Paiva & Duarte (2003).

Quadro 3 - Amostra Censo 1980

FALANTE	IDADE	ESCOLARIDADE	BAIRRO
01 - Sam	18 anos	5 a 8 anos	Santa Cruz
02 - CarB	16 anos	5 a 8 anos	Camorim
03 - Jan	56 anos	5 a 8 anos	Guaratiba
04 - Lei	25 anos	5 a 8 anos	Horto
05 - Sue	24 anos	5 a 8 anos	Botafogo
06 - Jup	18 anos	5 a 8 anos	Vila Isabel
07 - Edu	41 anos	5 a 8 anos	Magalhães Bastos
08 - Lui	57 anos	5 a 8 anos	Madureira
09 - Seb	39 anos	5 a 8 anos	Anchieta
10 - Joa	27 anos	5 a 8 anos	São Conrado
11 - Glo	48 anos	9 a 11 anos	Saúde
12 - Nil	46 anos	5 a 8 anos	Paquetá
14 - Man	59 anos	5 a 8 anos	Maria da Graça
15 - Rob	22 anos	5 a 8 anos	Bonsucesso
16 - MarL	56 anos	5 a 8 anos	Irajá
17 - Ire	52 anos	5 a 8 anos	Pavuna
18 - Dha	71 anos	5 a 8 anos	Campinho
19 - Car	32 anos	9 a 11 anos	Copacabana
20 - Pau	25 anos	9 a 11 anos	Manguinhos
21 - Ubi	20 anos	9 a 11 anos	Penha
22 - Mar	17 anos	9 a 11 anos	Flamengo
23 - Fat	15 anos	9 a 11 anos	Água Santa
24 - Val	15 anos	9 a 11 anos	Tanque
25 - Jae	30 anos	9 a 11 anos	Costa Barros
26 - Vas	32 anos	9 a 11 anos	Rio Comprido
27 - Cla	32 anos	9 a 11 anos	Deodoro
28 - Lau	43 anos	9 a 11 anos	Urca
29 - Dor	44 anos	9 a 11 anos	Ilha do Governador
30 - Ari	43 anos	9 a 11 anos	Recreio
31 - Geo	58 anos	9 a 11 anos	Grajaú
32 - Cid	47 anos	5 a 8 anos	Inhoaíba
33 - Ago	60 anos	5 a 8 anos	Marechal Hermes
34 - Hel	62 anos	9 a 11 anos	Ipanema
35 - Jos	59 anos	5 a 8 anos	Rocha Miranda
36 - Nad	57 anos	9 a 11 anos	Inhaúma
37 - Pit	25 anos	mais de 11 anos	Leblon
38 - Leo	18 anos	mais de 11 anos	São Cristóvão
39 - Sam	15 anos	mais de 11 anos	Engenho Novo
40 - Ana	19 anos	mais de 11 anos	Cascadura
41 - PauR	26 anos	mais de 11 anos	Cidade de Deus
42 - Dav	31 anos	mais de 11 anos	Cordovil
43 - Eve	42 anos	mais de 11 anos	Freguesia
44 - Hel	44 anos	mais de 11 anos	Lagoa

FALANTE	IDADE	ESCOLARIDADE	BAIRRO
46 – CarS	62 anos	9 a 11 anos	Campo Grande
47 – Mar	53 anos	mais de 11 anos	Usina
48 – Mgl	52 anos	mais de 11 anos	Santa Teresa
49 – Nel	07 anos	5 a 8 anos	Tijuca
50 – MarL	08 anos	5 a 8 anos	Saúde
51 - Mar	09 anos	5 a 8 anos	Irajá
52 – Ros	10 anos	5 a 8 anos	Realengo
53 – Fra	11 anos	9 a 11 anos	Botafogo
54 – Mon	12 anos	9 a 11 anos	Santa Cruz
55 – Ale	13 anos	9 a 11 anos	São Cristóvão
56 – Jaq	14 anos	9 a 11 anos	Inhaúma
57 – AdrL	10 anos	5 a 8 anos	Campo Grande
58 – Jos	10 anos	9 a 11 anos	Engenho Novo
59 – Eri	09 anos	9 a 11 anos	Estácio
60 – Vin	09 anos	9 a 11 anos	Ilha do Governador
61 – AdrM	14 anos	9 a 11 anos	Vila Isabel
62 – Gus	10 anos	9 a 11 anos	Barra da Tijuca
63 – AdrR	11 anos	9 a 11 anos	Pechincha
64 – JosR	14 anos	9 a 11 anos	Pechincha

A amostra Censo 1980 foi organizada de acordo com os protocolos da Sociolinguística Variacionista <sup>44</sup>, buscando obter um retrato abrangente das características da linguagem utilizada por pessoas com nível de escolaridade fundamental e médio da Cidade do Rio de Janeiro. Como mostra Paiva (1999), as transformações ocorridas entre esse período e os dias atuais podem ter reduzido a representatividade sincrônica da amostra, mas não a tornaram obsoleta, como podemos confirmar em nosso estudo.

A amostra Censo 80 é representativa do que pode ser considerado um gênero particular - a entrevista sociolinguística. Dados os seus objetivos específicos, ela requer um roteiro prévio de perguntas que buscam a obtenção de formas linguísticas variadas, o que a distingue de uma situação natural de comunicação. Distingue-se também de outros tipos de entrevistas, por instaurar uma relação assimétrica de interação, na medida em que é o entrevistador que, na maioria dos casos, introduz e controla mudanças nos tópicos do discurso.

<sup>44</sup> A pesquisa sociolinguística tem como objeto a língua falada usada em situações naturais de interação social (LABOV, 1966, 1972). Através de métodos e técnicas específicos são constituídos registros da fala espontânea que permitem confirmar ou refutar hipóteses relativas ao uso da língua, principalmente, no que concerne à variação e à mudança linguísticas.

Embora de forma geral se possa considerar que as entrevistas sociolinguísticas constituem um registro de fala semi-informal, elas permitem aflorar, em muitos momentos, o que poderia ser considerado parte do vernáculo de uma comunidade, principalmente naqueles trechos em que são solicitadas narrativas de perigo ou risco de vida. Além disso, dada a diversidade de temas que abordam, essas entrevistas possibilitam a obtenção de tipos variados de discurso, criando contextos favoráveis à ocorrência de discursos narrativos, descritivos, argumentativos e expositivos.

A Amostra de Textos jornalísticos do Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL) foi constituída de forma a representar a norma culta utilizada em registros sujeitos à maior exigência de padronização. Essa amostra compreende a diversidade de gêneros veiculados através do suporte jornal, incluindo textos de Reportagem, Crônica, Opinião, Editoriais, Cartas, Notas de Coluna Social e Horóscopo. Neste estudo, restringimo-nos aos textos representativos dos gêneros *Reportagem*, *Crônica*, *Opinião* e *Editoriais*, dado que constituem contextos mais favoráveis à ocorrência da relação de elaboração.

Dos jornais O Globo, Jornal do Brasil e O Povo, foram compilados trezentos (300) textos correspondentes a 25 textos de cada gênero textual e do jornal Extra retiramos 75 textos, 25 correspondentes ao gênero Reportagem, 25 correspondentes ao gênero Opinião e 25 correspondentes ao gênero Editorial. Essa diferença no número de dados de acordo com gênero decorre do fato de que o jornal *Extra* não possui uma seção de Crônicas. Nos quadros abaixo, mostramos as relações dos textos em que foram encontradas as ocorrências da relação de Elaboração de SNs.



Quadro 4 - relação dos textos analisados no gênero notícias/reportagens

JORNAL	DATA	TÍTULO	AUTOR
Extra	04-06-03	Explode o roubo de veículos	Marcelo Chimento
Extra	05-01-04	Uma desacelerada nas multas	Marcelo Chimento
Extra	05-06-03	Nilópolis surpreende na educação	Giampaolo Braga
Extra	07-01-04	Concorrência que alivia	Sem autor
Extra	07-01-04	Fla volta com novas caras	Maura Ponce de Leon
Extra	07-01-04	Marcelinho anunciado	Sem autor
Extra	08-01-04	Na quadra, doze que valem por um	Maura Ponce de Leon
Extra	13-01-04	Guga vence de virada	Sem autor
Extra	13-01-04	Salário ameniza a crise	Sem autor
JB	06-03-04	Alex Alves volta ao Botafogo para fazer gol	Sem autor
JB	06-03-04	O ídolo de volta ao Fluminense	Pedro Lemos
JB	08-03-04	Ricardo ressalta má forma física	Sem autor
JB	10-03-04	Real e Bayern decidem vaga	Sem autor
O Globo	04-03-04	Brasil enfrenta Paraguai sem ter como treinar	Antonio Maria Filho
O Globo	05-03-04	Pelé se explica _ tínhamos de olhar o futebol como um todo	Fernando Duarte
O Globo	24-10-02	Barra e Recreio ganham um pacote de obras	Selma Schmidt
Povo	02-06-03	Bom, bonito e barato	Sem autor

Quadro 5 - relação dos textos analisados no gênero Crônica

JORNAL	DATA	TÍTULO	AUTOR
JB	03-09-02	A língua, acima e abaixo da superfície	Millôr
JB	04-03-04	Loteria, bingo e lavagem de dinheiro	Ives Gandra Martins
JB	04-03-04	O Ipês e a ideologia do golpe	Denise Assis
JB	08-03-04	Mulher para sempre	Heloneida Studart
JB	08-03-04	Perdas e ganhos	Lúcia Vânia
JB	18-10-02	Sem título	Millôr
JB	31-10-02	Cinco meia dúzia de Notas	Millor
O Globo	01-11-02	Depois do banho	Veríssimo
O Globo	03-06-03	Bandidos, vítimas & carteiros	Luiz Garcia
O Globo	05-10-02	Crônica do medo geral	Zuenir Ventura
O Globo	10-09-02	Onze do nove (um)	Veríssimo
O Globo	17-01-03	Petróleo solto, arroz grudento	Luiz Garcia
O Globo	18-10-02	Interação (2) -	Veríssimo
O Globo	19-10-02	Da ironia	Veríssimo
Povo -	06-01-04	Império Serrano	José Carlos Netto
Povo -	08-11-03	Cidade do Samba	José Carlos Netto
Povo -	11-03-04	Cabelo em Pé	José Carlos Netto
Povo -	13-01-04	Império na Avenida	José Carlos Netto
Povo	13-04-04	Monarco	José Carlos Netto
Povo	18-11-03	O melhor samba	José Carlos Netto
Povo	18-12-03	Debutantes	José Carlos Netto
Povo	22-01-04	Carnaval de Rua	José Carlos Netto
Povo	23-03-04	O desempate	José Carlos Netto

Quadro 6 - relação dos textos analisados gênero Editorial

JORNAL	DATA	TÍTULO
JB	01-11-02	Boa Vontade
JB	03-06-03	Conselho da Paz
JB	05-10-02	Os cinco desafios
JB	08-06-03	A segunda onda
JB	17-09-02	Perdendo a cara
JB	20-10-02	Corrupção blindada
O GLOBO	02-11-02	Modernização
O GLOBO	17-01-03	Base legal
O GLOBO	22-01-03	Tudo por fazer
O GLOBO	29-10-02	Cheque carimbado

Quadro 7 - relação dos textos analisados gênero Opinião

JORNAL	DATA	TÍTULO	AUTOR
Extra	02-01-04	Saindo do Buraco	- João Areosa
Extra	10-01-04	Limpando o ninho	- João Areosa
Extra	30-08-04	Azar é o deles	Alaide Pires
Extra	16-01-05	Não é o fim do mundo -	- Gerson Monteiro
JB	01-11-02	Depois da eleição -	Newton Rodrigues
JB	02-06-03	Como esses primitivos	Luiz Edgard de Andrade
JB	02-06-03	Lula e o enigma do dragão celeste	Miguel Borges
JB	06-03-04	Para onde mesmo	Newton Rodrigues
JB	07-03-04	Hora de mudar o azimute	Gaudêncio Torquato
O Globo	22-01-03	Início de uma amizade histórica	Klaus Platz e Richard Barbeyron
O Globo	28-10-02	A censura e as trevas	Ricardo Cravo Albin
O Globo	29-03-03	Denúncia assombrosa	Olavo de Carvalho
O Globo	03-05-05	Bento XVI e o fundamentalismo	Ali Kamel
O Globo	24/10/04	Amor e Paixão	Luiz Paulo Horta

Em princípio, as amostras utilizadas podem ser consideradas como graus bastante distintos de formalidade, com a amostra de fala representando um discurso menos planejado e mais informal, e os textos de escrita, um discurso mais planejado, submetidos à norma padrão, a um processo de revisão. São textos de domínio público, direcionados para um público alvo mais amplo cuja produção atende a exigências impostas pela própria descontinuidade espacial e temporal entre emissor e receptor.

No entanto cada um dos conjuntos de textos relacionados nos quadros 3, 4, 5 e 6 apresenta características que os particularizam. A notícia e a reportagem apresentam diferenças tênues e, muitas vezes, esses dois termos são tomados como sinônimos. Segundo Lage (2001), a notícia caracteriza-se, principalmente, por algumas especificidades linguísticas: observa-se a ordenação dos fatos por sua importância, o uso da terceira pessoa, preferência por verbos no pretérito perfeito e o uso escasso de adjetivos. Nela, o autor pretende apresentar ao leitor um relato

objetivo dos fatos, supostamente isento de avaliações e julgamentos pessoais. Caracterizam-se, portanto, por baixo nível de envolvimento. Enquanto a notícia possui um caráter de novidade, a reportagem nem sempre versa sobre fatos atuais. Para Lage (1982, p. 83), a reportagem

compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em sua relação mais óbvia com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente (...).

Os temas abordados nas notícias e reportagens da amostra PEUL relacionam-se, principalmente, a futebol, segurança e utilidade pública.

A Crônica jornalística é considerada um gênero híbrido, através do qual o autor informa, opina e reflete a respeito de temas da atualidade, muitas vezes, a partir de um ponto de vista mais literário. A linguagem utilizada é simples e apresenta características que a aproximam da língua falada (ASSIS, 2002). Nas Crônicas jornalísticas que compõem nossa amostra, privilegiam-se temas como política, economia e cultura, relativos, principalmente, aos acontecimentos que marcaram a ocasião em que foram publicadas. São textos assinados por autores, como, por exemplo, Millôr no *Jornal do Brasil*; Veríssimo e Zuenir Ventura em *O Globo*; José Carlos Neto em *O Povo*.

O Editorial é um gênero no qual está expressa a opinião da direção de um jornal e, por isso, geralmente, não é assinado. Nele, são abordados temas de maior relevância na atualidade, de forma predominantemente argumentativa com o objetivo de formar a opinião de seu público leitor. Os editoriais da amostra contemplam os temas esporte, política, segurança e utilidade pública.

O artigo de Opinião também é um texto de teor essencialmente argumentativo, mas difere do Editorial, pelo nível de envolvimento do emissor, predominando o ponto de vista de um jornalista ou de um colaborador do jornal, que nem sempre corresponde à opinião da agência responsável pelo jornal. Os temas abordados nos artigos de opinião que constam em nossa amostra referem-se, principalmente, à política e ao esporte.

Retomando neste ponto as dimensões propostas por Biber (1988), podemos distinguir os gêneros que constituem nossas amostras de acordo com sua distribuição no quadro (7), no qual utilizamos os valores [+], para alto; [+ ou -], para intermediário e [-], para baixo.

Quadro 8 – Caracterização das amostras de fala e de escrita de acordo com a proposta de Biber (1988)

Dimensão \ Gênero	Envolvimento	Narratividade	Referência Explícita	Persuasão	Abstração	Elaboração Em tempo real
Entrevista Sociolinguística	+	+ ou -	-	-	-	+
Textos de Opinião	+ ou -	-	+ ou -	+	+ ou -	-
Crônicas	+ ou -	+ ou -	+ ou -	+ ou -	+ ou -	-
Editoriais	-	-	+ ou -	+	+	-
Reportagens	-	+	+ ou -	-	-	-

Diferentes combinações desses parâmetros resultariam em um *continuum* entre esses gêneros textuais, que estaria correlacionado aos objetivos comunicativos de cada gênero.

Em termos de extensão, a amostra de Fala é significativamente maior do que a de Escrita, como mostram os resultados abaixo obtidos através de uma concordância realizada com o programa *Concordance* (WATT, 2004).

Tabela 1- Extensão das amostras de fala e de escrita

Modalidade	FALA	ESCRITA	TOTAL
Extensão			
Número de palavras ( <i>types</i> )	49.167	50.293	99.460
Número total de palavras ( <i>tokens</i> )	711.138	550.996	1.262,134
Número total de sentenças	76.334	16.097	92.431

A diferença mais nítida entre as duas amostras diz respeito ao número total de sentenças, que, na fala, corresponde a mais de 4 vezes o número total de sentenças da amostra de escrita. Considerando o parâmetro itens lexicais, as duas amostras se

equivalem quanto ao total de *types*, mas se distinguem significativamente em relação ao número de *tokens*. Na discussão e interpretação dos resultados, essas diferenças serão retomadas com o objetivo de verificar a incidência da relação de elaboração em cada uma das amostras.

O critério utilizado para medir a extensão das amostras pode ser discutido em função das diferentes características de produção da língua falada e da língua escrita. Entretanto, como estamos considerando um fenômeno que envolve orações e não itens lexicais, a maneira de contornar a divergência no tamanho das amostras foi o número de sentenças.

#### 4. 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Halliday (1994), a Elaboração consiste na relação que se realiza nos contextos em que um ou mais segmentos do texto elaboram ou especificam outro ou outros segmentos do texto. Uma análise prévia das amostras utilizadas mostra que o segmento elaborador pode incidir sobre uma oração, como no exemplo<sup>45</sup> (18), ou sobre um SN de natureza inerentemente fórica, como no exemplo (19), ou não fórica, como em (20).

- (18) *O líder estava mal e o país não estava se sentindo nada bem: eram fortes os rumores de uma conspiração militar para impedir a posse daquele civil, o primeiro a presidir o Brasil na consumação do processo de abertura política iniciado, com grande dificuldade e não poucos recuos, pelo general Ernesto Geisel.* (O GLOBO 22-04-05)
- (19) *O fiel leitor, com certeza, "manja" o cidadão Hildemar Diniz, quer não é outro senão o grande Monarco da Portela. Se "manja" ou não, fique por dentro do seguinte: com de mais de meio século de samba, e depois de compor centenas de belas e antológicas composições, Monarco da Portela, finalmente terá uma homenagem à altura do seu nome. Ele, simplesmente, terá sua vida esmiuçada como enredo da ES Unidos do Jacarezinho no desfile de 2005.* (O POVO 13-04-04)
- (20) *Uma definição gaiata para o defeito da vesguice: "frita o peixe e olha o gato".* (EXTRA 22-03-04)

---

<sup>45</sup> Os grifos nos exemplos de (18) a (20) são nossos.

Nesta tese, restringimo-nos à análise das elaborações que se ligam a um SN, como em (19) e (20), com o objetivo de identificar as propriedades relacionadas tanto ao SN elaborado quanto ao segmento discursivo elaborador.

Sintaticamente, os dois segmentos da elaboração podem se ligar por parataxe, como em (20) acima ou por hipotaxe, como mostra o exemplo (21)

- (21) *F: Porque a única coisa que não vai bem é o seguinte: que<sup>46</sup> nós temos aqui uma dificuldade muito grande de colocar a documentação do bar em dia, por ser local por ser essa povoação assim, entendeu?*  
(Amostra Censo 80 - Falante 10)

Uma análise prévia das amostras de fala e de escrita permitiu constatar que, diferentemente do que se esperava, não houve ocorrências de hipotaxe na escrita e, na modalidade falada, ocorreram apenas sete dados dessa forma de articulação, predominando, portanto, a ligação paratática. Essa tendência confirma a proposição de Halliday (1994), mencionada na seção 2.3, segundo a qual a Elaboração se manifesta, principalmente, por justaposição. Devido a essa restrição, a análise se concentra em elaborações vinculadas por um processo de parataxe.

Uma vez delimitados os dados de análise, eles foram examinados à luz de um conjunto de propriedades ligadas ao primeiro segmento da elaboração, um conjunto de propriedades ligadas ao segmento elaborador e outras associadas à conexão entre os dois segmentos. Além disso, consideramos o contexto de ocorrência da elaboração, verificando sua distribuição de acordo com o tipo e gênero de texto. Através da análise desses diferentes níveis, procuramos caracterizar as propriedades formais, semânticas e discursivas da relação de elaboração na fala e na escrita e identificar o papel dessa relação não só na microestrutura como também na macroestrutura textual. (VAN DIJK, 1980). Com relação a algumas propriedades, procedemos a uma análise em separado dos SNs que apresentam uma função dêitica inerente, em razão de algumas de suas particularidades.

Relacionamos a seguir, os diversos aspectos considerados na análise da elaboração:

#### A- PROPRIEDADE RELACIONADA AOS DOIS SEGMENTOS

##### 1 - Subtipo de relação semântica da Elaboração.

---

<sup>46</sup> Grifo nosso.

## B - PROPRIEDADES DO SEGMENTO ELABORADO

- 1 - Tipo de SN elaborado;
- 2 - O estatuto informacional do SN;
- 3 – Tipo de determinante e definitude do SN
- 4 - Presença de modificador no SN;
- 5 - A função sintática do SN;
- 6 - Predicação verbal.

## C - PROPRIEDADES LIGADAS AO SEGMENTO ELABORADOR

- 1 - Natureza do enunciador do segundo segmento;
- 2 – Extensão do segmento elaborador.

## D - PROPRIEDADES RELACIONADAS À FORMA DE LIGAÇÃO ENTRE OS DOIS SEGMENTOS DA ELABORAÇÃO

- 1 - Tipo de sinalizador de Elaboração e material interveniente.

## E – PROPRIEDADES RELACIONADAS AO CONTEXTO DE OCORRÊNCIA DA ELABORAÇÃO

- 1 - Tipo de texto no qual a Elaboração está inserida;
- 2 - O gênero textual no qual a relação de Elaboração está inserida.

Procedemos à análise através de uma comparação da forma como esses diferentes níveis se inter-relacionam, verificando, por um lado, se a seleção de um tipo específico de SN está associada a determinadas características formais e semânticas da Elaboração e, por outro, se esta escolha do falante/escritor por um tipo particular de SN se diversifica de acordo com um *continuum* entre fala e escrita, que está, por sua vez, relacionado ao *continuum* dos gêneros textuais. Essa análise torna possível verificar a hipótese mais geral de que a Elaboração possui um papel central na introdução de informação e, portanto, na progressão discursiva, mas pode apresentar funções mais específicas em cada uma das modalidades em função do tipo de propriedades semânticas e discursivas dos sintagmas nominais elaborados.

Com o objetivo de identificar as correlações mais relevantes para a caracterização formal e funcional da relação de elaboração, realizamos o processamento estatístico dos resultados encontrados para as propriedades

relacionadas acima pelo uso dos programas<sup>47</sup> *Makecell* para a obtenção de frequências e *Crosstab* para o cruzamento de variáveis. Os dados de fala e de escrita foram analisados separadamente e os resultados obtidos para cada amostra são confrontados, a fim de identificar as possíveis especificidades ligadas a cada uma das modalidades.

---

<sup>47</sup> Os programas *Makecell* e *Crosstab* compõem o pacote computacional Goldvarb2001.



## 5- PROPRIEDADES FORMAIS E FUNCIONAIS DA ELABORAÇÃO.

O objetivo central deste estudo é o de verificar a forma como a relação semântica de elaboração pode ser expressa nos discursos falado e escrito assim como as propriedades que caracterizam essa relação. Antes de passar à análise mais detalhada dos diferentes aspectos que envolvem a relação de elaboração, tecemos algumas considerações acerca da sua incidência nas modalidades falada e escrita. Nas duas amostras, foi encontrado um total de 254 ocorrências da relação de Elaboração, distribuídas como mostra a tabela abaixo:

Tabela 2: Distribuição das ocorrências de Elaboração na fala e na escrita.

Elaborações na fala	Elaborações na escrita
102	154

Considerando os índices de elaboração em função do número total de sentenças de cada amostra, é possível constatar que essa relação lógico-semântica é mais recorrente na escrita do que na fala, embora em ambas os percentuais sejam bastante baixos, como podemos observar na tabela 3.

Tabela 3: Índice de elaborações de acordo com o número de sentenças das amostras.

Modalidade	Número total de sentenças	Número de ocorrências de Elaboração	
		Ocorr.	Percent.
FALA	76,334	102	0,1%
ESCRITA	16,097	154	0,9%

Embora a amostra de fala contenha um maior número de sentenças do que a amostra de escrita, verifica-se apenas 0.1% de elaborações, enquanto que, na escrita, observa-se 0,9%. Mais à frente, na seção 5. 6. 2, mostraremos que, principalmente na escrita, esses índices têm que ser relativizados em função da variável gênero de texto.

Como já adiantamos no capítulo anterior, o predomínio da parataxe como forma de ligação entre os dois segmentos da elaboração é indiscutível tanto na fala como na escrita. Entretanto, uma análise mais localizada dos 7 casos de ligação hipotática permite lançar luzes sobre a escassez dessa forma de ligação.

Uma análise mais detida dos dados de vinculação da elaboração por hipotaxe envolve, sobretudo, o uso do conector “que”<sup>48</sup>, na introdução do segundo segmento, como ilustram (22) a (26)<sup>49</sup>:

- (22) *A minha vantagem aqui é essa: **que** nós temos o armazém e todo dia tira dali. Mas, em matéria de comércio, essas coisa, sou muito mais lá! Porque lá eu tinha tudo pertinho, não é? E aqui a dificuldade que tem aqui é “de um bom” comércio, aqui é horrível. (Amostra Censo 80 – Falante )*
- (23) *F: Porque a única coisa que não vai bem é o seguinte: **que** nós temos aqui uma dificuldade muito grande de colocar a documentação do bar em dia, por ser local por ser essa povoação assim, entendeu? (Amostra Censo 80 – Falante )*
- (24) *Ele me disse o seguinte: **que** ele quer ir lá na piscina. (Amostra Censo 80 – Falante )*
- (25) *Então, eu acho o seguinte: **que** muitas mulheres se acomodam, sabe? (Amostra Censo 80 – Falante )*
- (26) *F: Eu acho que o meu Vasco está com vontade de bater no Flamengo, não é? Não, mas o jogo hoje vai ser bom, que hoje vai ter que decidir o campeão mesmo. Um dos dois vai ter que decidir o campeão mesmo. Um dos dois que bater é campeão. Então tem uma coisa de bom: **que** ninguém vai jogar para o empate, que, às vezes, tem um – uma decisão, ou o Flamengo precisa do empate, ou o Vasco precisa do empate se o Vasco empatar, o Vasco é campeão, ou Flamengo empatar campeão. (Amostra Censo 80 – Falante )*

Na maior parte das elaborações vinculadas hipotaticamente, observa-se sobretudo a presença de verbos do tipo *relacional*, associado à estrutura *X é o seguinte* ou *X é pronome demonstrativo*, em que a posição *X* pode ser ocupada ou por um rótulo com mais conteúdo semântico ou por um SN genérico, como mostram os exemplos (22) e (23), respectivamente. A presença do elemento que constituindo

<sup>48</sup> O outro conector possível nesses contextos seria se que não foi encontrado na amostra analisada.

<sup>49</sup> Os grifos nesses exemplos são nossos.

estruturas de foco *ser* indica uma possibilidade de que ele esteja associado à função focalizadora da oração onde se encontra o SN elaborado.

Outras possibilidades de tipos de processo são os verbos *dicendi*, exemplo (24); *mental*, exemplo (25) e *existencial*, exemplo (26). Constata-se ainda a inexistência de vinculação hipotática com verbos do tipo material, reafirmando a restrição já apontada por Braga & Alencar (2008)<sup>50</sup>, na análise das construções apositivas, de que a presença de verbo *material* no primeiro segmento inibe a hipotaxe.

Como salientamos na seção 2.1, as diferenças entre elaboração e projeção nem sempre são evidentes. A inexistência de construções hipotáticas com verbo do tipo material em nosso objeto de estudo, pode ser considerada como um argumento a favor da relação de *projeção* nos casos em que o segundo segmento se refere à representação de uma representação linguística de um pensamento ou daquilo que é dito e em que há um maior esvaziamento semântico do SN, como podemos perceber nos exemplos de (23) a (26).

Acrescentemos ainda que a presença de uma citação<sup>51</sup> no segundo segmento também pode impossibilitar a vinculação hipotática, como ilustra o exemplo<sup>52</sup> abaixo:

- (27) O refrão do governo passou a ser cópia fiel de uma letra do compositor Chico Buarque: "Eu já nem sei bem mesmo para onde é que eu vou/ mas vou até o fim". Isso, se não houver nenhuma crise institucional. (JB 06-03-04)

No total de ocorrências de elaborações vinculadas hipotaticamente predominam o SN "o seguinte" e o SN genérico "coisa", como mostram os exemplos de (24) a (26), os mais recorrentes na modalidade falada, como veremos na seção 5.2.1. Dessa forma, parece se reforçar a afirmação de Halliday (1977), segundo a qual a subordinação, neste caso a hipotaxe, estaria associada à produção restrita, quando há poucas oportunidades de elaborar o discurso através de escolhas lexicais precisas.

<sup>50</sup> Confira também Alencar (2006) a respeito dos processos de vinculação nas construções apositivas.

<sup>51</sup> Em Braga & Alencar (2008), consideramos também as elaborações cujo segmento elaborado é o sintagma adverbial "assim". Conforme constatamos naquela ocasião, esse sintagma, combinado a um verbo de elocução, seguidos pela reprodução do discurso de um outro locutor também inibiria a hipotaxe, como mostra o exemplo: F: Mas, pelo menos, uma orientação eu dou, para que ela, mais tarde, não venha dizer assim: "Ah! A minha mãe me abandonou, não me deu nem uma.... passou tantos rios, né? na vida dela e ela nunca me explicou nada, nunca me disse nada. Me deixou na mão da minha avó, nua e crua!" (Amostra Censo 80 (BRAGA & ALENCAR, 2008, p. 303)

<sup>52</sup> O grifo nesse exemplo é nosso.

De forma geral, podemos entender a elaboração como uma relação entre dois segmentos discursivos: o segmento elaborado, constituído, no caso, por um sintagma nominal e o segmento elaborador, ou seja, aquele que expande as informações contidas no primeiro. Como mostraremos ao longo deste capítulo, características dos dois segmentos se refletem não só na forma como se apresenta a relação de elaboração como também no subtipo de relação que se estabelece entre os dois segmentos. Por esta razão, consideramos inicialmente o subtipo de relação que se estabelece entre os dois segmentos da elaboração para, em seguida, discutir, em primeiro lugar, as propriedades do segmento elaborado e, após, as propriedades do segmento elaborador.

### 5.1- TIPO DE ELABORAÇÃO

De forma geral, a Elaboração é a relação entre dois segmentos em que o segundo expande o significado do primeiro, desenvolvendo-o em maiores detalhes. Essa expansão pode ser instanciada de diferentes formas, se considerarmos a relação que se instaura entre o segmento elaborador e o SN elaborado, o que nos permite, portanto, falar de subtipos de elaboração.

Como já destacamos na seção 2.3, Halliday (1994) relaciona três subtipos de Elaboração, quais sejam, Exposição, Elucidação e Exemplificação. Mann & Thompson (1986), por sua vez, propõem cinco subtipos: grupo-membro; abstração-exemplo; todo-parte; processo-etapa; objeto-atributo. Recentemente, incluíram ainda nesse rol a relação generalização-especificação<sup>53</sup> como uma forma distinta de elaboração.

Algumas dessas relações, como, por exemplo, a exemplificação e a relação todo-parte, são propostas igualmente por Quirk et al (1985), Meyer (1992), Nogueira (1999) e Dias (2004) para o estudo da aposição, uma estrutura que também instancia a relação de Elaboração. Em função da natureza mais específica desse processo, esses autores identificam outras relações possíveis entre as unidades em aposição, distinguindo dois níveis distintos: relações semânticas referenciais e relações semânticas não referenciais. Dentre as primeiras são incluídas relações como:<sup>54</sup>

<sup>53</sup> Essa inclusão consta de trabalho divulgado no site dedicado à Teoria da Estrutura Retórica [www.sfu.ca/rst](http://www.sfu.ca/rst).

<sup>54</sup> Os grifos nos exemplo de (28) a (32) são do autor.

Correferência:

- (28) *Linda arrastou seu tio, Donald Murkland, para um almoço para descobrir o que tinha acontecido*<sup>55</sup>. (MEYER, 1992 p. 60)

Referência catafórica:

- (29) *A Sane Society é uma obra ambiciosa. Seu escopo é tão amplo quanto a pergunta: O que significa viver na sociedade moderna?*<sup>56</sup>. (MEYER, 1992 p.59)

De uma forma um pouco diferente do autor, entendemos que a relação catafórica não se restringe a esses casos. De nosso ponto de vista, a referência catafórica pode ser entendida como um processo mais amplo que pode ele mesmo se realizar de diferentes formas. Evidentemente, isso não exclui situações em que não há outra relação entre os segmentos da elaboração, como é o caso daquelas que desenvolvem o SN “o seguinte” e pronomes demonstrativos, que, como veremos, possuem propriedades inerentemente fóricas e apresentam um comportamento muito próximo de sinalizadores textuais.

Dentre as relações não referenciais, os autores especificam:

Sinonímia:

- (30) *Ela [a inspiração do Velho Testamento], foi uma inspiração de importância profética: uma revelação para os últimos dias quando Deus falaria pelo Seu Filho*<sup>57</sup>. (MEYER, 1992 p. 67)

Atribuição:

- (31) *Em Maio, um pouco antes das eleições municipais, o Vereador Donald Finney, um Conservador, alegou que SponLane era um centro do vício*<sup>58</sup>. (MEYER, 1992 p.70)

Hiponímia<sup>59</sup>:

<sup>55</sup> “Linda dragooned *her uncle, Donald Murkland*, into a lunch the next day to find out what had happened”. (MEYER, 1992 p. 60)

<sup>56</sup> “The Sane Society is an ambitious work. Its scope is as broad as *the question: What does it mean to live in modern society*”. (MEYER, 1992 p.59)

<sup>57</sup> “It [the inspiration of the Old Testament] was *an inspiration with prophetic importance: a pointing to the last days when God would speak by His Son*”. ( MEYER, 1992, p. 67)

<sup>58</sup> “In May, shortly before the municipal electios, *Councillor Donald Finney, a Conservative*, alleged that SponLane was a centre of vice”. (MEYER, 1992, p. 71)

- (32) *O nitrogênio na matéria orgânica (raízes mortas e brotos, estrume, húmus do Solo, etc.) transforma-se durante a decomposição em forma de amônia...*<sup>60</sup> (MEYER, 1992 p. 71)

Nas amostras analisadas, foram identificadas as seguintes relações<sup>61</sup>:

a - generalização-especificação

- (33) *E em que dimensão, Congresso e Justiça podem se contrapor a tal ofensiva? Em nada. Porque serão elas as autoras e executoras da legislação permitindo que tais proteções sejam revogadas. E o farão através do voto de parlamentares “informados” e, convencidos, pelo conjunto da mídia conservadora, de que não existe outra saída, tendo em vista os “sufocantes custos previdenciários” ora compulsórios. Por isso, diz Saramago: “Há um problema fundamental: ou a democracia transcende o poder da tal bolha, tendo uma ação fora dela, ou vamos continuar a viver o drama do regime: mudar de governo não significa mudar o poder”. (O Globo 02-11-02)*

No trecho acima, o segmento sublinhado desenvolve o SN “um problema fundamental”, apresentado como uma generalização, especificando a que tipo de problema o autor está se referindo. O uso do rótulo *problema*<sup>62</sup> como núcleo do SN favorece essa interpretação, em razão da sua maior imprecisão semântica.

b - abstração-exemplo

- (34) *Porém, centros de excelência não nos faltam: a Embrapa, que proporcionou uma verdadeira revolução em nossa agricultura e exporta know-how para o mundo; a Fundação Oswaldo Cruz, que pela sua história e relevantes trabalhos dispensa comentários; e o próprio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq) que, através de seu sistema de concessão de bolsas para pesquisas*

<sup>59</sup> O autor ainda identifica subclasses semânticas no interior das classes semânticas: categorias maiores em categorias menores, tais como; da categoria hiponímia: particularização; da categoria parte-todo: exemplificação; da categoria sinonímia: paráfrase etc. Nogueira (1999) acrescenta às subclasses semânticas propostas por Meyer (1992) a avaliação e a reformulação. E considera as relações de correferência e sinonímia, atribuição e inclusão (hiponímia), como textuais-semânticas e as demais subclasses consideradas pelo autor (reformulação, exemplificação etc) como funções textuais discursivas.

<sup>60</sup> “The nitrogen in organic matter (dead roots and shoots manure, soil hummus, etc.) is changed during decomposition to an ammonium form”... (MEYER, 1992, p. 71)

<sup>61</sup> Os grifos nos exemplos de (32) a (38) são nossos.

<sup>62</sup> Segundo Francis (1994), os rótulos são elementos nominais não-específicos que exigem realização lexical no contexto imediato.

avançadas, é nosso principal instrumento para a formação de cientistas, única salvaguarda para nossos pós-graduados que não têm condições financeiras para dar continuidade a seus estudos e pesquisas no exterior, oportunidade de que desfrutam apenas poucos privilegiados.  
(JB 02-06-03)

Em (34) acima, o segmento elaborador relaciona exemplos do que para o autor seriam *centros de excelência*: a Embrapa; a Fundação Oswaldo Cruz e o CNPq.

c- todo/parte

- (35) *Faz. E pintura é que demora mais, leva mais de uma semana. Porque o cara tem que preparar o carro todinho, lixar, preparar a tinta, dar a massa, tirar os defeito que tem no carro, lixar de novo, preparar, depois pintar, dar uma mão primeiro, depois ainda tem o polimento, depois ainda tem a montagem do carro todo, entendeu? Porque uma pintura geral tira tudo: tira vidro, tira tudo. Pára-lama, tira tudo. Porque tem que pintar ele todo, por baixo - tudo. Então tem a montagem! E a montagem é a pior.* (PEUL Falante 25)

Em (35), o núcleo do segmento elaborado é o pronome *tudo* que resume todas as partes do carro que serão retiradas no caso de uma pintura. O segundo segmento lista estas partes.

A fronteira entre exemplificação e relação todo-parte nem sempre é nítida, podendo-se mesmo entender, como o faz Meyer (1992), que a relação todo-parte é mais ampla e inclui a exemplificação como uma subclasse.

d – sinonímia

- (36) *Continuemos com o exercício de descobrir as implicações culturais ou simbólicas da fusão, naquilo que Israel Klabin, ex-prefeito do Rio de Janeiro, bem definiu como sendo um dos “estupros políticos” sofridos pela cidade: deixar de ser a capital federal e ter sido “fusionada” ao “estado do Rio de Janeiro” a homonímia traindo, confundindo e acentuando poeticamente todas as diferenças entre as duas comunidades.* (O GLOBO 11-05-05)

No exemplo (36), o escritor retoma uma metáfora (“estupros políticos”), utilizada por outra pessoa (Israel Klabin) para argumentar acerca das consequências advindas da fusão entre os estados do Rio de Janeiro e da Guanabara. Ao

acrescentar a explicação dessa metáfora, o articulista estabelece uma forma de sinonímia entre ela e a fusão forçada dos dois estados.

e- enumeração

- (37) *Duas coisas me causam estranheza: 1) tentar comprar o goleiro reserva; e 2) a Bulgária, que contava com um time forte e empolgado, jogou sem nenhuma vontade ou animação, perdendo de 4 a 1 sem problemas.* (Extra 16-01-04)

No exemplo (37) o segmento elaborador parece desempenhar uma dupla função: por um lado, identifica o núcleo do SN (“coisas”), especificando os referentes recobertos por esse termo e, por outro, enumera os elementos que aí estão compreendidos. Meyer (1992) considera estes casos como uma *identificação*, subclasse da referência catafórica.

f - atribuição

- (38) *Roland Corbisier, falecido a 10 de fevereiro último, foi o primeiro diretor do ISEB: instituto que, há quase meio século, procurou formular a ideologia do nosso nacionalismo, amarrada à vigência do desenvolvimento.*<sup>63</sup> *Buscava o impacto mobilizador de uma efetiva tomada de consciência pelo país do seísmo em que importara, à época, a perspectiva dos "50 em 5" de Juscelino. Refletia o salto para a mudança, implicando a revisão de tantos mitos, desde a inevitabilidade do progresso até o da nossa condenação ao fracasso no quadro das velhas pestiferações de raça, da preguiça, ou do povo, como denunciava Monteiro Lobato, feito dos Jecas-tatus, à margem da história. O ISEB, empenhado na autoconsciência dos movimentos sociais, viria necessariamente a se chocar com as visões corporativas, ou dos atores privilegiados para o desenvolvimento, tal como das Forças Armadas, a comandar este processo, consoante os imperativos geopolíticos e estratégicos da Segurança Nacional.* (JB 05-03-04)

No exemplo acima, o segmento elaborador acrescenta atributos ao SN ISEB, através de informações que definem o papel fundamental desse organismo na tomada de consciência acerca da corrida desenvolvimentista do país nos anos 50.

g - essencialmente catafórica

<sup>63</sup> Para Quirk *et al* (1985), esse seria um caso de *designação*, constituindo uma das poucas diferenças entre a classificação de Meyer (1992) e a daqueles gramáticos.

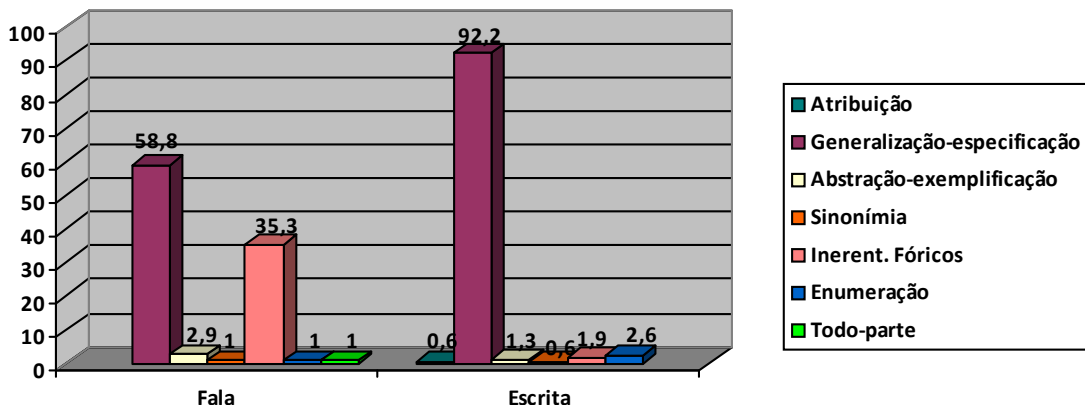


- (39) *Meu pai era construtor eu ia para a obra com meu pai, comecei ajudar meu pai, pintava uma parede, pintava isso, pintava aquilo. Eu sei até assentar tijolo, botar cerâmica essas coisa assim, dentro duma casa, eu sei fazer. Trocar um cano d'água, ver um fio, fazer uma instalação, colocar uma bucha numa parede, isso tudo eu sei fazer. Sabe, dentro de uma casa, tudo, eu faço, certo? Cimentar um chão, isso aí eu quebro o galho. Mas então, com meu pai não dava muito certo, porque o meu pai era uma pessoa, é muito boa, muito bacana, mas, filho com pai, geralmente na profissão, nunca dá certo. Então, não dava certo. Eu virei para o meu pai e disse: “Ó, meu pai, é o seguinte: a minha paixão mesmo não é trabalhar em obra. Eu adoro mecânica. O senhor me arranja uma oficina mecânica, onde eu possa aprender, que aí, eu dali eu sigo o meu destino”.* (Amostra Censo 80 - Falante 07)

Neste exemplo, o SN “o seguinte” funciona apenas como um sinalizador textual, apontando para a informação que segue, caracterizando uma relação inerentemente catafórica.

Esses diversos subtipos de elaboração se distribuem de forma bastante desigual tanto na amostra de fala como na amostra de escrita, como mostra o gráfico 1:

Gráfico 1: Distribuição dos tipos de Elaboração na fala e na escrita



Na modalidade escrita, com exceção da relação todo-parte, podem ser constatados todos os tipos de Elaboração exemplificados acima. A maioria deles possui incidência muito baixa, destacando-se o predomínio incontestável de elaborações que instanciam a relação generalização-especificação entre os dois segmentos, com um índice de 91%.

A predominância do subtipo *generalização-especificação* nos textos jornalísticos pode estar relacionada com o fato de que os textos escritos, principalmente os que são veiculados através dos jornais, estão sujeitos a padrões de organização que envolvem certas regras no desenvolvimento do raciocínio. Um desses raciocínios é exatamente o daquele que parte de uma afirmação mais geral para declarações mais específicas. Evidências mais seguras para essa suposição serão discutidas na seção 5.6.2, em que focalizamos a variável gênero.

Na fala, excetuando-se a relação atribuição, verificamos os demais subtipos e a predominância de elaborações por *generalização-especificação* (59%). No discurso falado, verifica-se, porém, uma frequência significativa de ocorrências da relação essencialmente catafórica (35%). Dentre os demais subtipos, muito mais escassos, é necessário destacar o subtipo *abstração/exemplificação* com frequência de 2.9%.

A elevada incidência da relação essencialmente catafórica na modalidade falada pode estar relacionada à forma de planejamento *on line* dessa modalidade que leva o falante a explorar de forma muito mais recorrente do que na escrita a função organizadora da elaboração.

O que distingue as duas modalidades, mais do que os tipos de relações estabelecidas, é a maior ou menor recorrência de cada uma delas. Como vimos acima, essas diferenças nos índices poderiam ser indicativas da influência de aspectos distintivos das duas modalidades. Antes de explorar mais detalhadamente essa hipótese, é necessário considerar que essas diferenças podem refletir a distribuição diferenciada dos tipos de núcleo do SN elaborado nas duas modalidades, uma questão que é retomada na seção 5.2.1.

## 5.2- PROPRIEDADES DO PRIMEIRO SEGMENTO DA ELABORAÇÃO

Neste estudo, pressupomos que a relação de elaboração nas suas diferentes formas está associada a exigências comunicativas que refletem em grande parte as características do sintagma nominal elaborado. Nesse sentido, a elaboração se aproxima da aposição, processo que envolve aspectos textuais e discursivos relacionados à expressão à qual a aposição se refere, como já atestaram Meyer (1992), Nogueira (1999, 2004, 2005) e Dias (2004, 2006). Nogueira & Leitão (2004), por exemplo, destacam a relevância de propriedades como: especificidade,

definitude, presença e tipo de determinante e de modificador, funções pragmático-discursivas, marcação dêitica desta expressão, seu valor axiológico, o tipo de rótulo.

Ao longo desta seção, mostramos que os segmentos de elaboração se ligam a SNs com características semânticas, discursivas e morfossintáticas particulares.

### 5.2.1- Características semânticas e referenciais do SN

Os SNs que constituem os núcleos das relações de Elaboração instanciam um processo de referenciação, entendida, neste trabalho, como uma estratégia de discursivização do mundo pela linguagem através de uma (re)construção do real e não somente como um processo de construção de informação (MONDADA & DUBOIS 1995; KOCH, 1984, 1989, 2002, 2008). Segundo Koch (2002), a realidade é construída não só pela maneira como nomeamos o mundo, mas, principalmente, pela maneira como interagimos com ele. Para ela, referência

é o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo* (KOCH, 2002: 79).

Ainda de acordo com a autora, a coesão referencial ocorre quando um elemento faz remissão a outro elemento do texto ou é inferível a partir dele. As formas remissivas podem ser de ordem lexical ou gramatical e podem desempenhar função de sinalização textual e de (re)ativação de referentes. O processamento textual opera numa oscilação em movimentos retrospectivos e projetivos, através da anáfora e catáfora, respectivamente, e em movimentos abruptos, através de fusões, alusões, etc.

Para proceder à análise da referenciação do SN elaborado, buscamos embasamento teórico nos trabalhos de Halliday & Hasan (1976), Halliday (1994), Francis (1994) e Koch (1984, 1989, 2002, 2007). Halliday & Hasan (1976) distinguem entre referência *situacional ou exofórica*, situada fora do texto e *referência textual* ou endofórica, interna ao próprio texto.

A referência textual pode ser de natureza anafórica ou catafórica, envolvendo mecanismos distintos, tais como: a- **Substituição** de um item lexical por outro ou de um item lexical por uma oração; b- **Elipse**, isto é, substituição por zero; c - **Conjunção**, um recurso coesivo que depende das relações estabelecidas entre as partes do texto; e d - **Coesão lexical**, realizada através da seleção do vocabulário,

Esse último tipo de referência textual é dividido por Halliday & Hasan (1976) em *Colocação*, que diz respeito ao uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo, e em *Reiteração*<sup>64</sup>, que se pode dar por repetição de um mesmo item lexical, por sinônimos, por hiperônimos, por nomes genéricos ou por pronomes, como no exemplo<sup>65</sup> (40), reproduzido de Halliday & Hasan (1976, p. 279):

(40) *Cheguei à subida do pico. A subida é perfeitamente fácil.*  
A escalada  
A tarefa  
A coisa  
Isso

Para este trabalho interessam particularmente os *nomes genéricos* que, segundo Halliday & Hasan (1976), são “membros superordenados de um grupo lexical maior e seu uso coesivo é uma instância de um princípio geral segundo o qual um item superordenado opera anaforicamente como um tipo de sinônimo”. (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 275). Os nomes genéricos apresentam uma semelhança com os rótulos, que também funcionam como SNs elaborados. Do ponto de vista gramatical, a unidade é formada, geralmente, por um *artigo definido* e um *nome genérico* e está situada na fronteira entre a gramática e o léxico.

Ainda de acordo com os autores, os nomes genéricos podem ser classificados em: humanos (*pessoa, homem, mulher, criança, garoto, garota*); não humano - (*criatura*); inanimado concreto (*coisa, objeto*); inanimado concreto conjunto (*coisas*); inanimado abstrato (*negócio, assunto, matéria*); *ação (movimento)*; lugar (*localização*); *fato (questão, ideia)*.

Segundo Koch (2002), os nomes genéricos se incluem entre as “formas remissivas lexicais<sup>66</sup>” juntamente com as nominalizações, que, acrescentam

<sup>64</sup> Desde a publicação desse trabalho, houve algumas alterações por parte dos autores. Dentre essas é importante citar a divisão da coesão lexical em três subcategorias: repetição, sinonímia e colocação (HALLIDAY, 1994).

<sup>65</sup> Os grifos no exemplo (39) são nossos.

<sup>66</sup> Segundo Koch (2002), as formas remissivas lexicais se distinguem das formas remissivas gramaticais que não acrescentam sentido, apenas operam a conexão, como por exemplo concordância de gênero e de número. Elas podem ser presas, quando acompanham um nome antecedendo-o ou modificando-o, são elas os artigos definidos e indefinidos; pronomes adjetivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos, relativos); e numerais cardinais e ordinais; ou livres, quando se estabelecem por meio de pronomes pessoais de terceira pessoa; elipses; pronomes substantivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos, relativos); numerais; advérbios pronominais, tais como lá, aí, ali, etc; entre outros.

significado através de um movimento anafórico e se realizam lexicalmente na forma de um *substantivo-predicativo* (APOTHÉLOZ, 1995 *apud* KOCH, 2002, p. 90).

As formas remissivas lexicais desempenham a função de encapsulamento ou sumarização, funcionando como um rótulo nominal. Em Koch (2002), a autora postula que, do ponto de vista semântico-pragmático, os nomes-núcleos das nominalizações, por exemplo, podem ser classificados em *genérico*, *metafórico*, *metonímico* ou *meronímico*, *introdutor clandestino de referentes*, *metadiscursivo*, *denominação reportada*.

Tanto Halliday como Koch atribuem, aos nomes genéricos, uma nítida função anafórica, na medida em que encapsulam as informações contidas em segmentos anteriores. Koch admite, no entanto, que eles podem possuir uma função catafórica, principalmente quando são vagos, inespecíficos, como no seguinte exemplo<sup>67</sup> extraído do Jornal *O Globo*:

- (41) *Num tempo em que os laterais eram meros marcadores e rebatedores de bola com chutões para a frente, Nílton Santos já avançava, já apoiava o ataque, já armava o jogo como os bons laterais viriam a fazer depois — só que com uma diferença: foi melhor do que todos os outros que se seguiram aqui no Brasil e em todos os cantos do planeta.*  
(O GLOBO 06-03-04)

Como mostraremos, no entanto, o conjunto de itens lexicais considerados genéricos por Halliday (1994), Nogueira (1999), Koch (2002) e Francis (1994), é bastante amplo, o que abre a possibilidade de distinguir nuances semânticas.

Um conceito similar sob certos aspectos é o de *rótulos*, na forma como é apresentado por Francis (1994). Assim como os nomes genéricos, os rótulos buscam seu significado em outros elementos do contexto. Além disso, as distinções podem depender da relação coesiva, anafórica ou catafórica e do seu papel funcional: eles podem possuir uma função de sinalizadores textuais, indicando unidades de informação, rotular e avaliar porções discursivas.

Os rótulos são classificados por Francis em metalinguísticos: *ilocucionários*, tais como “alegação”, “resposta”, “apelo”; *referentes a atividades de linguagem*, como “comparação”, “ambiguidade”, “descrição”; *relativos a processos mentais*, como por exemplo “análise”, “atitude”, “crença” e *concernentes ao texto* “frase”,

---

<sup>67</sup> O grifo nesse exemplo é nosso.

“questão”, “sentença”; em avaliativos e naqueles que entram em uma categoria mais geral. Tomando por base as metafunções de Halliday, a autora propõe que os rótulos, além de operarem no nível textual, adicionando uma informação nova ao argumento do falante/escritor, possuem função predicativa e interpessoal, como podemos observar em (42):

(42) *Betinho fez bom e conhecido slogan: "Quem tem fome tem pressa".*  
(JB 31-10-02)

Neste exemplo, “bom e conhecido slogan” apresenta um significado ideacional como um participante do processo mental do verbo “fazer”, um significado interpessoal no que diz respeito à avaliação que faz “bom e conhecido” e um significado textual, localiza-se no Rema e é a parte do foco de informação nova.

Ainda segundo a autora, os rótulos caracterizam-se, principalmente, por serem elementos nominais não-específicos que exigem realização lexical no contexto imediato. Eles desempenham a função de organizar o discurso e, geralmente, apresentam um valor argumentativo. Francis classifica-os em *rótulos metalinguísticos*, *rótulos avaliativos* e *rótulos que entram em uma categoria mais geral*.

Para dar conta de todas as ocorrências de SNs elaborados, distinguimos os SNs que efetivamente apresentam conteúdo semântico, SNs com pronomes substantivos, SNs com pronomes indefinidos e os que funcionam como rótulos, daqueles que possuem função dêitica inerente, ou seja, SNs com pronomes demonstrativos e o sintagma “o seguinte”. Para os rótulos, seguimos em grande parte a classificação de Francis (1994), acrescentando, no entanto, outras possibilidades. A seguir, exemplificamos essa classificação:

## 1. A - SNs com conteúdo semântico

### 1-Pronomes substantivos

(43) *Poderia acrescentar às frases do Eliakim uma<sup>68</sup> que li nos jornais e que me apresso em transcrever: "apertem os cintos, vamos decolar" (Bebeto de Freitas). E aos que pensam em ironizar o otimismo do presidente do Botafogo, cuidado! Bebeto (foto) tem pedigree, é sobrinho do Saldanha. E, além da valentia, é homem sério. Nem cara de cartola ele tem.* (EXTRA 02-01-04)

<sup>68</sup> Os grifos nos exemplos de (43) a (59) são nossos.

## 2- Pronomes indefinidos

- (44) *Mas algo não pode ser esquecido: o voto de confiança foi dado a Lula, e não tanto a seu partido, que foi derrotado para os governos estaduais dos principais Estados (São Paulo, Rio, Minas, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Ceará). Qualquer passo em falso será cobrado nas urnas daqui a quatro anos.* (JB 01-11-02)

## 3 - Rótulos metalinguísticos:

### a) Nomes ilocucionários

- (45) *O argumento foi um só: falar a verdade, e com coragem.* (JB 13-02-04)

### b) Nomes relacionados a atividades da linguagem

- (46) *Uma das camisetas que ela gostava de usar com o lema: "o Xingu não fala, mas se falasse pediria para não ser destruído".* (JB 14-02-04)

### c) Nomes que dizem respeito ao texto

- (47) *No famoso episódio da instituição, na Roma antiga, do imposto sobre as latrinas públicas, o imperador Vespasiano respondeu às críticas de seu filho Tito com a célebre frase: o tributo non olet (não cheira)".* (JB 04-03-04)

### d) Nomes relativos a processos mentais

- (48) *O livro dos historiadores russos Yuri Dyakov e Tatyana Bushuyeva confirmava inteiramente essa hipótese: armando a Alemanha, a URSS provocara deliberadamente a eclosão da Segunda Guerra Mundial, na esperança de usar os nazistas como ponta-de-lança.* (O GLOBO 29-03-03)

## 4 - Rótulos avaliativos – sob essa denominação, incluímos exemplos como:

- (49) *O plano não pode esquecer o óbvio: os problemas dos EUA com o Iraque e com o petróleo iraquiano estão cozinhando na mesma panela em que fervem nossa política em relação à Venezuela, ao governo*

*Chávez e à falta que o petróleo venezuelano está fazendo aos EUA. (O GLOBO 17-01-03)*

5 - *Rótulos que entram em uma categoria mais geral, como “coisa”, “negócio” e “lance”.*

(50) *Mas de uma coisa eu tenho certeza: não faltou empenho e por isso nenhuma daquelas palavras serviu para o grupo. (JB 06-03-04)*

A classificação apresentada até aqui não esgota todas as possibilidades de nuances semânticas do núcleo dos SNs encontrados nas amostras analisadas. Assim, distinguimos ainda os seguintes tipos de nomes:

6- *Nomes Indiciais* - nomes indicadores que se referem a resultados estatísticos, valores de referência, indicadores financeiros etc.

(51) *Mas, em 1999, houve um pico: a média foi de 4.015 casos mensais. Os índices tiveram nova queda no mesmo período dos anos seguintes: média de 3.595 em 2000 e de 3.397 em 2001. (EXTRA 04-06-03)*

7- *Resultado de atividade física ou mental:*

(52) *Eider explicou que, para a implantar a alça sobre um terreno de argila mole e turfa, será necessário um trabalho de engenharia complexo: toda a pista terá que ser construída sobre estacas. (JB 24-10-02)*

8- *Preceituantes:*

(53) *Aqui se usufrui, não só a boa medicina, mas o comportamento adequado, a ética, as boas maneiras. E, principalmente, a norma do grande cirurgião americano, Francis Moore: "O ato fundamental da prática médica é o de assumir a responsabilidade!" (JB 09-03-04)*

9- *Relativos a sentimentos e emoções:*

(54) *Depois da tomada do poder, finalmente a Império Serrano foi para a Avenida mostrar o seu potencial. E o fez de maneira garbosa diante das circunstâncias que encontrou a Marquês de Sapucaí. De cara uma bela surpresa: O grande Jerônimo, o mais elegante dos passistas, assumiu o trono de mestre-sala, trazendo consigo a irrequieta Andréia Machado, uma porta-bandeira que realmente só sabe rodopiar o fino e bacana. (O POVO 13-01-04)*



10- *Relativos à solução de situação concreta ou abstrata:*

- (55) *Mas nessa acumulação de atividades prosaicas, surgia o grande desafio: transformar a paixão em amor. (O GLOBO 24-10-04)*

11- *Relativos a qualidades:*

- (56) *Quer queiram ou não os estudiosos e partícipes dos fatos que envolvem o golpe de 1964, não se pode negar uma realidade aprofundada em teses e livros ao longo dessas quatro décadas: o Ipês - sim, com acento - foi preponderante no desfecho que mudou o rumo da história recente do país. (JB 04-03-04)*

Alguns casos, com número de ocorrências muito baixo, não se inserem nas categorias estabelecidas até aqui. Vejamos um exemplo:

- (57) *Porém, centros de excelência não nos faltam: a Embrapa, que proporcionou uma verdadeira revolução em nossa agricultura e exporta know-how para o mundo; a Fundação Oswaldo Cruz, que pela sua história e relevantes trabalhos dispensa comentários; e o próprio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq) que, através de seu sistema de concessão de bolsas para pesquisas avançadas, é nosso principal instrumento para a formação de cientistas, única salvaguarda para nossos pós-graduados que não têm condições financeiras para dar continuidade a seus estudos e pesquisas no exterior, oportunidade de que desfrutam apenas poucos privilegiados. (JB 02-06-03)*

No segundo conjunto, denominado de SNs com função dêitica inerente, incluímos os SNs que funcionam apenas como um indicador de direcionalidade discursiva, sem introduzir qualquer significado.

12- SN “o seguinte”

- (58) *Agora é preciso que se diga o seguinte: as escolas de samba são realmente forças populares dessa cidade que faz Carnaval um autêntico sacerdócio. Quando o povo consegue ir à rua para sambar é sinal de que o carnaval de rua, mesmo moribundo, ainda não morreu de todo. Os ensaios técnicos na Sapucaí mostram que o Carnaval é mesmo coisa séria na cidade. E quem sabe, se no futuro, a passarela da Marquês de Sapucaí, graças as escolas de samba, não seja transformada em uma nova Avenida Rio Branco, trazendo de volta*

*aquele carnaval que muitos de nós já brincamos um dia. (O POVO 22-01-04)*

### 13- Pronomes demonstrativos

- (59) *Vamos fazer isso: “vocês vão, me esperam num caramanchão lá nas barca, que eu vou dar o almoço a ele. Ele e o amigo. Assim que eles sair eu apanho a bicicleta, vou atrás de vocês”. (Amostra Censo 80 – Falante 12)*

Como havíamos salientado na seção 2.1, construções que apresentam SNs com baixa carga semântica, cujo segundo segmento, nos termos de Halliday (2004), é uma representação de uma representação linguística podem ser considerados casos limítrofes entre elaboração e projeção. Acreditamos que há uma diferença de grau entre os SNs com maior ou menor carga semântica, que aponta para uma função mais textual em elementos como a palavra “coisa”, que se torna mais evidente no SN “o seguinte”. Entretanto, optamos por considerá-los como casos de elaboração, conforme já demonstramos na referida seção, devido, por exemplo, a uma concorrência com estruturas do tipo *X é o seguinte*. Excluimos os dados referentes aos casos em que as especificidades do SN poderiam influenciar os resultados de determinado grupo de fatores, conforme apontamos no decorrer da análise.

Como pode ser observado na tabela 4, fala e escrita apresentam uma distribuição similar de acordo com as duas grandes classes de SNs elaborados.

Tabela 4: distribuição dos dados quanto ao conteúdo semântico

Modalidade	SNs com carga semântica		Dêiticos	
	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.
FALA	62	61%	40	39%
ESCRITA	149	97%	5	3%

Observa-se, na tabela (4), que não existe divergência qualitativa entre as duas modalidades: nas duas predominam SNs com conteúdo semântico, com (61%), na fala e (97%), na escrita. Há, entretanto, uma diferença quantitativa, ou seja, a

diferença entre os dois tipos de SNs é muito mais saliente na escrita (97% - 3%) do que na fala (61% - 39%). Esta diferença se acentua se considerarmos a predominância de relações de elaboração na escrita.

As diferenças entre as duas modalidades aparecem mais nitidamente na categoria semântica dos SNs objeto de elaboração, como mostra a tabela 5:

Tabela 5: Distribuição das elaborações de acordo com o tipo de SN elaborado na fala e na escrita

	<b>FALA</b>	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>ESCRITA</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>S N  E L A B O R A D O</b>	Pronomes indefinidos	3	3	Pronomes indefinidos	2	1
	Metalinguísticos	4	4	Metalinguísticos	60	39
	Avaliativos	1	1	Avaliativos	6	4
	Genéricos	40	39	Genéricos	10	7
	Indiciais	-	-	Indiciais	15	10
	Resultado de atividade física ou mental	6	6	Resultado de atividade física ou mental	17	11
	Preceituantes	-	-	Preceituantes	8	5
	Relativos a sentimentos e a emoções	1	1	Relativos a sentimentos e a emoções	4	3
	Relativos à solução de situação concreta ou abstrata	1	1	Relativos à solução de situação concreta ou abstrata	13	8
	Relativo à qualidade	2	2	Relativo à qualidade	4	3
	Pronomes substantivos	1	1	Pronomes substantivos	1	0
	Outros	3	3	Outros	9	6
	O seguinte	35	34	O seguinte	3	2
	Pronomes demonstrativos	5	5	Pronomes demonstrativos	2	1

Na fala, a elaboração se liga de forma equivalente a SNs genéricos (39%) e a SNs com função dêitica inerente (39%), principalmente o SN “o seguinte”.

São considerados como nomes genéricos, como mencionamos nesta seção, aqueles cujo significado é bastante genérico, tal como o da palavra “coisa<sup>69</sup>”, que pode ser utilizada na linguagem falada em inúmeros contextos<sup>70</sup>. Em muitos

<sup>69</sup> Em Alencar (2006), não procedemos a um refinamento dos nomes genéricos separando aqueles que realmente apresentam maior conteúdo semântico, como as palavras *fato* e *aspecto*, daqueles que apresentam significado indefinido como o da palavra *coisa*, assim, naquele estudo, não consideramos este termo como um núcleo genérico, mas como pertencente a um grupo de sintagmas cujo núcleo é vazio de significado e apresenta uma forte carga catafórica tais como o *seguinte* e os pronomes demonstrativos.

<sup>70</sup> Embora seja possível atribuir à palavra *coisa* um sentido mais específico, que remete a um objeto [ - animado], no uso do português ela adquire um sentido bastante genérico. Há até mesmo um

aspectos, o item lexical *coisa* se aproxima dos SNs com função fórica inerente, o que permite suspeitar de que ele esteja passando por um apagamento semântico, para ganhar apenas em função sinalizadora/organizadora do discurso.

A Elaboração na fala está relacionada, principalmente, a SNs genéricos e essencialmente fóricos, prioritariamente, “o seguinte”. A alta frequência destes elementos pode ser explicada, numa primeira interpretação, pela característica de ancoragem dêitico-discursiva da fala, o que reforça a tese de que a palavra *coisa*, que constitui a maioria absoluta das ocorrências de SNs genéricos, pode estar passando por um apagamento semântico que, neste contexto de Elaboração, aproxima-a dos SNs com função fórica inerente. No entanto, outros fatores como o grau de formalidade também favorecem a recorrência desses SNs de função sinalizadora, uma questão que retomaremos na discussão da variável gênero discursivo.

Diferentemente do que se observa na modalidade falada, na escrita, prevalecem os nomes que dizem respeito ao campo semântico da *Metalinguagem* (39%). Seguem-se os *Indiciais* (10%), os que indicam *Resultado de atividade física ou mental* (11%) e os que remetem à *Solução de situação concreta ou abstrata* (8%). Juntamente esses três tipos somam 68% dos dados. Deve ser considerada ainda a frequência de elaborações que se ligam a *Nomes genéricos* (7%) e *Preceituantes* (5%). Em menor número, encontram-se os *Avaliativos*, os relativos a *Sentimentos e emoções* e os relativos à Qualidade. Em último lugar, correspondendo respectivamente a apenas 1% e a 0% dos dados, estão os *Pronomes indefinidos*, duas ocorrências, e *pronome substantivo*, uma ocorrência.

Nas ocorrências em que os SNs apresentam função dêitica inerente, não se evidenciam diferenças entre a frequência do SN “o seguinte” e de pronome demonstrativo, possibilidades quase inexistentes.

A predominância de nomes que dizem respeito ao campo semântico da *Metalinguagem* e de SNs *Indiciais* na escrita pode ser relacionada às estratégias utilizadas no gênero jornalístico, em que o autor se utiliza do recurso da Elaboração através do uso de rótulos metalinguísticos, principalmente, para introduzir o discurso de terceiros e de *Indiciais* para apresentar resultados e dados estatísticos.

---

verbo “coisar” típico do falar de Minas Gerais, que já está dicionarizado e que pode apresentar inúmeros significados. (Houaiss, Antônio (1915-1999) e Vilar, Mauro de Salles (1939 -) p. 756)

Como foi avançado na seção 5.1, há estreita correlação entre o subtipo de elaboração e as propriedades semânticas e referenciais do SN elaborado. Uma análise do cruzamento dessas duas variáveis permite constatar que a relação geral-específico, como se pode esperar, é muito mais frequente com os SNs que funcionam como rótulos, numa distribuição de (91%), na fala e (94%), na escrita. De forma semelhante, os SNs com pronomes substantivos ou com pronomes indefinidos também se associam à relação geral-específico nas duas modalidades (100%). Os SNs que apresentam função fórica inerente, como é previsível, associam-se exclusivamente à relação catafórica. Dessa forma, pode-se concluir que a relação estabelecida entre dois elementos ligados por elaboração depende, pelo menos em parte, das características do SN elaborado.

### **5.2.2- Estatuto informacional do SN elaborado**

Partindo do princípio de que a elaboração opera num plano textual-discursivo, um aspecto relevante a considerar diz respeito ao estatuto informacional do SN elaborado. Teoricamente, seria de se esperar que os SNs elaborados apresentassem informação nova, o que justificaria sua expansão através do acréscimo de informações que permitiriam identificá-lo com maior precisão. Como veremos, no entanto, o estatuto informacional do SN elaborado pode variar se refletindo na forma como se apresentam os segmentos discursivos de elaboração.

Tomamos como ponto de partida a posição de que, tanto no discurso oral como no discurso escrito, os referentes são introduzidos segundo avaliações que o falante/escritor faz em relação à sua recuperabilidade pelo ouvinte/leitor. As diferentes formas de embalagem da informação têm sido traduzidas em oposições correntes nos estudos linguísticos tais como “Dado/Novo” (CHAFE, 1976); “Ativado/Novo/Acessível” (CHAFE, 1984); “Dado/Novo” (HALLIDAY, 1967,1994); “Evocado/Inferível/Novo” (PRINCE, 1981).

Segundo Halliday (1967,1994), as informações dadas e novas se organizam dentro do Sistema Tema-Rema: o tema é o ponto de partida para a mensagem e o Rema é o desenvolvimento do Tema. O falante estrutura a fala, segundo Halliday, em “Unidades Informacionais”. Cada unidade de informação apresenta um elemento “dado”, acompanhado de um elemento “novo”. Frequentemente, a informação

“dada” precede a “nova” (posição não-marcada), entretanto, é possível a inversão dessa ordem em razão de objetivos retóricos.

Aparentemente as oposições Tema-Rema e Dado-Novo são paralelas. Porém, Halliday as distingue, considerando Tema-Rema como uma oposição orientada para o falante e Dado/Novo como uma oposição orientada para o ouvinte. Informação *dada* é apresentada pelo falante ao ouvinte como recuperável, seja por estar presente no contexto, verbal ou não-verbal, seja pelo fato de o locutor desejar apresentá-la como *dada* por razões retóricas. Tipicamente, os elementos anafóricos e os elementos dêiticos constituem informação “dada”, desde que não contenham a informação focal.<sup>71</sup> Informação *nova*, ao contrário, diz respeito à informação apresentada ao ouvinte como não recuperável no contexto verbal ou não-verbal.

De uma perspectiva cognitiva, Chafe (1973,1974,1976,1984) discute a questão do estatuto informacional dos referentes em termos de estados de consciência do falante/escritor e propõe um *continuum* para dar conta de situações intermediárias entre informação *dada* e informação *nova*. Segundo o autor, a linguagem falada se segmenta em uma série de pausas denominadas por ele de *pausa inicial* (“initial pause”) que são seguidas por períodos de vocalização chamados de *unidades entonacionais* (“intonation units”), que correspondem à expressão de um único foco de consciência. Cada unidade entonacional contém o que Chafe denomina de *conceito* (“concept”), ideias relativas a objetos, eventos e propriedades presentes na mente do interlocutor. Esses “conceitos” podem se apresentar em três estados que, por sua vez, correspondem a três níveis de informação definidas pelo autor, são eles: Conceitos ativados (“Active Concepts”) – *informação dada*; Conceitos semi-ativados (“Semi-active Concepts”) – *informação acessível* e Conceitos Inativados (“Inactive Concepts”) – *informação nova*. Nessa perspectiva, *Informação Dada* é aquela que o falante supõe estar no foco de consciência do ouvinte/leitor, *Informação Acessível*, na sua consciência periférica e *Informação Nova*, na sua memória de longo termo. Em outras palavras, a forma de apresentação dos referentes/conceitos leva em conta o estado de ativação do conceito na mente do ouvinte/leitor, envolvendo operações como *ativação*. Para Chafe, o foco de consciência não pode conter mais de um conceito inativado.

---

<sup>71</sup> Os elementos anafóricos e dêiticos que não contêm a informação focal são considerados contrastivos.

Propriedades prosódicas e morfossintáticas podem estar correlacionadas à oposição discursiva dado/novo. Informação *dada* se caracteriza por ser pronunciada com um tom mais baixo e um acento atenuado, por permitir pronominalização ou poder ser omitida<sup>72</sup>.

As formas de embalagem da informação no discurso são focalizadas por Prince (1981) em termos da organização textual. Segundo ela, um modelo de discurso contém entidades, atributos e laços entre as entidades. A autora cita Webber (1978) para quem entidades são como *ganchos* onde se penduram os atributos. (WEBBER 1978 *apud* PRINCE 1981, p. 235). A autora distingue três categorias de informação: *Novo*, *Evocado* e *Inferível*. *Entidade Nova* (“new”) é aquela que o falante introduz pela primeira vez no discurso, podendo ser: *completamente-nova* (“brand new”), quando o falante entende que o referente não é familiar ao ouvinte e precisa ser explicitado completamente; ou *não-usadas* (“unused”), quando o falante supõe que seja conhecida pelo ouvinte. As entidades *completamente-novas* subdividem-se em *ancoradas*, quando o SN faz referência a outra entidade já mencionada no texto precedente, e *não-ancoradas*, quando não ocorre esta referência; *Entidade Evocada* (“evoked”) é aquela que já está presente na mente dos participantes do discurso e pode se dividir em entidades *textualmente evocadas* (“textually evoked”), quando integra o contexto precedente e *situacionalmente evocadas* (“situationally evoked”), quando o referente é recuperável através de elementos da situação extralinguística. *Entidade Inferível* (“inferrable”) pode ser deduzida do texto a partir de outras entidades evocadas ou inferíveis (“non-containing inferrable”) ou de outras entidades com as quais estabelece uma relação de inclusão (“containing inferrable”) <sup>73</sup>.

Neste estudo, adotamos a perspectiva de Prince por entendermos que é mais eficiente, já que o status informacional decorre das relações que se estabelecem no texto, o que, a nosso ver, permite explicar de forma mais adequada o papel da relação de elaboração.

---

<sup>72</sup> Esses critérios podem ser discutidos, como o fazem, por exemplo, Braga & Silva (1984). Segundo as autoras, a distinção do acento não é relevante na contraposição entre *informação nova/informação velha*, porque nem sempre informação nova é pronunciada com tom alto e acento forte. Além disso, a pronominalização de informação velha, embora possível, sofre restrições impostas por outras exigências comunicativas, como a de evitar ambiguidade.

<sup>73</sup> Neste trabalho, desconsideramos a distinção as subcategorias de informação nova, de informação evocada e de informação inferível.

Assim, o SN desenvolvido pela Elaboração pode apresentar-se como informação nova, evocada ou inferível, conforme ilustram (60), (61) e (62) respectivamente.<sup>74</sup>

- (60) *Rafaela, Gizele, Deucilene, Jéssica, Aliane e outras 25 meninas possuem quatro coisas em comum: fizeram 15 anos no mês de setembro de 2003; não tiveram festa por questões financeiras; moram em bairros humildes da Baixada Fluminense e vão realizar seu sonho de ter um baile de debutantes dia 19 de dezembro, às 21:00 horas, na Quadra Social da Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, na Rua Almirante Barroso nº 05, Centro, Duque de Caxia s. (O POVO 18-12-03)*
- (61) *F: Freqüento com o padre João eu estou há quinze ano na feira da ruas. Eu fui o fundador das feira da rua.  
F: Isso é- a feira da ruas é o seguinte: é, cada rua monta uma barraca e a renda [da] [da] – da rua é para a igreja, entendeu? Ah! Essa festa dá muito dinheiro! (Amostra Censo 80 - Falante 07)*
- (62) *Poderia acrescentar às frases do Eliakim uma que li nos jornais e que me apresso em transcrever: "apertem os cintos, vamos decolar" Beбето de Freitas). E aos que pensam em ironizar o otimismo do presidente do Botafogo, cuidado! Beбето (foto) tem pedigree, é sobrinho do Saldanha. E, além da valentia, é homem sério. Nem cara de cartola ele tem. (EXTRA 02-01-04)*

Uma explicação se faz necessária. Os SNs essencialmente fóricos, SNs com pronomes demonstrativos e “o seguinte” não foram considerados neste grupo, já que, por definição, eles buscam referência no discurso, seja por anáfora seja por catáfora. Dado que, no caso em estudo, eles são direcionados para a direita, como elementos de ligação catafórica, eles podem ser considerados introdutores de informação nova, não compartilhada por falante/ouvinte.

Se definirmos a elaboração como um processo de expansão, através do acréscimo de informações que buscam assegurar a identificabilidade do referente, podemos partir do pressuposto de que os SNs elaborados são introduzidos como informação não compartilhada por falante e ouvinte. A análise estatística permite comprovar essa expectativa nas duas modalidades, como mostram os resultados da tabela 6:

<sup>74</sup> Os grifos nos exemplos de (60) a (62) são nossos.



Tabela 6 : Estatuto informacional dos SNs elaborados

Estatuto informacional	FALA		ESCRITA	
Informação Nova	40	66%	134	90%
Informação Inferível	11	18%	11	7%
Informação Evocada	10	16%	4	3%

Na fala, predominam SNs elaborados com informação nova, mas podem ser observados índices um pouco relevantes de elaborações ligadas a SNs que codificam informação velha ou inferível, representando 34% do total de SNs elaborados. Na escrita, é evidente a categoria informacional do SN elaborado: 90% desses SNs apresentam informação nova, 7%, inferível e apenas 3%, informação evocada. Pode-se dizer, então, que, nas duas modalidades, a Elaboração desempenha um papel relevante na progressão do discurso.

As diferenças quantitativas destacadas acima podem ser um reflexo de algumas particularidades de cada uma das modalidades, principalmente no que se refere às repetições. A predominância quase absoluta de SNs elaborados que introduzem informação nova nos gêneros jornalísticos analisados pode ser explicada em termos da tendência de evitar repetições e redundâncias. Na fala, ao contrário, as repetições, retomadas e redundâncias podem constituir elas mesmas estratégias colocadas a serviço de objetivos comunicativos do falante. Vejamos um exemplo de nosso *corpora* que corrobora nossa afirmação de que a frequência relevante de SNs elaborados relacionados à informação inferível e à informação evocada é colocada a serviço da insistência em uma determinada informação.

- (63) *F - É, que o encarregado de lá levou a carteira dela para assinar, mas acabou que o cara não levou a carteira. O cara, olha, sumiu. Se arrancou que ninguém sabe onde ele anda, já fez procurado... procuração por ele, por tudo quanto é lugar, não encontro. Agora, esses dia, que o rapazinho encontrando... conversando lá com a minha garota, disse: "Ó, Lourdes, já conseguiram ver aonde seu Antônio está. Ele está lá em Petrópolis. Na casa lá do pessoal dele." Aí, o advogado esperando ele chegar. E com isso minha garota está custando a receber o dinheiro dela, porque lá o [o]- o ordenado lá é cinquenta e quatro mil cruzeiro. E fora os dia que ela trabalhou, não é? Os três meses e os dia que ela trabalhou.*

*Está uma confusão! Ela, coitada, querendo arrumar um negócio, qualquer coisa, trabalhar, para poder conseguir o estudo dela, terminar, não é? Que ela quer se formar em arquiteto, sabe? Fazer coisa - de cerâmica, não é? O curso de cerâmica, "que a" loucura dela é isso: é o curso de cerâmica. Porque eu não pude pagar mais. Está pedindo dez mil cruzeiro, onde ela está estudando. Eu não pude pagar. Ela, enquanto estava na Capemi, ela pagava, não é? O cursozinho dela, o estudo e tudo, mas...aí, houve essa imprevisto, também, de... dela ser operada. Aí, ela parou com tudo. Agora, está numa situação. (Amostra Censo 80 – Falante 12)*

No exemplo acima, o SN elaborado “a loucura dela” se refere ao “curso de cerâmica”, uma informação inferível a partir do contexto discursivo anterior. Na medida em que o retoma o falante o torna mais saliente.

Numa primeira interpretação, essas aparentes repetições parecem constituir uma infração à máxima de modo estabelecida por Grice (1975), segundo a qual o falante deve evitar a prolixidade<sup>75</sup>. Numa outra perspectiva, pode ser interpretada, no entanto, como um recurso de realização do princípio de cooperação, na medida em que o falante, pela repetição, atribui maior relevância àquela informação.

Essa distribuição corresponde à que foi atestada, por exemplo, por Nogueira & Leitão (2004), no estudo da aposição. Pode-se dizer, então, que, nas duas modalidades, a Elaboração desempenha um papel relevante na progressão do discurso.

Como se pode esperar e já foi destacado por diversos autores (CHAFE, 1976, PRINCE, 1981), há superposição, pelo menos parcial entre o estatuto informacional do SN, suas propriedades morfossintáticas e seu grau de definitude. Nas seções seguintes, focalizamos essa questão, com o objetivo de mostrar que o processo de elaboração é motivado muito mais por exigências comunicativas ligadas à natureza informacional do SN do que pelas suas propriedades morfossintáticas.

---

<sup>75</sup> Koch (2008) critica esta máxima e afirma que a repetição é uma estratégia básica de estruturação do discurso. (KOCH, 2008 p. 123).

### 5.2.3- Definitude do SN e tipo de determinante

Diversos autores já analisaram os aspectos relacionados à definitude do SN e ao seu tipo de determinante (CHAFE 1976, PRINCE 1981,1992, C. LYONS 1999, NOGUEIRA & LEITÃO 2004). Com o objetivo de identificar qual das duas dimensões, morfológica ou semântico-discursiva, é mais relevante no uso da elaboração, controlamos separadamente os dois aspectos.

O núcleo do SN elaborado pode vir antecedido por um determinante definido – *artigo definido, pronome demonstrativo* ou *numeral* como mostram os exemplos<sup>76</sup> (64), (65) e (66) respectivamente; por um determinante indefinido – *artigo indefinido*, (67) ou pode apresentar-se sem determinante, como no exemplo (68):

- (64) *Existe a crença generalizada de que na televisão maciça, genérica, é assim mesmo que deve ser: quanto pior, melhor, para atingir o maior número de espectadores, afinados pelo mínimo denominador comum.* (JB 03-06-03)
- (65) *É porque todo mundo só vê o que aumenta. E o que ele passa a ganhar? Não vê? - Então, é aquele negócio: quem está se queixando é que está ganhando pouco. [Agora,] [realmente]- realmente, o salário mínimo, “eu” acho que está muito pouquinho.* (Amostra Censo 80 – Falante 07)
- (66) *De repente o sinal vermelho acendeu em frente à sede náutica do Vasco para oito remadores atravessarem a Borges de Medeiros com seu barco suspenso nos braços - uma piroga. Quando o sinal abriu, em seguida, feito um raio verde, dois versinhos do Drummond vieram com ele para fechar este artigo: "Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de seus mortos/ assim te levo comigo, tarde de maio".* (OPINIÃO JB 02-06-03)
- (67) *Assim como a rotina do transporte clandestino e barulhento se espalha por vários bairros nas madrugadas do Rio, as filas nos postos da Receita e do INSS também começam a se formar cedo – e isso há décadas – apesar das reiteradas promessas garantindo o fim do suplício. Nos rostos cansados e resignados de quem é obrigado a ir para a fila, uma <sup>77</sup> certeza parece transparecer o tempo todo: não adianta reclamar de quem faz barulho de madrugada, e muito menos das repartições federais incapazes de prestar um atendimento decente.*

<sup>76</sup> Os grifos nesses exemplos são nossos.

<sup>77</sup> Grifo nosso.

*Simplesmente porque esses segurados ou contribuintes jamais conheceram uma situação diferente.* (JB 01-05-05)

- (68) *Sinal dos tempos: a passagem de Deus por ali não desperta nem de longe o alvoroço causado pela visita de Lula.* (O GLOBO 18-01-03)

Na análise desta propriedade morfológica, desconsideramos os casos em que a Elaboração se liga a *pronomes demonstrativos, indefinidos e substantivos* por não autorizarem a ocorrência de determinantes e os casos do SN *o seguinte* por se tratar, ao que tudo indica, de uma expressão cristalizada que impede, por exemplo, variabilidade no tipo de determinante.

Com base na tendência verificada com relação ao estatuto informacional do SN, a predominância de SNs com informação nova, podemos pressupor maior recorrência de SNs com artigo indefinido. Os resultados obtidos na análise estatística mostram evidências que indicam a necessidade de relativizar essa hipótese em função da modalidade, como se pode observar na tabela (7):

Tabela 7: Distribuição das elaborações de acordo com o tipo de determinante.

Tipo de determinante	FALA		ESCRITA	
Artigo definido	20	35%	62	43%
Pronome demonstrativo	9	15%	8	6%
Numeral	3	2%	6	4%
Artigo indefinido	25	43%	48	33%
Sem determinante	1	5%	21	14%
TOTAL	58		145	

Na escrita, os SNs elaborados são mais frequentemente constituídos por artigos definidos (43%). No entanto, é expressiva a incidência de SNs elaborados com artigos indefinidos (33%). São mais escassas as elaborações ligadas a SNs sem determinante (14%) e mais raras ainda as elaborações de SNs constituídos por

determinante demonstrativo ou por um numeral. Essa distribuição se aproxima da que foi constatada por Nogueira & Leitão (2004), para as orações apositivas em discursos oratórios<sup>78</sup> da Câmara Federal dos Deputados.

De forma diferente, na fala predominam SNs com núcleos precedidos por artigo indefinido (43%), mas se observa igualmente recorrência significativa de SNs com determinante definido (35%). Verifica-se também um índice relevante (15%) de SNs determinados por pronomes demonstrativos e são quase inexistentes elaborações sobre SNs sem determinante

A grande incidência de elaborações ligadas a SN's com artigos indefinidos na fala tem que ser relativizada, pois reflete a alta frequência do SN "uma coisa" nessa modalidade: no total de 25 ocorrências de SNs elaborados com artigos indefinidos, 19 (o equivalente a 76%) correspondem ao referido SN. Se considerarmos essa particularidade, a diferença entre as duas modalidades se dilui, levando a concluir por uma estrutura não marcada dos SNs elaborados, qual seja, artigo definido + N.

Podemos nos perguntar, porém, se essa tendência é formal ou um reflexo das propriedades discursivas do sintagma elaborado. Uma certa implicação entre tipo morfológico de determinante, definitude do SN e o estatuto informacional desse constituinte já foi apontada por diferentes autores (CHAFE 1976, PRINCE 1981, 1992). SNs com artigo definido particularizam ou especificam um referente e SNs com artigo indefinido não permitem sua identificabilidade. Como destaca C. Lyons (1999), essa equação está longe de ser categórica, pois em um exemplo como (69), abaixo, apesar de o núcleo do SN ser precedido por um determinante indefinido (*um carro*), o falante se refere a um carro particular.

(69) *Comprei um carro esta manhã.*<sup>79</sup> (C. LYONS, 1999 p. 2)

Na perspectiva do autor, o uso do indefinido, como no caso acima, pode estar relacionado ao que ele denomina *hipótese da familiaridade*, ou seja, o falante recorre a esse determinante pelo fato de saber a que está se referindo, sem considerar o conhecimento do ouvinte. Nesse caso, o SN indefinido introduz uma informação nova do ponto de vista do ouvinte, mas assinalada como familiar para o

<sup>78</sup> Os discursos oratórios são textos escritos para serem lidos, por isso, são mais elaborados e estamos comparando a nossa amostra de escrita.

<sup>79</sup> "I bought a car this morning". (C. LYONS, 1999 p. 2)

falante. O determinante definido, ao contrário, suporia informação compartilhada por falante e ouvinte, já mencionada anteriormente.

A hipótese da familiaridade pode ser discutida, por não dar conta de casos como o do exemplo abaixo em que o ouvinte é solicitado a identificar o referente *machado*, com base no seu conhecimento de mundo.

(70) *Passe-me o machado, você passa?*<sup>80</sup> (C. LYONS, 1999 p. 6)

Nesse exemplo, o artigo definido “o”, em conjunto com o verbo “passar”, informa ao ouvinte que ele é capaz de identificar o referente. Situações como essa conduzem muitos autores, como Chafe (1976), a adotarem o conceito de identificabilidade<sup>81</sup>, ou seja, o falante sabe ou pressupõe que o ouvinte é capaz de identificar o referente. Essa pressuposição pode estar baseada em diversos critérios: trata-se de um referente único, ou o único referente saliente, está associado a um contexto particular ou é delimitado no interior de um determinado grupo social ou, ainda, já foi mencionado anteriormente<sup>82</sup>.

A respeito da especificidade de SNs utilizados em referências anafóricas ou catafóricas, Winter (1992) postula que nomes não específicos tornam-se específicos por *identidade*, quando são nomeados ou identificados por modificadores adjetivais ou por uma *cláusula*. Podemos expandir essa hipótese para o caso da elaboração, considerando que os SNs elaborados ganham identificabilidade, ou se tornam mais específicos, através da remissão catafórica, o que significa dizer que a elaboração constituiria, numa primeira instância, uma estratégia de construção da definitude.

É necessário considerar ainda, como destacam, por exemplo, Chafe (1976) e Prince (1981), que há uma certa superposição entre o tipo de determinante que constitui o SN e o seu estatuto informacional. SNs com artigos definidos geralmente codificam informação apresentada como velha e SNs com artigo indefinido introduzem uma informação nova. Com base nessa predição, os resultados aferidos para estatuto informacional do SN elaborado e para tipo de determinante aparentemente se contradizem, na medida em que, como vimos na seção anterior,

<sup>80</sup> “Pass me the hammer, will you?” (C. LYONS, 1999 p. 6)

<sup>81</sup> Prince (1981) denomina estes casos de informação ancorada.

<sup>82</sup> C. Lyons (1999), embora proponha outros conceitos de definitude, admite que alguns casos são explicados de forma mais adequada pelo critério de identificabilidade.

os SNs elaborados codificam geralmente uma informação nova. Tendem a ser estruturados, no entanto, mais frequentemente com artigos definidos. Uma análise da correlação entre tipo de determinante e estatuto informacional do SN, cujos resultados são mostrados nas tabelas 8 e 9 permite esclarecer alguns aspectos.

Tabela 8: Correlação entre o tipo de determinante e estatuto informacional do SN elaborado na fala.

Estatuto informacional	Artigo definido		Sem determinante		Artigo indefinido		Pronome demonstrativo		Numeral		TOTAL	
Novo	12	30%	1	3%	24	60%	3	7%	0	0%	40	69%
Evocado	5	56%	1	11%	1	11%	2	22%	0	0%	9	15,5%
Inferível	3	33%	1	11%	0	0%	4	44%	1	11%	9	15,5%

De acordo com as expectativas, na modalidade falada, 60% dos sintagmas nominais com informação nova apresentam artigo indefinido. Observa-se, no entanto, um índice considerável de SNs novos com artigo definido (30%). A associação entre estatuto informacional e tipo de determinante é reforçada pela associação entre SNs com artigo definido ou com pronome demonstrativo e informação evocada, com (56%) e (22%), respectivamente. SN's com informação inferível apresentam comportamento similar ao dos evocados, predominando com artigo definido (33%) e, principalmente, com pronome demonstrativo (44%). As correlações identificadas corroboram assim a proposta de Chafe (1976) e de Prince (1981, 1992) de que há uma tendência de correlação entre o nível morfológico e o nível discursivo-informacional, isto é, informação nova se correlaciona com determinante indefinido e informação evocada correlaciona-se com determinante definido.

Os resultados da tabela 9, por sua vez, mostram tendências um tanto diferentes para a modalidade escrita, sobretudo no que se refere aos SNs com informação nova.

Tabela 9: Correlação entre o tipo de determinante e estatuto informacional do SN elaborado na escrita.

ESCRITA	Artigo definido		Artigo indefinido		Sem determinante		Pronome demonstrativo		Numeral		TOTAL	
Novo	56	43%	43	33%	19	15%	7	5%	6	4%	131	90%
Evocado	2	50%	1	25%	0	0%	1	25%	0	0%	4	3%
Inferível	4	40%	4	40%	2	20%	0	0%	0	0%	10	7

De forma semelhante ao que foi constatado para a fala, os SNs evocados associam-se mais frequentemente com artigo definido (50%) ou com pronome demonstrativo (25%). No entanto, os SNs novos se distribuem de forma diferente, com valores mais aproximados para SNs com artigo definido (43%) e SNs com artigo indefinido (33%). Os SNs inferíveis também apresentam um comportamento particular, com um índice de 40% associado a artigos indefinidos.

Na forma como se apresentam acima, os SNs que introduzem informação nova são os que apresentam maior variabilidade na sua estrutura, em especial na modalidade escrita, o que pode ser tomado como uma indicação de que a categoria informacional do SN é mais relevante para a instanciação das elaborações do que o tipo de artigo constituinte do SN. Além disso, essa variabilidade pode ser explicada, se considerarmos que, segundo a noção de identificabilidade do referente assumida, por exemplo, por Chafe (1976), C. Lyons (1999), o locutor pode fazer uso de um artigo definido quando supõe que o interlocutor é capaz de reconhecer o referente no discurso. A estrutura da Elaboração, como já vimos, ao expandir o SN, propicia a identificação do referente através de uma relação catafórica.<sup>83</sup> Nesse caso, o artigo definido pode ser usado até mesmo para se referir a uma entidade nova, principalmente, na escrita em que esta referência é visualmente assinalada pelo sinal de dois pontos, por exemplo.

<sup>83</sup> A acessibilidade dêitica do referente nominal definido já foi salientada por Givón (1984, p. 399) e por Nogueira & Leitão (2004, p. 141) com relação à oração substantiva afirmativa.



#### 5.2.4 - Presença de modificador

Como destaca Lyons (1977) e é atestado por Nogueira & Leitão (2004), a maior definitude e especificidade do SN pode ser sinalizada também com o auxílio de elementos modificadores que contribuem para assegurar a identificabilidade do referente. Na maioria dos casos, o SN elaborado apresenta modificadores, que contribuem para a definitude destes SNs tornando-os mais específicos, como podemos verificar nos exemplos<sup>84</sup> abaixo:

- (71) *Ficaram todas iguais, o que contraria um princípio básico do concurso: miss tem que ser diferente.* (O GLOBO 19-04-05)
- (72) *Mesmo nos momentos em que as mulheres obtiveram a maioria dos direitos sociais, ingressaram nas universidades, tiraram os primeiros lugares nos concursos de juízes e promotores, abriram consultórios, transformaram-se em deputadas e governadoras, continuou fazendo sucesso a piada do Nelson Rodrigues: "Mulher gosta de apanhar".* (JB 08-03-04)

Considerando os modificadores ligados a rótulos<sup>85</sup>, Francis (1994) destaca sua função não só no nível ideacional como também no nível Interpessoal e Textual propostos por Halliday (1994). Esses modificadores, além de adicionar significado ao nome com que se ligam, classificando-o ou definindo-o, servem para avaliar e organizar as proposições que encapsulam. Segundo Francis (Op. Cit.), os modificadores mais comuns encontrados nos rótulos são aqueles que apresentam um significado interpessoal, indicando avaliação. Essa função interpessoal dos modificadores é destacada também por Nogueira & Leitão (2004), que constata a presença de modificadores com alto valor axiológico relacionada a rótulos em contextos de orações positivas.

Os segmentos discursivos de elaboração podem expandir núcleos nominais acompanhados por um modificador, como no exemplo (73), ou núcleos desprovidos de modificadores, como em (74):<sup>86</sup>

<sup>84</sup> Os grifos nesses exemplos são nossos.

<sup>85</sup> Como vimos na seção 5.2.1 os rótulos constituem uma parte relevante de nossos dados.

<sup>86</sup> Os grifos nesses exemplos são nossos.

- (73) *Quanto ao suposto exagero no registro da brutalidade e da violência que nos cercam, atrevo-me a resumir o que seria a receita adequada: noticia-se a violência com a ênfase correspondente ao seu impacto na sociedade para que o registro ajude o cidadão a se proteger e, podendo, a reagir. Na pior hipótese, fazê-lo consciente dos riscos que corre. É o mínimo que lhe devemos. (O Globo 03-06-03)*
- (74) *Elas também representavam uma evolução: tudo que era monumental na maior cidade do "estado imperial" fora erguido para impressionar o resto dos Estados Unidos, o World Trade Center era para impressionar o resto do mundo. (O GLOBO 10-09-02)*

Tendo em vista a função expansora/definidora da elaboração, na forma como afirmamos na seção anterior, podemos esperar que esses segmentos discursivos ocorram principalmente com núcleos não modificados. Vejamos na tabela abaixo como se dá a distribuição das elaborações de acordo com presença de modificador no SN elaborado na fala e na escrita.

Tabela 10: Elaboraões de acordo com a presença de modificador no SN

Presença de modificador	FALA		ESCRITA	
	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.
SNs com modificador	5	8%	64	43%
SNs sem modificador	57	92%	85	57%

De acordo com a hipótese apresentada, a Elaboração ligada a SNs sem modificador demonstrou-se mais frequente nas duas modalidades, com 92%, na fala, e 57%, na escrita. Embora as duas modalidades apresentem tendência qualitativa similar, elas diferem quantitativamente, ocorrendo maior oscilação na escrita em que 43% das elaborações se relacionam a SNs com modificadores.

É possível que essa diferença reflita, pelo menos em parte, o tipo de núcleo mais recorrente em cada uma das modalidades. Como já destacamos na seção 5.2.1, há maior recorrência de rótulos nos textos escritos. De acordo com tendência já apontada em outros trabalhos (FRANCIS, 1994; NOGUEIRA & LEITÃO, 2004) grupos nominais cujo núcleo é um rótulo, frequentemente, apresentam modificadores. Na modalidade falada, por outro lado, há significativa recorrência de

SNs essencialmente fóricos e de nomes genéricos. Os primeiros tendem a não apresentar modificadores e os segundos compreendem prioritariamente o item lexical “coisa”, que, como mostramos na seção 5.2.1, pode estar passando por um apagamento semântico, apresentando comportamento similar aos dos SNs com função fórica inerente.

Um outro aspecto a ressaltar é a correlação entre a presença de modificadores e o tipo de texto em que predominam os segmentos de elaboração. Como discutiremos na seção 5.6.1, a Elaboração é mais frequente em trechos com função argumentativa. Ao mesmo tempo em que a presença do modificador contribui para tornar o SN elaborado mais específico, ele também reforça o caráter subjetivo da Elaboração, mostrando uma avaliação.

### 5.2.5 - Função sintática do SN elaborado

A análise desenvolvida até este ponto apontou algumas tendências que, como veremos, estão correlacionadas igualmente com a função sintática dos SNs. A análise deste aspecto permite identificar não só as principais funções sintáticas exercidas pelo SN elaborado como também a possível correlação entre a função sintática deste SN e o seu estatuto informacional. Dessa forma, podemos testar a hipótese de que a elaboração decorre mais das propriedades discursivas do primeiro segmento com que se liga do que aos seus aspectos sintáticos.

Os exemplos<sup>87</sup> abaixo ilustram, respectivamente, SNs elaborados nas funções de sujeito (75), objeto direto (76), objeto indireto (77), complemento nominal (78), predicativo do sujeito (79), adjunto adverbial (80) e, em (81) um SN isolado, ao qual não se pode atribuir uma função sintática específica.

- (75) *F: Vamos dar o valor. Ora se aquilo botar um salário mínimo, aí já ajuda que mínimo não vem. O salário máximo. Isso é que é não é nada de mínimo. O negócio é o seguinte: você trabalha, que você terá mais. Pronto, está certo? Fez menos, ganha menos; trabalhou mais, tem mais, não é isso? É não. Nada disso vamos trabalhar, e aí dá para os outro. Escuta, vamos abrir estradas num lugar que possa fazer trilho de trem, porque o com o combustível está caro, vamos abrir estrada de ferro então, pra trazer – de lá, não é? (Amostra Censo 80 – Falante 32)*

---

<sup>87</sup> Os grifos nesses exemplos são nossos.

- (76) *Ao deixar claro que não deseja ser importunado pelos jornalistas com perguntas sobre as duas áreas nas quais delegou poderes aos que podem falar em seu nome, Lula definiu o mapa dos próximos passos preguiçosos para compor o governo. Sem afobação, com todos os vagares, para não atropelar prazos nem criar embaraços à modelar transição que tanto o emociona e que classifica como um sonho. Repisou os cuidados, com intencional insistência: seu prazo para anunciar os ministros prolonga-se até 1º de janeiro. O exagero fica na conta da ênfase. (JB 01-11-02)*
- (77) *O arrocho monetário veio no tempo certo e já cobrou seu preço. Importante, agora, é olhar o horizonte. Deve-se confiar na palavra do ministro do Planejamento, Guido Mantega: o terreno está sendo preparado para a segunda onda da política econômica. O governo tem consciência de que o Brasil precisa voltar a crescer. Não é segredo, porém, que "o espetáculo do crescimento" exigirá muito mais do que a redução dos juros em um ou dois pontos percentuais. (JB 08-06-03)*
- (78) *O fiel leitor, com certeza, "manja" o cidadão Hildemar Diniz, que não é outro senão o grande Monarca da Portela. Se "manja" ou não, fique por dentro do seguinte: com de mais de meio-século de samba, e depois de compor centenas de belas e antológicas composições, Monarca da Portela, finalmente terá uma homenagem à altura do seu nome. Ele, simplesmente, terá sua vida esmiuçada como enredo da ES Unidos do Jacarezinho no desfile de 2005. (O POVO 13-04-04)*
- (79) *I- [A senhora] trabalha por conta própria?  
F- Bom, eu sou doméstica, só vendo mesmo essas coisinha aqui para ajudar, porque o salário não dá! Esse... essa política sempre sai uma política, entra outra, nunca melhora nada. Cada vez mais olha: afunda, não é? Agora, esses funcionário que ganha três, quatro, cinco salário, para quê? Enquanto outros mil precisam, não é mesmo? Que nem meu marido! Ele naquela ilha... Aquela ilha ali fora. Vocês estão vendo? Ilha do Brocoiê, Ilha do Governador. Ali, ele faz tudo, ele ali é tudo<sup>88</sup>: Ele é chefe de portaria, não é? ... Ele ali bate máquina, ele espera a visita para mostrar a ilha, ele bate ponto do pessoal, bate a conta de comidas. No fim ele ali é tudo! Para ganhar o quê? Um salário! (Amostra Censo 80 – Falante 12)*
- (80) *Neste sentido, a manobra americana de passar pela ONU antes de desencadear ação unilateral foi uma jogada de mestre. A aprovação do*

<sup>88</sup> Estamos considerando também como predicativo do sujeito exemplos como os seguintes: (É aquele negócio: ouviu o galo cantar, mas não sabia aonde.); (era isso: contava com aqueles vigia para qualquer coisa que eu quisesse, com pena mesmo de risco de vida. ); (Mas é a tal coisa, você está lá dentro, está sabendo o quê que está passando.) e (É o seguinte: a gente, quanto assina um contrato, com um clube, existe duas cláusulas, não é?). Em todos estes casos, tradicionalmente teríamos uma oração sem sujeito, impessoal. Na nossa análise estamos considerando uma posição de sujeito vazia e o SN que segue o verbo como um predicativo.

*Conselho de Segurança desarmaria todos os interlocutores recalcitrantes, da França à China, passando pelo Brasil, que firmaram posição legalista. O chanceler saudita Saud al Faisal colocou a questão nos devidos termos: “Se o Iraque sustenta que não possui armas de destruição, por que não aceita o regresso dos inspetores para esclarecer o assunto?” (JB 17-09-02)*

- (81) *Pergunta: deus do céu, que mal faria à língua sermos mais liberais e permitirmos acentuação facultativa? Aqui, por exemplo, o meu êsse é acentuado, não por gracinha, mas porque é fundamental. Antes que eu me esqueça - humorista não faz gracinha. (JB 03-09-02)*

De acordo com a distribuição mostrada na tabela 11, as duas modalidades se distinguem no que diz respeito à função sintática do SN elaborado.

Tabela 11- Elaboração de acordo com a função sintática do SN

Função sintática	FALA		ESCRITA	
	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.
Sujeito	20	20%	37	24%
Objeto direto	31	30%	68	44%
Objeto indireto	-	-	8	5%
Complemento nominal	-	-	5	3%
Adjunto adverbial	1	1%	12	8%
Predicativo do sujeito	48	47%	11	7%
Sem Função sintática	2	2%	13	9%
TOTAL	102		154	

A função sintática mais frequentemente instanciada pelos SNs sobre elaborados é, na escrita, a de complemento verbal e, na fala, a de predicativo do sujeito. Além destas, destaca-se, nas duas modalidades, a incidência de elaborações de SNs com função de sujeito, com 20%, na fala, e 24% na escrita.

A discrepância entre as duas modalidades pode ser devida ao fato de que os valores da tabela 11 terem sido obtidos com todos os dados, incluindo os SNs que denominamos inerentemente fóricos, muito recorrentes na fala. Como mostra o exemplo abaixo, esse tipo de SN exerce prioritariamente (36/40= 90%) a função de predicativo do sujeito.

- (82) *F- [vinte e quatro. ah,] que isso? Não é esses broto. Mas eu já saí com uma mina de trinta e cinco anos. Eu passei com ela duas semanas. Ah! Então é o seguinte: eu gosto é como eu te disse, eu gosto é de viver o momento. "Está bem? Vamos curtir. Não está, não? É o seguinte: vai embora, que eu vou para o meu caminho."* (Amostra Censo 80 – Falante 15)

Numa reanálise em que excluímos esses SNs, transparece maior paralelismo entre fala e escrita no que se refere à função sintática do SN elaborado, como pode ser observado na tabela 12:

Tabela 12: Elaboraões de acordo com a função sintática do SN (excluindo SN's com função fórica inerente)

Função sintática	FALA		ESCRITA	
	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.
Sujeito	19	31%	37	25%
Objeto direto	29	47%	63	42%
Objeto indireto	-	-	9	6%
Complemento nominal	-	-	4	3%
Adjunto adverbial	-	-	12	8%
Predicativo do sujeito	12	19%	11	7%
Sem Função sintática	2	3%	13	9%
TOTAL	62		149	

Com a exclusão dos fóricos os resultados da escrita praticamente não se alteram. Na fala, por sua vez, verifica-se uma redução relevante de elaboraões

ligadas a SNs na função de Predicativo do Sujeito e os resultados obtidos se tornam paralelos aos da escrita, com 42% de elaborações de SNs na função de objeto direto.

Os resultados acima suscitam a questão relativa à independência dessa tendência, se considerarmos que pode haver correlação entre a função sintática de um constituinte e seu estatuto informacional. Mais frequentemente, informação nova está associada ao complemento do verbo (cf. CHAFE, 1976, PRINCE, 1981). Dessa forma, pode-se pressupor que mais do que a função sintática do SN seja o seu estatuto informacional a variável mais relevante para a ocorrência da elaboração. A análise da correlação entre essas duas variáveis, mostrada na tabela 13, para a fala, e na tabela 14, para a escrita, favorece essa interpretação.<sup>89</sup>

Tabela 13: Distribuição da elaboração de acordo com a correlação entre função sintática e estatuto informacional do SN elaborado na fala

Função sintática	Novo		Evocado		Inferível		Total	
	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.
Sujeito	9	47%	7	37%	3	16%	19	
Objeto direto	25	86%	1	4%	3	10%	29	
Objeto indireto	-	-	-	-	-	-	-	
Complemento nominal	-	-	-	-	-	-	-	
Adjunto adverbial	-	-	-	-	-	-	-	
Predicativo do sujeito	4	36%	2	18%	5	46%	11	
Sem Função sintática	2	100%	0	0%	0	0%	2	

Na fala, efetivamente os SNs na função de objeto direto, apresentam uma distribuição conforme às expectativas, codificando, predominantemente (86%) informação nova. Constata-se, no entanto, que tendem a predominar igualmente SNs na função de sujeito com informação nova (47%), embora esses possam se associar de forma significativa também com informação evocada (37%).

<sup>89</sup> Essas tabelas também desconsideram os fóricos.

Segundo os resultados da tabela 14, essa distribuição se reitera na modalidade escrita:

Tabela 14: Correlação entre função sintática do SN elaborado e seu estatuto informacional na escrita

Função sintática	Novo		Evocado		Inferível		TOTAL	
	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.	Ocorr.	Percent.
Sujeito	31	84%	2	5%	4	11%	37	
Objeto direto	58	92%	0	0%	5	8%	63	
Objeto indireto	8	100%	0	0%	0	0%	8	
Complemento nominal	4	100%	0	0%	0	0%	4	
Adjunto adverbial	12	0%	0	0%	0	0%	12	
Predicativo do sujeito	8	73%	2	18%	1	9%	11	
Predicativo do objeto	0	0%	0	0%	1	100%	1	
Sem Função sintática	13	100%	0	0%	0	0%	13	

Na escrita, dos 63 SNs elaborados na função de objeto direto, 92% codificam informação nova, corroborando, assim, a correlação entre essa função sintática e a categoria informacional do SN. Mais uma vez, os SNs na função de sujeito se associam de forma nítida (84%) com informação nova diferentemente do esperado. Apenas (5%) dos SNs sujeito codificam informação velha.

De acordo com as tendências depreendidas nas duas modalidades, poderíamos afirmar que o estatuto informacional do SN elaborado é mais relevante do que sua função sintática e que a importância dos SNs na função de objeto direto é um reflexo do fato de que esses constituintes objeto se associam mais frequentemente associados a informação nova.

Um outro aspecto a ressaltar é o fato de que as ocorrências de sujeito com informação nova referem-se a SNs genéricos em estruturas como mostram os exemplos abaixo:



(83) *I: E como é que faz, assim: vocês se reúnem- assim, de repente- você estava contando, ontem, que jogam, não é? As mesmas pessoas, não é?*

*F: Não, não é reunião, o caso é o seguinte: essa pelada que eu jogo lá no Acari, foi criado pela gente mesmo. Então era todo mundo da mesma rua. (Amostra Censo 80 – Falante 25)*

Esta é mais uma evidência de que algumas diferenças entre fala e escrita no que se refere à elaboração decorrem das particularidades dos SNs mais recorrentes em cada uma delas.

### 5.3 - TIPO DE PREDICADOR

O segmento discursivo elaborado integra um processo, participando da transitividade (HALLIDAY, 1994) da oração em que se situa. Podemos pressupor, então, que o tipo de processo ao qual esse SN está ligado possa estar correlacionado à relação de elaboração, e mesmo à maior ou menor ocorrência de determinados subtipos dessa relação.

Na concepção de Hopper & Thompson (1980), a transitividade é uma noção escalar, resultante da co-atuação de parâmetros como os que envolvem a efetivação da ação, a pontualidade do estado de coisas descrito, a atividade consciente de um agente, a afetação do objeto<sup>90</sup>. Quanto maior o número de parâmetros marcados positivamente, mais alta é a transitividade. Nesse sentido, transitividade se caracteriza pela efetivação ou intensidade com a qual a ação é transferida de um participante para o outro.

Essa perspectiva funcional da transitividade é adotada igualmente por Givón (2001) para quem a transitividade leva em conta a oração como um todo e é vista em termos de um *continuum* no qual se conjugam aspectos sintáticos e semânticos. Um evento transitivo prototípico seria aquele que possui um agente intencional, ativo; um paciente concreto, afetado e que resulte em um evento concluído, pontual.

Sob um outro ponto de vista, o qual adotamos nesta Tese, Halliday (1994) concebe a transitividade como um sistema que faz parte do subsistema léxico-

<sup>90</sup> Hopper e Thompson (1980, p. 252) propõem dez parâmetros da transitividade, a saber, Participantes, Cinese, Aspecto do verbo, Pontualidade, Intencionalidade do sujeito, Polaridade da oração, Modalidade da oração, Agentividade do sujeito, Afetamento do objeto, Individualização do objeto.

gramatical. No sistema da transitividade, estão codificados processos através dos quais, segundo Halliday (1994), os falantes constroem e refletem suas experiências. Halliday concebe os processos em termos da conjugação de três componentes: o processo por si mesmo, seus participantes e as circunstâncias nele envolvidas. Dessa forma, vai ao encontro da posição de Givón (Op. Cit) e de Hooper & Thompson (1980), alargando o conceito de transitividade para além da fronteiras do núcleo verbal.

Halliday (1994) propõe a seguinte classificação dos processos: *materiais*, *mentais*, *relacionais*, *verbais*, *existenciais* e *comportamentais*. Os processos **Materiais** são instanciados por verbos de ação<sup>91</sup> em que há, pelo menos, um participante, o autor da ação e, facultativamente, um segundo participante que é o objetivo do processo. Vejamos um exemplo extraído de nosso *corpus*:

- (84) *O leitor Alex Felipe, por exemplo, mandou<sup>92</sup> este: "Eu concordo com a dona Rosângela quando diz que vocês gostam de deturpar as coisas. Vocês são muito tendenciosos. Faz-se do direito de ter um poder muito grande de manipular as pessoas. Mas Deus está vendo tudo isso, deixo para sua meditação: "Não erreis. Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará". (O Globo 20-10-02)*

Os processos **Mentais** são exemplificados por verbos que expressam sentimento, pensamento ou percepção de um participante humano, o experienciador, e se pode referir a alguma entidade (pessoa, criatura, objeto, instituição ou abstração), ou a algum processo (ação, evento, qualidade, estado ou relação), como podemos observar neste exemplo de nosso *corpus*:

- (85) *Mas, estando na crista da onda das esperanças do povo, não custa nada à classe política compenetrar-se daquele princípio rigorosamente aplicado pelos dragões celestes: a quem muito é dado, muito será exigido. (JB 02-06-03)*

Os **Relacionais** são representados por verbos que estabelecem atributos, identificação e posse entre duas entidades e podem ser divididos em três tipos principais: o *intensivo*, o *circunstancial* e o *possessivo*. Estes tipos se distinguem em dois modos: o **atributivo** e o **identificador**.

<sup>91</sup> Os verbos de ação são geralmente aqueles que envolvem uma mudança num intervalo de tempo.

<sup>92</sup> Os grifos nos exemplos de (84) a (97) são nossos.

Segundo Halliday (1994), os processos **relacionais intensivos** caracterizam-se pela presença do verbo “ser” (*be*) e de dois grupos nominais. No **modo atributivo**, uma qualidade é atribuída a uma entidade (carregador): ‘x é um membro da classe de a’, como neste exemplo d’ *O Povo*:

- (86) *Isso é- a feira da ruas é o seguinte: é, cada rua monta uma barraca e a renda [da] – da rua é para a igreja, entendeu? Ah! Essa festa dá muito dinheiro!* (Amostra Censo 80, Fal. 07)

Em português, além do verbo “ser”, verificamos a presença de outros verbos, tal como no exemplo abaixo:

- (87) *Para mim, uma coisa ficou muito clara: o Fluminense está desequilibrado fisicamente.* (JB 8-03-04)

No **modo identificador**, uma entidade é usada para identificar outra: ‘x é identificado por a’, ou ‘a serve para definir a identidade de x’, como no exemplo (88):

- (88) *Na Rússia daquele tempo, o adultério ainda pedia punição severa — e, não por acaso, a epígrafe do livro é uma frase terrível da Bíblia: “Eu me reservei a vingança, diz o Senhor”.* (O Globo 01-10-04)

Os processos **relacionais circunstanciais** definem-se por uma relação entre dois elementos que podem expressar, de acordo com Halliday (1994), tempo, lugar, modo, causa, companhia, papel, matéria ou ângulo. No **modo atributivo**, o elemento circunstancial é um atributo que está sendo dado a alguma entidade, como em (89):

- (89) *Agora é água e mais água, apenas interrompidas por um triste sol pálido e constipado, em que não confio muito. Vento e mais vento. Cerração e naufrágios.* (JB 02-06-03)

No **modo identificador**, uma entidade está sendo associada à outra por traços de tempo ou lugar etc, como neste exemplo retirado do jornal *Extra*:

- (90) *Nada disso é o princípio do fim, de maneira alguma.* (Extra 16-01-05)

Nos processos **relacionais de posse**, uma entidade A possui uma entidade B, conforme ilustra o exemplo abaixo:

- (91) *Rafaela, Gizele, Deucilene, Jéssica, Aliane e outras 25 meninas possuem quatro coisas em comum: fizeram 15 anos no mês de setembro de 2003; não tiveram festa por questões financeiras; moram em bairros humildes da Baixada Fluminense e vão realizar seu sonho de ter um baile de debutantes dia 19 de dezembro, às 21:00 horas, na Quadra Social da Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, na Rua Almirante Barroso nº 05, Centro, Duque de Caxias. (O Povo 18-12-03)*

No **modo atributivo**, a relação de **posse** pode ser expressa na forma de um atributo, como em (92):

- (92) *O relato é de Clóvis Rossi, na Folha de S.Paulo: "A implementação de seu programa econômico é um bom exemplo para o mundo". (JB 25-07-05)*

Ou na forma de processo, como no seguinte exemplo extraído do jornal Extra:

- (93) *Risadinha tem antecedentes criminais: foi autuado em 1997, na 12ª DP Copacabana), por tráfico; no ano seguinte, na 37ª DP Ilha), por tráfico e porte ilegal de armas. Ele chegou a ficar preso na Polinter, mas fugiu no fim de 1997 e foi recapturado em 1998. (Extra 04-06-03)*

No **modo identificador**, a relação de **posse** entre duas entidades, também, pode ser organizada de duas formas: como um traço dos participantes, como no exemplo (93) supracitado ou como um traço do processo em (94):

- (94) *"Bem-aventurados os brandos e pacíficos, porque possuirão a Terra". (EXTRA 16-01-05)*

Os processos **Verbais** são relacionados à fala e são instanciados por verbos *dicendi*: *dizer, perguntar, responder* etc, como podemos observar no exemplo (95):

- (95) *("Eu agora") vou dizer uma coisa para você: carnaval, agora de rua, está ruim. Porque antigamente o carnaval na rua era melhor de que no clube. (Amostra Censo 80 Fal. 45)*

Os processos **Existenciais** representam algo que existe ou acontece no mundo real e podem ser representados, no português, por verbos como *haver*, *existir*, como ilustra o trecho (96):

- (96) *Alencar parece não se ter dado conta de que de lá para cá houve uma mudança crucial na situação: ele agora é governo, com todos os ônus e os bônus resultantes dessa condição* (JB 03-06-03)

Os processos **Comportamentais** são representados por verbos de comportamento fisiológico e psicológico tipicamente humanos, como no exemplo (97):

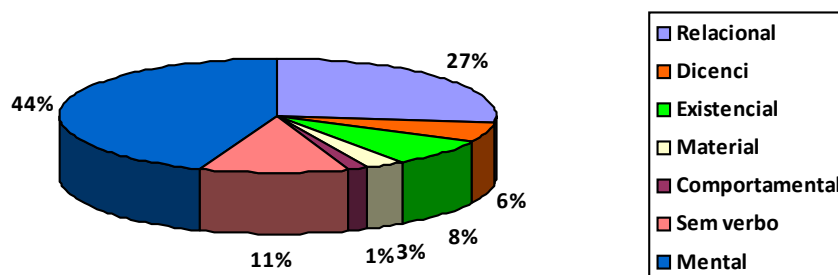
- (97) *Suas companheiras levaram ao altar as seus simples instrumentos, dentre os quais a Bíblia, e uma das camisetas que ela gostava de usar com o lema: "o Xingu não fala, mas se falasse pediria para não ser destruído".* (JB 20-02-05)

Muitas vezes, o processo **comportamental** se encontra no limite entre outros processos, tais como *mental*, *verbal* e *material*. Na tentativa de distingui-los, Halliday (1994) propõe a seguinte classificação: os **processos de consciência representados como formas de comportamento** estão próximos ao processo *mental* e podem ser representados por verbos do tipo: *olhar*, *assistir*, *fitar*, *escutar*, *pensar*, *preocupar*, *sonhar*; os **processos verbais como comportamento** fazem fronteira com os *processos verbais propriamente ditos* e são instanciados por verbos como *bater papo*, *conversar* e *resmungar*; os **processos fisiológicos que manifestam estados de consciência** podem ser exemplificados por verbos como *chorar*, *rir*, *sorrir*, *emburrar*, *suspirar*, *grunhir*, *gemer*. Outros processos **fisiológicos** são instanciados por verbos como *respirar*, *tossir*, *desmaiar*, *bocejar*, *dormir*. Os **processos relativos a posturas corporais e passatempos** são casos limítrofes entre os processos *comportamentais* e *materiais* e podem ser representados, por exemplo, por verbos como: *cantar*, *dançar*, *deitar-se*, *sentar-se*.

Com base na proposta esquematizada acima, analisamos a predicação verbal das orações em que se inserem os SNs desenvolvidos pela relação de Elaboração. Foram encontradas nos nossos dados, ocorrências de processos *materiais* (84), *mentais* (85), *relacionais* (86), *verbais* (95), *existenciais* (96) e *comportamentais* (97):

O Gráfico 2 mostra a distribuição da relação de elaboração na escrita de acordo com o tipo de verbo da oração em que se encontra o SN elaborado.

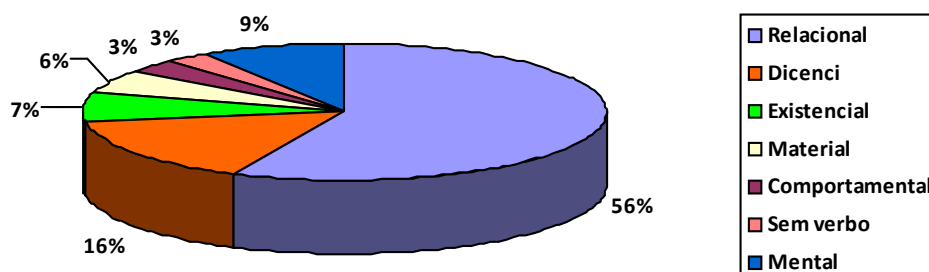
Gráfico 2 - Distribuição do tipo de verbo na escrita



Segundo o gráfico 2, na modalidade escrita, a elaboração de um SN ocorre principalmente para SNs ligados a *verbos mentais* (44%). Em segundo lugar, encontram-se SN's que participam de processos *relacionais* com (27%). Verifica-se ainda um índice um pouco mais relevante de SNs elaborados em segmentos discursivos sem um núcleo verbal explícito (11%); de SNs ligados a *verbos existenciais* (8%) e a *verbos dicendi* (6%). Raríssimas são as elaborações de SNs ligadas a verbos que codificam processos comportamentais e materiais.

Na modalidade falada, as elaborações se distribuem de forma um pouco diferente de acordo com o tipo de predicador, como mostra o gráfico 3.

Gráfico 3 - Distribuição do tipo de verbo na fala



Na modalidade falada, os SNs elaborados se ligam predominantemente a verbos relacionais, em mais da metade dos dados (56%). Em segundo lugar,

aparecem os processos verbais ou *verbos dicendi*, com 16%. Os verbos mentais apresentam frequência significativamente mais baixa, de apenas 9%.

As modalidades falada e escrita se particularizam, portanto, no que se refere ao tipo de verbo da oração na qual se encontra o SN elaborado, indicando possíveis particularidades funcionais dessa relação, de acordo com características de cada uma delas.

De acordo com a posição assumida no que se refere à transitividade da oração, podemos suspeitar que as tendências distintas das duas modalidades decorra da diferença que elas apresentam quanto às propriedades semânticas e referenciais dos núcleos dos SNs elaborados. Essa suspeita se confirma numa análise em que consideramos o cruzamento entre as variáveis tipo de núcleo do SN elaborado e tipo de verbo.

Na escrita, quase a metade ( $29/60 = 48\%$ ) dos núcleos *metalinguísticos*, o tipo predominante nessa modalidade, estão ligados a verbos que codificam processos mentais. Tendência semelhante se verifica para os núcleos *avaliativos* ( $4/6 = 70\%$ ) e para os núcleos *preceituantes* ( $6/8 = 75\%$ ). Outros tipos de núcleos nominais permitem maior variabilidade, se associando de forma equivalente com verbos do tipo mental ou relacional: *qualidade* (50% para cada um desses tipos de verbo no total de 4 ocorrências deste tipo de SN) e *resultado* ( $7/17 = 41\%$  e  $6/17 = 35\%$ , respectivamente). Os núcleos do tipo *genérico*, por sua vez, se associam mais frequentemente com verbos relacionais ( $7/10 = 70\%$ ).

Na modalidade falada, como vimos, os núcleos genéricos e o SN *o seguinte* se associam prioritariamente com predicadores do tipo relacional, 40% ( $16/40$ ) e 63% ( $22/35$ ), respectivamente. Os SNs genéricos estão correlacionados de forma expressiva também com os verbos do tipo dicendi: 30% ( $12/40$ ). Essas correlações sugerem diferenças no papel desempenhado pela elaboração na fala e na escrita, uma questão que tratamos de forma mais detalhada nas seções 5.6.1 e 5.6.2.

#### 5.4- PROPRIEDADES DO SEGMENTO ELABORADOR

Nesta seção, focalizamos as propriedades relacionadas ao segmento discursivo elaborador, mais especificamente, a natureza do enunciador do segmento discursivo que expande o SN elaborado e a extensão desse segmento.

### 5. 4.1 - Natureza enunciativa do segmento elaborador

A natureza enunciativa do segmento elaborador se refere à maneira como a Elaboração é apresentada pelo falante/escritor: pelas próprias palavras do autor/locutor ou pela retomada de um discurso alheio, na maioria das vezes na forma de um discurso direto. Do ponto de vista enunciativo essas duas formas se distinguem, na medida em que, na primeira o falante/escritor assume a informação acrescentada ao SN elaborado, enquanto que, na segunda, atribui a informação a um outro enunciador. Ao introduzir o discurso de um outro locutor, o falante/escritor simultaneamente investe seu próprio discurso de maior objetividade e assegura um certo distanciamento, reduzindo sua responsabilidade quanto à validade das informações acrescentadas.

O uso do discurso direto como forma de Elaboração de um SN é exemplificado em (98):

- (98) *Naquela época se elegia facilmente, pelo menos uma dúzia de sambas como os melhores. Hoje é preciso montar um júri de especialistas para se conseguir escolher um único samba como o melhor. Agora mesmo os especialistas escolheram o óbvio, ao elegerem o samba "Aquarela do Brasileira" de Silas de Oliveira como melhor samba. Andamos tão carentes de bons sambas, que os quatro sambas antigos, na ótica deste júri, deixaram para trás as novas composições. Não se pode negar méritos aos antigos sambas, porém lembro uma frase que o saudoso Albino Pinheiro certa vez cunhou, ao ser perguntado sobre o melhor samba enredo: " O melhor samba é aquele que proporciona o melhor desfile para a escola" . É ligado nessa resposta do Albino é que fico na minha, pois nem sempre o melhor apontado antes da "jibóia ser esticada" na avenida, leva a escola realizar bom desfile. Vide o exemplo do Carnaval de 2003, quando estes mesmos jurados apontaram o samba da Unidos da Tijuca como o melhor da safra. Oxalá que os quatros sambas antigos possam proporcionar belos desfiles para as escolas que os escolheram. Só assim, surgirá uma luz dentro do túnel, e talvez possamos voltar aos bons tempos dos grandes sambas enredo, apesar da notória falta de inspiração e competência de nossos atuais compositores. (O POVO 18-11-03)*

Em (98), o primeiro segmento da Elaboração já anuncia, através do verbo “lembrar” que o locutor, no caso o articulista, dará voz a um outro locutor a fim de introduzir sua posição de que nem sempre a seleção de um samba como o melhor é

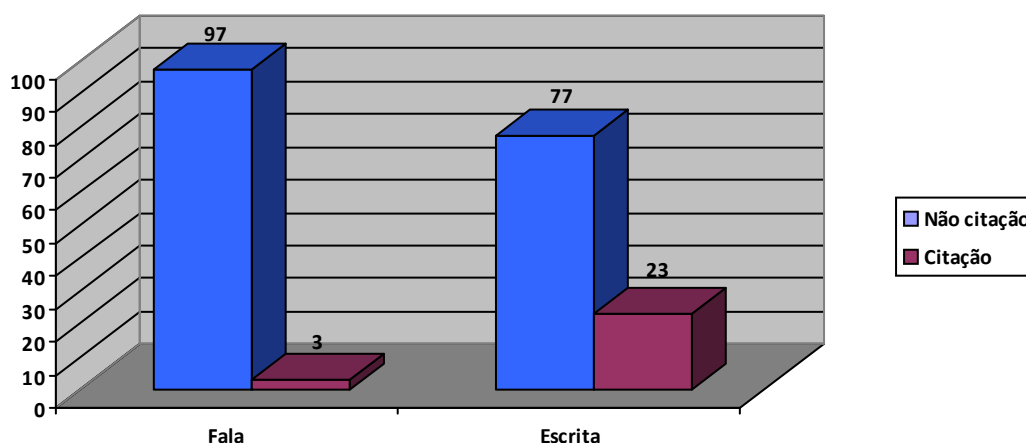


garantia de um bom desfile. O cronista utiliza-se de uma frase de Albino Pinheiro, pesquisador do samba e do carnaval, para dar credibilidade à sua posição.

Ao introduzir uma citação, o falante/escritor incorpora uma outra voz discursiva, em outros termos, um outro enunciador. Ao mesmo tempo que constitui um procedimento de fortalecimento de um argumento, através do recurso à autoridade, a citação pode ser entendida como uma forma de o locutor manter a objetividade do discurso e sua isenção em relação ao que está sendo dito.

No gráfico 4, mostramos a distribuição da Elaboração como uma citação na escrita e na fala.

**Gráfico 4 - Distribuição dos segmentos de elaboração de acordo com a natureza enunciativa do segmento elaborador.**



Tanto na fala como na escrita predominam trechos de elaboração que não constituem uma citação. É de se destacar, no entanto, a diferença entre as duas modalidades no que se refere ao uso de citações como recurso de elaboração de um SN: na escrita, verifica-se 23% de elaborações na forma de citações; na fala, esse índice cai para apenas 3%.

A maior recorrência de elaborações na forma de um discurso direto na escrita reforça nossa afirmação de que esse recurso funciona no sentido de garantir maior objetividade discursiva. Dessa forma, se explica igualmente a sua baixa incidência na fala, uma modalidade mais propícia ao envolvimento pessoal. (CHAFE, 1982; BIBER, 1988)

#### 5.4.2- Extensão do segmento Elaborador

O segundo segmento da relação de elaboração pode variar em extensão, sendo constituído de *uma, duas, três* ou de *mais orações*, como podemos observar nos exemplos<sup>93</sup> abaixo:

- (99) *Tudo muito “família”. Mas nessa acumulação de atividades prosaicas, surgia o grande desafio: transformar a paixão em amor.* (O GLOBO 01-10-04)
- (100) *Ninguém trabalha com eles para lhes aprimorar o passe e o drible, o cruzamento e os chutes a distância, a matada de bola, o senso de desmarcação e de colocação, e, enfim, esta habilidade hoje inalcançável: dominar a bola sem ter de sair correndo atrás dela.* (EXTRA 18-03-04)
- (101) *O pensamento de João Paulo II sobre o Rio de Janeiro resume-se na espontaneidade de suas expressões, que foram inseridas no discurso aos participantes do Congresso Teológico Pastoral, no Riocentro, a 3 de outubro: “O lugar, a cidade do Rio de Janeiro, cria uma inspiração. Porque se vê, continuamente, esta arquitetura divina. E também se vê a arquitetura humana. A divina supera (...) Esta inspiração é importante para as famílias porque também elas são uma arquitetura divina e humana ...) Esta cidade é uma inspiração para compor maravilhosamente as famílias, os matrimônios. Isto é divino, isto é humano!”* (O GLOBO 02-11-02)

Através do controle da extensão dos segmentos de elaboração, procuramos verificar a aplicabilidade, ou a generalidade, de duas hipóteses relativas à correlação entre segmentos discursivos que se situam à direita do seu núcleo e o seu peso. Numa primeira perspectiva, essa questão toma como ponto de partida a extensão dos constituintes, assumindo que se dois constituintes de extensão diferente estão sequenciados, o menor precede o maior, o princípio de “end weight” (QUIRK et al, 1985; WASOW, 2002; WASOW & ARNOLD 2003; PAIVA 2008).<sup>94</sup>

Dias (2004), embora numa perspectiva um pouco distinta, destaca a importância do peso nas estruturas apositivas. A autora distingue entre segmentos

<sup>93</sup> Os grifos nos exemplos de (99) a (101) são nossos.

<sup>94</sup> Hawkins (1994, 2000) alerta, no entanto, que esse princípio se aplica às línguas do tipo verbo inicial. Em algumas línguas do tipo verbo final, observa-se uma tendência contrária, com elementos maiores precedendo elementos menores. (cf. também SHANNON & COFFEY 2004)

ligados por conectores e segmentos não ligados por conectores, concluindo pela existência de um certo equilíbrio de peso entre o constituinte da esquerda e o constituinte da direita. Na aposição que recai sobre um sintagma na unidade A, a unidade B, comumente, é expressa por um conjunto de cláusulas. Nos casos de ausência de conectores, nesse tipo de aposição, a autora observou a existência de cláusula (s) na unidade B e naqueles em que há um conector discursivo, a ocorrência de cláusulas que envolvem períodos longos, concluindo que:

à medida que o elemento base da unidade matriz fica mais *pesado*, temos à direita a unidade apositiva mais *leve*. E, à medida que a unidade base realiza-se como um sintagma ou uma oração apenas, portanto um elemento mais *leve*, temos como unidade apositiva períodos longos e pesados. (DIAS, 2004 p. 65)

Na perspectiva de Wasow, Jaeger & M. Orr (no prelo), a partir da análise das orações relativas, mais do que a extensão do constituinte situado à esquerda, são as suas propriedades semânticas que favorecem a ocorrência dessas orações. Assim, SNs que têm como núcleo nomes semanticamente leves, tais como *thing, way, time*, são mais frequentemente expandidos por orações adjetivas do que os nomes com uma referência mais específica. Essa tendência se justifica pelo fato de que nomes semanticamente leves requerem o acréscimo de mais conteúdo para serem compreendidos. Assim exemplos como (103) são comunicativamente mais eficientes do que exemplos como (102), retomado dos autores.

(102) *A coisa está quebrada*<sup>95</sup> (WASOW, JAEGER & ORR, no prelo. s.p.)

(103) *A coisa que você pendurou atrás da porta está quebrada*<sup>96</sup>. (WASOW, JAEGER & ORR, no prelo. s.p.)

Considerando a relação de elaboração, essas duas perspectivas autorizariam previsões ligeiramente distintas. Tomando como base apenas o peso do segmento elaborado, podemos pressupor a predominância de elaborações com maior extensão tanto na fala como na escrita, já que, em ambas, o elemento da esquerda constitui um SN na maioria dos casos não modificado. De acordo com a segunda hipótese, pode-se esperar uma diferença na extensão de elaborações na fala e na

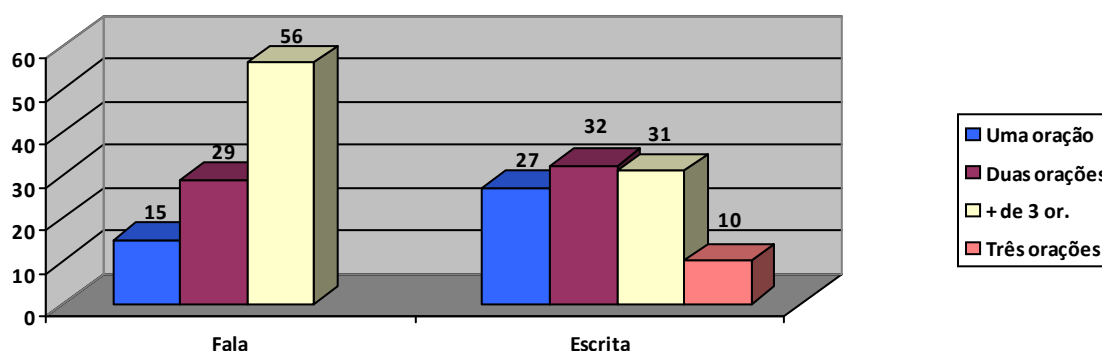
<sup>95</sup> *The thing is broken.* (WASOW, JAEGER & ORR, no prelo. s.p.)

<sup>96</sup> *The thing you hung by the door is broken.* (WASOW, JAEGER & ORR, no prelo. s.p.)

escrita, visto que, nessa modalidade, como já foi salientado na seção 5.2.1, prevalecem os rótulos com maior conteúdo semântico (metalinguísticos) enquanto, naquela, predominam núcleos nominais genéricos.

O gráfico abaixo, que mostra a distribuição das elaborações de acordo com o número de orações do segmento elaborador, fornece evidências de maior generalidade de uma perspectiva semântica do fator peso, embora não se possa descartar inteiramente o efeito da extensão.

Gráfico 5 - Distribuição dos segmentos de elaboração de acordo com sua extensão



Na modalidade falada, o segmento elaborador tende a ser mais extenso, constituindo-se mais frequentemente de mais de três orações (56%). Na escrita, ao contrário, os resultados para segmento elaborador de uma, duas e mais de três orações, respectivamente 27%, 32% e 31%, equiparam-se, anulando o efeito dessa variável.

A tendência observada na fala pode ser explicada por uma interpretação de peso em termos de extensão: como na unidade A há um elemento *leve*, um SN, a unidade B que o expande tende a ser mais *pesada*. A distribuição constatada para a modalidade, escrita desfavorece, porém, essa interpretação.

Essa diferença entre fala e escrita tem que ser vista em termos das diferenças no tipo de SN elaborado, o que confirmaria, portanto, a proposição de Wasow, Jaeger & M. Orr. (no prelo) quanto à importância do peso semântico do constituinte da esquerda. Quanto menor é o conteúdo semântico de um SN, maior necessidade de acrescentar informações que garantam sua identificabilidade. Na fala, a frequência considerável de SNs elaborados genéricos ou inerentemente catafóricos justifica a recorrência de segmentos de elaboração mais extensos, que permitem maior especificação. Na escrita, ao contrário, predominam SNs com conteúdo

semântico. Uma análise da correlação entre o tipo de SN e a extensão do segmento elaborador, permite mostrar que os SNs elaborados menos específicos exigiriam mais informação no segmento elaborador. Na amostra de fala, 70% dos SNs fóricos e 48% dos SNs genéricos estão correlacionados a um segmento elaborador contendo mais de três orações. Na amostra de escrita, em que predominam SNs com maior conteúdo semântico, como os metalinguísticos, não se constata diferenças significativas na ocorrência de elaborações de acordo com a extensão.<sup>97</sup> Há indicações, portanto, de que a segunda hipótese, que considera peso em termos de traços semânticos, pode explicar de forma mais integrada a tendência verificada nas duas modalidades.

Não se pode excluir, no entanto, a interferência de particularidades de cada uma das modalidades. A escrita, principalmente no veículo jornalístico, caracteriza-se por maior condensação da informação (CHAFE, 1976, KOCH, 2008; entre outros). Na fala, ao contrário, a informação apresenta-se de forma mais diluída.

## 5.5 – SINALIZAÇÃO E ELEMENTOS INTERVENIENTES

A forma de ligação entre o segmento elaborador e o segmento elaborado, assim como a presença de elementos intervenientes entre eles constituem dois aspectos de interesse para a compreensão da forma como se apresentam as elaborações na fala e na escrita. O primeiro aspecto envolve as marcas prosódicas e gráficas que o falante/locutor usa para indicar a relação de Elaboração e o segundo, a presença e tipo de material linguístico interposto entre os dois segmentos da elaboração.

Estudos na área da Teoria da Estrutura Retórica mostram que a sinalização contribui para a indicação das relações semânticas no texto. Segundo Dale (1992). para a língua escrita, três formas de sinalização explícita são mais recorrentes: as lexicais, como as expressões que funcionam como pistas (*next, anyway, to get back*), as marcas prosódicas como vírgulas, ponto e vírgula, dois pontos e marcas gráficas, como quebra de parágrafo.

---

<sup>97</sup> Dos rótulos que apresentam maior conteúdo semântico 39 (29%), correlacionam-se a mais de 3 orações; 15 (11%), a 3 orações; 37 (28%), a 1 oração e 42 (32%), a 2 orações. Dos rótulos genéricos, 6 (60%), a mais de 3 orações; 2 (2%), a 1 oração; 2 (2%), a 2 orações. Dos fóricos 3 (60%), a mais de 3 orações; 1 (20%) a 1 oração; 1 (20%) a 2 orações.

Na modalidade falada, os traços prosódicos contribuem para a classificação das relações retóricas. No que diz respeito à relação de Elaboração, Murray, Taboada & Renals (2006) mostram que tanto o núcleo como o satélite tendem a se caracterizar por alta duração, esses dois segmentos são separados por uma pausa longa e o segmento satélite apresenta baixa velocidade de fala.

Na modalidade falada, a ocorrência de uma pausa<sup>98</sup> não final entre os segmentos em elaboração foi tomado como um índice de ligação entre eles. Na modalidade escrita, destacam-se as sinalizações gráficas, uso de *dois pontos* (104) ou *travessão* (105).

(104) *Não foi por manipulação que Chávez venceu o plebiscito. Contra ele, na substituição dos partidos de direita e de centro-direita, estavam todos os canais de televisão privados. Chávez venceu porque escolheu lado, o que lhe garantiu sólida sustentação social. Cumpriu as promessas de campanha; deu os primeiros passos da Revolução Bolivariana, pacífica, contra as oligarquias e o grande capital internacional. Promoveu reformas institucionais e econômicas profundas.* (JB 31-08-04)

(105) *Talvez o problema, hoje, e não só no plano da relação entre duas pessoas, é que fomos sendo encurralados pela lógica da paixão, pelos mecanismos do desejo e temos uma civilização de consumo cuja principal ocupação é atijar o desejo). Parece ter ficado só a ideia da combustão inicial — do fósforo antes que o fogo alcance a madeira. E o estranho paradoxo é que, neste sentido, há um momento em que a paixão pode se tornar inimiga feroz do amor verdadeiro.* (O GLOBO 01-10-04)

Em muitos outros casos, no entanto, a ligação entre os dois segmentos pode ser explicitada por elementos catafóricos presentes no primeiro segmento, como *numerais* (106), *pronomes demonstrativos* (107) ou *o seguinte* (108)<sup>99</sup>:

(106) *A explicação para Deborah estar no anúncio só pode ser uma: na verdade, quem está ali é a Sol. E, como todo mundo sabe, o sonho de Sol é sair do Rio e fazer a América. Sol de-tes-ta o Rio.* (O GLOBO 06-05-05)

<sup>98</sup> Neste trabalho foi controlada apenas a presença da pausa entre os dois segmentos. Um estudo mais aprofundado deste fator exigiria, no entanto, um controle da possível influência da duração da pausa.

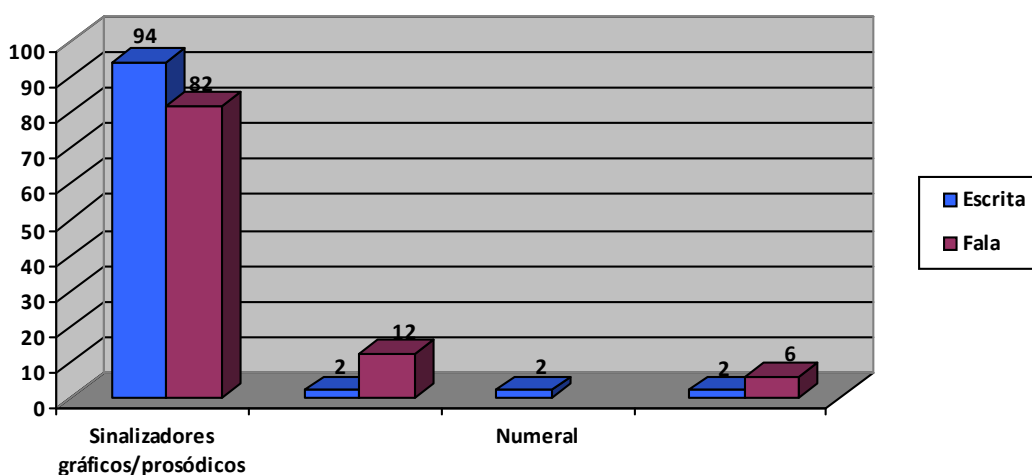
<sup>99</sup> Os grifos nos exemplos de (104) a (108) são nossos.

- (107) *Tudo bem. Bom, eu conselho para minha filha? É que ela se case, mas que ela procure escolher uma pessoa como que ela goste realmente, porque é muito difícil. O casamento é uma loteria. É muito difícil, porque às vezes a pessoa parece uma coisa e na verdade é outra, certo? Promete isso, aquilo, aquilo, aquilo outro, é igual ao cara que promete pagar, dá um cheque sem fundo. É, a verdade é essa, então, ninguém está livre de entrar uma gelada.* (PEUL –Falante 07)
- (108) *Para que o fiel leitor entenda bem a questão, o lance é o seguinte: até o desfile do ano passado, a decisão, para os casos de empate, era feita em cima do quesito bateria. Em 2004, o plenário da Liesa decidiu por um sorteio, antes da abertura dos envelopes, para determinar o quesito que decidiria os possíveis empates. Aconteceu que o quesito Evolução foi sorteado.* (O POVO 23-03-04)

Embora os pronomes demonstrativos e o SN “o seguinte” possam, como mostramos na seção 5.2.1, exercer o papel de SNs elaborados, quando o segmento elaborador se liga a outro SN, como “a verdade” e “o lance” nos exemplos (107) e (108) acima, os pronomes demonstrativos e “o seguinte” passam a funcionar como sinalizadores de elaboração.

De forma geral, podemos pressupor a predominância de sinalizadores prosódicos/gráficos sobre sinalizadores lexicais. Além disso, se considerarmos as especificidades de cada uma das modalidades, podemos esperar maior recorrência de sinalização explicitada por itens lexicais na fala do que na escrita. Confirmando nossas expectativas, a análise estatística evidencia de forma simétrica na fala e na escrita a predominância de sinalização através de recursos suprasegmentais, ou seja, a pausa na fala e dois pontos ou travessão na escrita.

Gráfico 6- Tipo de sinalização da relação de elaboração



Na escrita, a presença de sinalizadores lexicais é muito mais escassa, igualando-se os valores de cada um deles (2%). Na fala, em que há maior incidência de itens lexicais explícitos, destaca-se maior recorrência do SN *o seguinte*, com (12%) Os pronomes apresentam frequência um pouco mais baixa (6%).

É necessário destacar, no entanto, que, na modalidade falada, os sinalizadores lexicais estão associados a uma estrutura mais específica, qual seja, SN + *verbo ser* + *sinalizador de Elaboração*, como nos exemplos de (106) a (107) acima. Houve apenas um dado (109) em que o SN *o seguinte* se associa a um verbo dicendi.

- (109) Há um ditado no judô e - serve para todos os esportes – que reza<sup>100</sup> o seguinte: "a única vitória, que perdura é aquela conquista sobre a nossa própria ignorância". Começo a desconfiar que a vitória mais importante do Acelino Popó vai acontecer exatamente na sua primeira derrota. (EXTRA 10-01-04)

Essa recorrência da estrutura SN + verbo relacional + *o seguinte* permite levantar algumas questões relativas ao emprego desse sintagma, mais restrito à modalidade falada. Na maioria dos casos, mesmo naqueles em que o SN elaborado corresponde a "o seguinte", esta expressão parece funcionar apenas como um marcador dêitico discursivo, que contribui para a organização textual, como no exemplo (110):

- (110) *F- É. Então é isso. [no ano novo também]- no ano novo também, o cara foi lá para o apartamento de um sargento lá fazer um serviço lá no apartamento de um sargento, aí o sargento deu maior voto de confiança a ele, não é? Ano novo. Aí, quando deu cinco horas da tarde, o sargento falou assim: "ó, você vai em casa, quando for sete horas, você volta, porque a gente vai no quartel, vai pedir permissão para o oficial do dia para você passar o ano novo aqui comigo e você- eu deixo você ir embora para casa, no outro dia, você vem para cá." Aí o cara falou: "está legal." Aí foi para casa, o sargento está esperando ele, ele não voltou mais. Aí, reuniu o pessoal do Pelops que estava no quartel, no ano novo, de serviço, não é? Aí, eu estava de serviço, aí botaram um detido no meu lugar, aí saiu eu, o sargento Vieira, o sargento Gotara e o motorista, o Souza. Aí fomos- a gente veio buscar ele aqui no Parque União. Aí, antes eu vim cantando o sargento, não é? Ano Novo, já era dez horas da noite, aí eu vim dando uma cantada no*

<sup>100</sup> O grifo nesse exemplo é nosso.



*sargento para dar uma passada em casa, aí paramos aqui, viemos aqui em casa ainda, comemoramos um pouquinho, não é? Dei um abraço na minha família, aí já- sabe? Aí fui lá, quando ele ia correndo lá por trás lá, o sargento segurou ele; quando ele entrou dentro da viatura, quis correr, dei-lhe uma cacetada nele. Então é coisa que você tem que fazer, para parar o indivíduo, entendeu? Você não vai deixar ele te prejudicar. Ele estava dentro da viatura comigo, o sargento largou ele dentro da viatura comigo e foi na casa do Gomes, um cara que morava na mesma rua, servia junto com a gente. Deixou ele na viatura comigo; eu estava do lado na viatura assim, ele pulou a viatura e correu. Quando ele correu, eu taquei-lhe o cassetete, pegou na perna dele, ele caiu, eu parei ele no cassetete, não é? Se ele foge, ele vai me prejudicar, vai dizer que eu cobri ele. Então é o seguinte<sup>101</sup>: negócio de-como é que é? Se me der uma ideia, eu sentir que não tem nada a ver, eu deixo o cara ir embora. Qual é? Eles me conhece, sabe que eu sempre fui amigo, pô. Para você ver, onde você chegar aqui, ninguém não encontra um inimigo meu. Mas, pô! Você vai me prejudicar? Se for de morrer eu, morre meu pai, que já está mais velho, não é? Ele já viveu às pampa. Então, eu não deixo ele me prejudicar, não. (Amostra Censo 80 – Falante 15)*

No trecho acima, o SN “o seguinte” parece funcionar como um elemento de demarcação ou segmentação discursiva que sinaliza a introdução de porções discursivas.

A ligação entre os dois segmentos da elaboração através de meios prosódicos ou gráficos têm por consequência maior adjacência entre eles, o que pode explicar, inclusive, o fato de essa relação se apresentar quase que exclusivamente na forma de parataxe. Um outro aspecto se relaciona a essa tendência. O SN elaborado pode estar diretamente ligado ao segmento de discurso que o elabora, como mostra o exemplo (111), ou pode estar afastado dele através da inserção de algum outro material linguístico, como nos exemplos<sup>102</sup> (112) e (113):

- (111) *E nessa mesma sucessão de tarefas está embutida a proposta principal: a da superação do egoísmo, a passagem do amor que simplesmente recebe para aquele que é capaz de dar. (O GLOBO 01-10-04)*

O material interveniente pode ser um vocativo:

- (112) *Acompanhe as mensagens comigo, leitor: 1) se em 2003 até o Saddam Hussein saiu do buraco, espero que em 2004 você também consiga. 2) "Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se*

<sup>101</sup> O grifo nesse exemplo é nosso.

<sup>102</sup> Os grifos nesses exemplos são nossos.

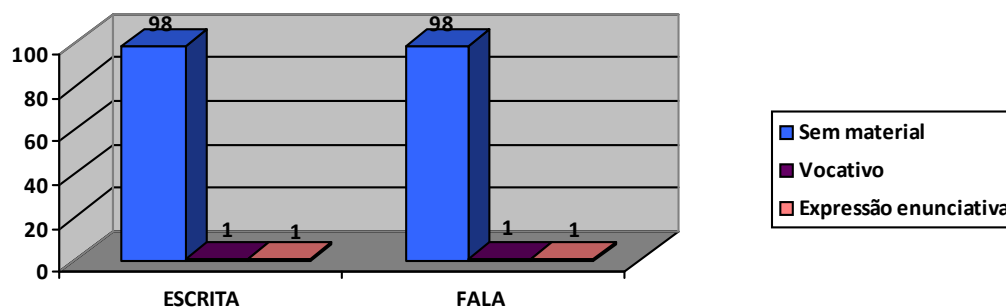
*deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão. Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que daqui para diante vai ser diferente!" (Carlos Drummond de Andrade)". Um beijo na Leila e nos filhos, meu caro Eliakim. Apareça em 2005 (JB 02-01-04)*

Ou uma expressão enunciativa:

- (113) *Há ainda outro fator, é claro: comparado com as Farc, PC Farias era apenas um ladrão de galinhas, e é mais fácil ser valente contra um ladrão de galinhas do que contra um exército de delinquentes armados. (O GLOBO 29-03-03)*

O gráfico abaixo permite mostrar a escassez da inserção de material entre os dois segmentos da elaboração tanto na fala como na escrita.

Gráfico 7 - Distribuição das elaborações com relação ao tipo de material interveniente na fala e na escrita



É nítido o paralelismo entre as duas modalidades no que se refere à ausência de material interveniente entre os dois segmentos da elaboração: 98%, na escrita, e 98%, na fala.

Pode-se concluir, portanto, que a proximidade entre o segmento elaborado e o segmento elaborador constitui praticamente a regra na organização da relação de elaboração, o que pode ser uma consequência de manter maior integração entre porções discursivas relacionadas semanticamente. Neste caso, é a presença de material interveniente entre os dois segmentos discursivos, em número reduzido tanto na fala (2%), como na escrita (2%) que precisa ser explicada.

Entendemos que a presença de material interveniente entre os segmentos da elaboração está relacionada a exigências interacionais, no caso dos vocativos, quando o locutor/autor, chama a atenção do interlocutor/leitor para o que está sendo dito ou à expressão da subjetividade, permitindo uma avaliação do locutor quanto à própria relação estabelecida.

## 5.6 - CORRELAÇÃO COM TIPO DE TEXTO E GÊNERO TEXTUAL

Uma das hipóteses centrais desta Tese é a de que a elaboração está a serviço de funções ligadas não só aos objetivos sócio-comunicativos dos diferentes gêneros analisados como também ao tipo de sequência discursiva em que ocorrem. Partimos do pressuposto de que os gêneros textuais mais propícios à Elaboração são aqueles em que predominam a argumentatividade e a subjetividade. Na análise da variável tipo textual, consideramos tanto os dados de fala como de escrita. Para a análise da variável gênero, concentramo-nos nos dados da modalidade escrita, visto que a própria amostra foi controlada de forma a garantir a comparabilidade de diferentes gêneros jornalísticos.

### 5.6.1 – Tipo de texto

Como já dissemos acima, partimos da hipótese de que a relação de elaboração desempenha um papel central na organização textual e constitui uma estratégia fundamental de argumentação. Dessa forma, pode-se esperar que segmentos de elaboração se distribuam de forma diferenciada de acordo com o tipo de texto.

De acordo com a classificação apresentada no capítulo 3, nas amostras examinadas, foram encontradas elaborações nos seguintes tipos de texto:

#### a – **Expositivo**

- (114) *Roubos de celulares disputam com a venda dos aparelhos, em todo o território nacional, o desempenho estatístico. O sucesso da telefonia móvel no Brasil superou todas as previsões: da metade dos anos noventa até 2000, o mercado cresceu aceleradamente. No final de 2001, estavam em funcionamento 26 milhões de aparelhos. Mas o roubo*

*móvel não quis ficar para trás e tratou de fazer estatística. A Secretaria de Segurança fala de 959 casos, em setembro, no Estado do Rio, mas apenas quando a vítima registra queixa. A Anatel tem informação de dez mil aparelhos roubados por mês em todo o país. A lista negra é sigilosa para não espantar os futuros e atuais usuários. De novembro de 2000 a outubro de 2002 a Anatel registrou total de roubos superior a 600 mil mercado. O mercado paralelo pede ação de todas as polícias. (JB 01-11-02)*

De acordo com a organização proposta por Adam (1992), a sequência explicativa do trecho acima apresenta três fases: constatação inicial (*Roubos de celulares disputam com a venda dos aparelhos, em todo o território nacional, o desempenho estatístico*); Problematização (*O sucesso da telefonia móvel no Brasil superou todas as previsões: da metade dos anos noventa até 2000, o mercado cresceu aceleradamente. No final de 2001, estavam em funcionamento 26 milhões de aparelhos. Mas o roubo móvel não quis ficar para trás e tratou de fazer estatística. (...) total de roubos superior a 600 mil mercado*) e Conclusão-avaliação (*O mercado paralelo pede ação de todas as polícias.*). Do ponto de vista formal, verifica-se a predominância de verbos no presente e de conectores adversativos. Do ponto de vista da sua função, o escritor *pretende fazer saber* e o texto se atualiza no gênero Editorial.

#### **b – Argumentativo**

- (115) *E: Nisso tudo, você falou uma coisa que eu acho interessante e acho um problema muito sério no Brasil: é o fato de se denunciar os fatos não bons, não é? E não haver resultado, pelo menos, não haver um resultado imediato. O que você acha isso em referencia ao Brasil? Porque não é só na aviação, não é? No Fantástico, mesmo apareceu a denúncia de – da SUNAB, que você pede controle de qualidade em defesa do consumidor e você tem, assim, um período de trinta dias a ser atendido no mínimo, quando é atendido.*  
*F: Bom, eu acredito o seguinte: para você dar uma resposta, assim, leva muita coisa junto. Mas eu acredito e se eu acho que isso aí é – é uma falta de politicamente, todo mundo não estar engajado. Essa é que é a verdade. Outro dia, eu estava conversando com colega meu e a respeito de política. Na – respeito de quê? Agora você vai votar? Não, não vou votar mais é nesses camarada não fazem nada. Então, eu disse para ele o seguinte: que à medida que a gente cobrar do político que a gente votou, esse político vai ter que fazer mais alguma coisa*

para a gente. E a mesma coisa seria o governo e todas essas coisa de governo<sup>103</sup>. (Amostra Censo 80 – Fal. 45)

O exemplo acima apresenta três fases: premissa (é uma falta de politicamente, todo mundo não estar engajado); apresentação de argumentos (Outro dia, eu estava conversando com colega meu e a respeito de política. Na – respeito de quê? Agora você vai votar? Não, não vou votar mais é nesses camarada não fazem nada.) e conclusão (Então, eu disse para ele o seguinte: que à medida que a gente cobrar do político que a gente votou, esse político vai ter que fazer mais alguma coisa para a gente. E a mesma coisa seria o governo e todas essas coisa de governo.). Além disso, o predomínio de traços como foco em proposições, formas verbais não perfectivas (estava conversando, vai votar); construções hipotéticas (à medida que a gente cobrar do político, vai ter que fazer, seria); grande frequência de hipotaxe e encaixamento e uso de operadores argumentativos, permitem considerar o trecho em questão como argumentativo, ou seja, com a função comunicativa de convencer.

### c- Descritivo

- (116) A novidade era esta: o medo tinha descido o morro - aquele medo humilhante que o terror dos traficantes causa à população das favelas há tanto tempo.  
O que mais angustiava é que o medo apresentava a consistência de uma assombração: não tinha forma nem som. Não se ouvia tiro, grito ou correria, nada. Só a sua pesada e invisível presença. Se o fruto de uma amendoeira caísse sobre o capô de um carro, o pânico se alastraria. Era aquela sensação tão bem definida por Guimarães Rosa: "O medo é uma pressão que vem de todos os lados"<sup>104</sup>. (O GLOBO 05-10-02)

A sequência descritiva acima apresenta três das quatro macroproposições apresentadas por Adam (1992): ancoragem (A novidade era esta: o medo tinha descido o morro - aquele medo humilhante que o terror dos traficantes causa à população das favelas há tanto tempo.); relação (o medo apresentava a consistência de uma assombração) e aspectualização (não tinha forma nem som. Não se ouvia tiro, grito ou correria, nada. Só a sua pesada e invisível presença. Se o fruto de uma amendoeira caísse sobre o capô de um carro, o pânico se alastraria. Era aquela

<sup>103</sup> Grifos nossos.

<sup>104</sup> Grifos nossos.

sensação tão bem definida por Guimarães Rosa: "O medo é uma pressão que vem de todos os lados"). O trecho centra-se em uma entidade (*medo*), apresenta verbos na forma não-perfectiva (angustiava, apresentava, tinha); predominam as formas de 3ª pessoa, o uso de adjetivação (*humilhante, pesada, invisível*). No que diz respeito ao aspecto funcional, é uma asserção de enunciados de estado/situação; apresenta atitude comunicativa própria do mundo comentado e é atualizada no gênero Crônica.

#### d- Narrativo

- (117) Seu Manoel era um sargento, tinha vinte ano de caserna, um sargento antigo. Aí o tenente chegou e disse: "ó, seu Manoel , é o seguinte: morreu a mãe do novecentos e dez e nós temos que dar a notícia. - "o senhor pode ficar tranquilo, o senhor pode ir descansado, que eu dou a notícia, ele não vai nem perceber." Tudo bem. Seu Manoel chegou, botou o pessoal todo no pátio e ("disse"): "atenção! Quem tem mãe viva sentido! Dê um passo à frente! Você não novecentos, você fica." "Não lhe disse tenente, ("dava a notícia), que ele nem ia sentir"<sup>105</sup>. (Amostra Censo 80 - falante 07)

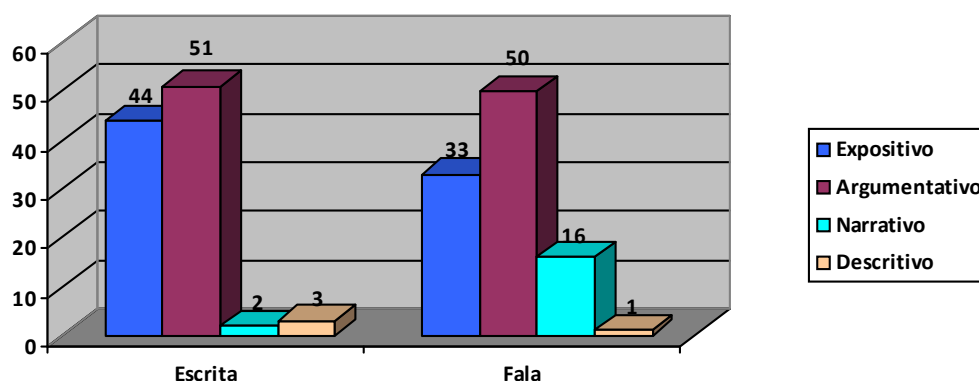
O esquema desta sequência narrativa compõe-se de três fases: situação inicial (Seu Manoel era um sargento, tinha vinte ano de caserna, um sargento antigo.); complicação (Aí o tenente chegou e disse: "ó, seu Manoel , é o seguinte: morreu a mãe do novecentos e dez e nós temos que dar a notícia); (re)ações ("o senhor pode ficar tranquilo, o senhor pode ir descansado, que eu dou a notícia, ele não vai nem perceber." Tudo bem. Seu Manoel chegou, botou o pessoal todo no pátio e ("disse"): "atenção! Quem tem mãe viva sentido! Dê um passo à frente! Você não novecentos, você fica.") e situação final ("Não lhe disse tenente, ("dava a notícia), que ele nem ia sentir.") A sequência focaliza um evento e apresenta verbos de aspecto perfectivo (morreu, chegou, botou), preferência pela 1ª. ou 3ª pessoas. Do ponto de vista de sua função, é uma asserção de enunciados de ação e apresenta atitude comunicativa do mundo narrado (WEINRICH, 1971, apud KOCH e FÁVERO 1987)

O gráfico (8) mostra a distribuição da relação de elaboração de acordo com o tipo de sequência discursiva em que ela ocorre.

---

<sup>105</sup> Grifos nossos.

Gráfico 8 - Distribuição das elaborações de acordo com tipo textual na fala e na escrita



De acordo com o gráfico (8), na escrita, mais da metade das ocorrências de elaboração (51%) estão inseridas em trechos argumentativos, seguindo-se sua ocorrência em textos expositivos (44%). A relação de elaboração é significativamente menos frequente em textos descritivos (3%) e narrativos (2%). Também na modalidade falada, a maioria das elaborações está inserida em sequências textuais argumentativas (50%) e expositivas (33%). Entretanto, nessa modalidade, verifica-se frequência mais significativa de Elaboraões inseridas em trechos narrativos (16%).

Com base nestes resultados, observamos que a Elaboração é uma estratégia principalmente utilizada em sequências argumentativas, que podem ser consideradas mais subjetivas. Se considerarmos a forma como os segmentos discursivos de elaboração se inserem na macroestrutura textual<sup>106</sup>, depreende-se o papel dessa relação semântica na construção da argumentação. Uma análise dos contextos em que se inserem os trechos de elaboração permite mostrar a alta recorrência de trechos de elaboração em contextos como os exemplificados a seguir:

a - **Reforço de uma orientação argumentativa**, através da introdução de evidências (dados estatísticos, exemplos, depoimentos) que comprovam uma afirmação, ou justificam uma tese ou uma conclusão.

<sup>106</sup> Tal como está sendo empregada neste estudo, a noção de macro-estrutura remete para a posição de Van Dijk (1980) para quem todos os textos apresentam uma estrutura esquemática denominada superestrutura que é preenchida pelo conteúdo semântico das proposições. A macroestrutura é o conjunto de proposições – macro-proposições - que serve para dar sentido e coerência global ao texto.

(118) *Segundo ele, o reajuste de seguro no Rio foi, em média, de 15% desde o ano passado. Brandão acrescenta que o aumento no valor da apólice pode ser ainda maior se o veículo estiver entre os modelos mais roubados, como o Gol, o Golf e a F-1000.*

*- O Rio tem um número de roubos muito grande, o que torna seus seguros mais caros do que em São Paulo e nas outras regiões metropolitanas do país - afirma o diretor do Sindicato das Seguradoras, Roberto Santos.*

*Segundo dados do Sindicato das Seguradoras, de 95 a 98 os números nos quatro primeiros meses de cada ano tiveram pouca variação. Mas, em 1999, houve um pico: a média foi de 4.015 casos mensais<sup>107</sup>. Os índices tiveram nova queda no mesmo período dos anos seguintes: média de 3.595 em 2000 e de 3.397 em 2001. No entanto, a estatística voltou a subir no ano passado, com a média de 4.181 carros levados por mês de janeiro a abril. O total anual também atingiu picos em 99 e 2002. No primeiro ano, foram 47.218 roubos e furtos, enquanto o ano passado registrou 53.027 ocorrências. (EXTRA 04-06-03)*

Neste exemplo, pela expansão de um SN indicial “um pico”, a Elaboração apresenta a média de roubos de veículos no ano de 1999, o que explica/justifica a tese de que o aumento dos seguros de carro no Rio é devida ao número de roubos.

#### **b – Reorientação argumentativa**

(119) *Deu no Estadão, no dia 28: "Ibope do SBT coloca em xeque audiência da Globo". A matéria é sobre a estreia de um novo sistema de medição de audiência que apontou algumas diferenças em relação ao que é aferido pelo Ibope mas logo deixou de funcionar. No mesmo dia, a Folha registrava: "A Band comemora que sua apresentadora Márcia Goldsmith venceu Wagner Montes em audiência".*

*O importante da reportagem do Estado de S. Paulo não estava no lead, mas no que vinha mais abaixo, o registro da média de audiência de todas as redes abertas de televisão. As diferenças entre os dois institutos não são relevantes. No horário nobre, os patamares, em números redondos, são os seguintes: Globo, 30 pontos; SBT, 12; Record, 5; Band, 3,5; Rede TV!, 3; Cultura, 1.*

*À exceção de Globo e SBT, portanto, todas as redes brasileiras têm menos de 5 pontos de audiência no horário nobre. Mais cedo é bem pior. Entre sete da manhã e meio-dia, por exemplo, a Globo tem 8 pontos e o SBT, 7. Em seguida vêm a Record, com 2, Cultura, com 1, Band, com 0,5, e Rede TV, com 0,4.*

*Juntando o texto do Estado com a nota da Folha, é difícil entender o que existe para comemorar. O brasileiro recebe hoje uma das piores televisões do mundo no que diz respeito à qualidade. Existe a crença generalizada de que na televisão maciça, genérica, é assim mesmo*

---

<sup>107</sup> Grifo nosso.



*que deve ser: quanto pior, melhor, para atingir o maior número de espectadores, afinados pelo mínimo denominador comum.*

*Mas não há nada de maciço quando se está disputando 1 ou 2% do mercado. Quando esses números são 20 vezes maiores, entende-se, ainda que não se justifique, que se relute em melhorar a qualidade da programação, com o risco de perda de 2 ou 3 pontos na audiência medida quantitativamente. Quem está na retaguarda, no entanto, goza da relativa vantagem de não enfrentar risco algum. Com o devido respeito, não sobram razões visíveis para que se tenha Wagner Montes ou Márcia Goldsmith como padrões de excelência. Muito menos para que se insista no imitativo, vulgar e banal, que não está sendo capaz de conquistar nem 5 % do mercado. (JB 03-06-03)*

Nesse exemplo, o autor introduz como ilustração para sua afirmação dados estatísticos da audiência televisiva brasileira. A partir destes resultados afirma que não há o que comemorar e argumenta que a televisão brasileira é uma das piores do mundo em qualidade. A seguir, a argumentação passa a ser construída a partir da contestação apresentada pelo segmento que expande o SN “a crença generalizada”. Este SN, por sua vez já demonstra a não adesão do autor à proposição que se segue. No discurso seguinte, introduzido pelo conector adversativo “mas”, o autor mostra que a vantagem quantitativa dos programas considerados de baixa qualidade não corrobora a afirmação presente no segundo segmento da Elaboração, assim, esta relação introduz uma re-orientação argumentativa.

### **c - Introdução de um tópico ou subtópico discursivo investido de uma avaliação**

- (120) *Quer queiram ou não os estudiosos e partícipes dos fatos que envolvem o golpe de 1964, não se pode negar uma realidade aprofundada em teses e livros ao longo dessas quatro décadas: o Ipês - sim, com acento - foi preponderante no desfecho que mudou o rumo da história recente do país*<sup>108</sup>.

*Dissecado com extrema competência pelo doutor em Ciências Políticas René Armand Dreifuss, em seu livro 1964: “A Conquista do Estado - Ação Política, Poder e Golpe de Estado”, o Ipês reuniu o que ele chamou, com propriedade, de “elite orgânica”, composta por empresários, militares, parte da Igreja e segmentos à direita dos meios sindicais e estudantis. Engana-se, portanto, quem ainda hoje fala em “golpe militar”, apenas. (JB 04-03-04)*

---

<sup>108</sup> Grifos nossos.

No exemplo acima, a partir do trecho de elaboração, o escritor desenvolve um discurso centrado no referente/tópico especificado no segmento elaborador (O Ipês). Esse referente é anunciado no SN “uma realidade”, investido de uma avaliação, neste caso, mostrando a adesão do autor ao que será dito. Os argumentos apresentados no discurso que segue à Elaboração pretendem confirmar o papel fundamental do Ipês na consolidação do golpe de 1964.

Contextos como os que ilustramos acima são particularmente predominantes na modalidade escrita (Reforço de uma orientação argumentativa (98/64%); Introdução de uma re-orientação argumentativa (5/3%); Introdução de um tópico ou subtópico do discurso - 26/17%). A função de reforço de uma orientação argumentativa é significativa igualmente na fala (41/41%).

Nessa última modalidade, no entanto, ressalta, como já destacamos em diversos pontos, o uso do SN fórico *o seguinte*, praticamente ausente da escrita. Esse SN se encontra mais frequentemente associado a contextos que poderíamos denominar de detalhamento de uma situação complexa, como nos exemplos a seguir:

#### **d - Detalhamento de uma situação complexa**

Neste contexto, a expressão “o seguinte” pode introduzir dois tipos de texto, expositivo/argumentativo, como mostra o exemplo (121) ou narrativo (122). Nos dois casos, o discurso que se segue envolve uma certa linearidade temporal, ou seja, ações/processos que se dispõem no eixo do tempo.

- (121) *E- E vem cá, como faz essa para comprar um jogador, como os clubes fazem, não é, a transação?*  
*F- É o seguinte: a gente, quando assina [um]- um contrato, com um clube, existe duas cláusulas, não é? Ou uma cláusula com- com dois item. Ou você tem passe livre, ou então você é preso ao- [ao]- ao clube, o passe pertence ao clube, ou então você, quando faz, faz o contrato com passe livre, que não é interessante para o jogador não. O jogador fica meio desvalorizado. Quando ele está livre, aí livre ninguém quer, não é?, está livre é porque ninguém quer! Então, esses jogadores que têm o passe caro são justamente os mais procurado, porque realmente também têm qualidades, não é verdade? E, então é isso, o clube fica com esse direito do passe. Então você, quando quer se transferir, o clube estipula o preço do seu passe. De acordo com o seu futebol! Você é bom, no caso, aqui, vamos citar: hoje o bom é o Zico. Então, o clube se- o clube rejeita a ofertas aí de- de cem, cento e cinquenta milhões, não é? "Então") ele rejeita isso aí, porque acha que tem- que o jogador tem mais valor. Essa é que é a lei do- do-da- da transferência,*

*a lei do passe. Que nós somos jogadores. Eu digo: nós, os jogadores, somos preso sob contrato. (Amostra Censo 80 – Falante 14)*

O trecho (121) ilustra o uso da expressão “o seguinte” para introduzir um discurso expositivo/argumentativo em que o falante procura detalhar o processo de compra/venda de um jogador de futebol. O falante inicia seu discurso explicando os dois tipos de passes, passe livre e passe que pertence a um clube. A seguir, passa a explicar/argumentar a favor do segundo tipo e conclui a explicação desta situação complexa, afirmando que o jogador está submetido à “lei do passe” por um contrato.

No exemplo<sup>109</sup> (122), a expressão “o seguinte” introduz uma narrativa. As poucas ocorrências de “o seguinte” na escrita desempenham essa mesma função.

- (122) *Foi o próprio Monarco quem me tocou a respeito. Antes que o fiel leitor encare com estranheza essa homenagem, já que sendo portelense, mais certo seria a homenagem partir da Portela. A bem da verdade, deixe-me narrar o seguinte: Numa certa época de sua vida, Monarco perdeu-se de paixão por uma sestrosa cabrocha moradora no Jacarezinho, localidade onde foi morar com a sua amada. Nessa época em estava sendo feita a fusão das escolas de samba existentes no Jacaré para a fundação da Unidos do Jacarezinho. Monarco além de engajar-se na nova escola, também passou ser o mais importante compositor da agremiação. Tanto isso é verdade, que no Carnaval de 1967 ele riscou para a Unidos do Jacarezinho o antológico samba enredo "A execução de Frei Caneca". Com este samba a escola foi campeã logo no seu primeiro ano de desfile. O "casamento" Monarco com a Unidos do Jacarezinho foi tão sólido ele passou a ser uma espécie de "guru" da escola, além de continuar compondo belos sambas enredos. Mais tarde, Monarco chegou ao cargo de presidente da Unidos do Jacarezinho legando a escola o título de campeã com o enredo em homenagem ao saudoso escurinho Geraldo Pereira. Por isso Monarco ganhará essa pomposa homenagem da nossa Unidos do Jacarezinho. Nossa porque este humilde JCN também andou "batucando" por lá na mesma época que o inspirado Monarco da Portela era na rosa-e-branca, o "rei da cocada". (23-03-04 O POVO)*

Em (122), o SN “o seguinte” introduz uma sequência narrativa cujo objetivo é ressaltar a ligação de Monarco com a Unidos do Jacarezinho: o personagem apaixonou-se por uma moradora do Jacarezinho, foi morar nesse lugar com o qual se identificou de tal forma que se tornou o presidente da escola de samba local. Esta narrativa apresenta linearidade temporal marcada pelas expressões (*Numa*

<sup>109</sup> Os grifos nesse exemplo são nossos.

*certa época de sua vida, no Carnaval de 1967 e Mais tarde*); verbos materiais (*engajar-se, riscou*); verbos no perfectivo (*perdeu-se, foi morar, foi*)

A amostra de Fala apresenta ainda a função de enfatizar um referente e de maneira mais recorrente a de introdução um parênteses.

**e – Ênfase em um referente já introduzido no discurso**

- (123) F- É que o encarregado de lá levou a carteira dela para assinar, mas acabou que o cara não levou a carteira. O cara, olha, sumiu. Se arrancou que ninguém sabe onde ele anda, já fez procurado... procuração por ele, por tudo quanto é lugar, não encontro. Agora, esses dia, que o rapazinho encontrando... conversando lá com a minha garota, disse: "Ó, Lourdes, já conseguiram ver aonde seu Antônio está. Ele está lá em Petrópolis. Na casa lá do pessoal dele." Aí, o advogado esperando ele chegar. E com isso minha garota está custando a receber o dinheiro dela, porque lá o o ordenado lá é cinquenta e quatro mil cruzeiro. E fora os dia que ela trabalhou, não é? Os três meses e os dia que ela trabalhou. Está uma confusão! Ela, coitada, querendo arrumar um negócio, qualquer coisa, trabalhar, para poder conseguir o estudo dela, terminar, não é? Que ela quer se formar em arquiteto, sabe? Fazer coisa de cerâmica, não é? O curso de cerâmica, "que a") loucura dela é isso: é o curso de cerâmica<sup>110</sup>. Porque eu não pude pagar mais. Está pedindo dez mil cruzeiro, onde ela está estudando. Eu não pude pagar. Ela, enquanto estava na Capemi, ela pagava, não é? O cursozinho dela, o estudo e tudo, mas...aí, houve essa imprevisto, também, de... dela ser operada. Aí, ela parou com tudo. Agora, está numa situação... (Amostra Censo 80 – Falante 12)

No exemplo acima, através da Elaboração do SN *loucura*, que no trecho em questão significa forte interesse, e com o auxílio do pronome demonstrativo *isso*, que funciona como sinalizador da Elaboração, o locutor enfatiza o interesse de Lourdes pelo referente introduzido anteriormente, o curso de cerâmica.

**f - Introdução de um parênteses** - a relação de Elaboração provoca a suspensão temporária do tópico em curso.

- (124) *Marta, eu- eu gostei, gostei, gostei, gostei, gostei muito, sabe como é que é? e eu acho que foi por causa disso é que eu, hoje em dia, eu não dou valor ... mulher. Não quero dizer que eu maltrate, eu trate mal. Eu trato bem. Todas as mulheres que param comigo, eu amo, "eu te amo." Sabe? Trato bem, dou altos carinho, faço de tudo para não fazer de nada. Mas, se, de repente, vacilar e eu sentir que não dá mais, eu*

---

<sup>110</sup> Grifos nossos.

*mando embora. Do mesmo jeito que ela entrou, que eu comecei a amar ela, ela vai embora do mesmo jeito? Tudo por causa desse grande amor que eu tive na minha vida, uma desilusão. Eu tratei bem, sabe como é que é? Dei carinho, dei tudo e quando eu vi que - ela sentia que eu estava dando carinho, amor demais, quis montar nas minhas costas. Nas minhas costas **é o seguinte: não monta, não**<sup>111</sup>. Aí, eu: mandei-a mandei ela ir para o para caixa prego, sabe como é que é? Passei um grande tempo, sabe? sem sair com ninguém. Voltava no quartel, tinha uma garotinha ali da Teixeira que vinha atrás de mim aí, eu não queria papo. Depois que eu caí na real, eu falei: "pô"! Porque que eu vou ficar nessa? Eu vou é curtir com a cara delas e" como é que é? (Amostra Censo 80 – Falante 15)*

Neste exemplo, o falante está explicando uma situação específica da sua relação com uma ex-companheira, afirmando que a tratava com amor. A elaboração é incluída neste contexto como um comentário avaliativo da situação exposta, esse discurso é interrompido e depois retomado, ou seja, o locutor continua falando a respeito deste namoro e como ele mudou sua maneira de relacionar-se com outras mulheres. Note-se que, neste exemplo, a elaboração também apresenta a função de enfatizar o fato de ele não estar submetido a ninguém, através da presença do SN “o seguinte”.

Destaca-se, na Elaboração na fala e na escrita, a função argumentativa. Em ambas as modalidades, predomina a Elaboração que introduz evidências que comprovam uma afirmação, ou justificam uma tese ou uma conclusão. Equiparam-se também as ocorrências da função de introdução de um tópico ou subtópico investido de uma avaliação, demonstrando o caráter subjetivo desta relação. Na fala, devido as peculiaridades apresentadas pela elevada presença do SN “o seguinte”, demonstram-se salientes as funções de introdução de um parênteses e apresentação de uma situação complexa.

## **5. 6. 2- Gênero textual**

Um objetivo central desta Tese é a de verificar a hipótese de que a relação de elaboração predomina em gêneros mais marcados pela subjetividade, aqui entendida como a expressão de posições pessoais. Em razão da própria natureza da amostra de fala, que tomamos como representativa de um gênero mais

---

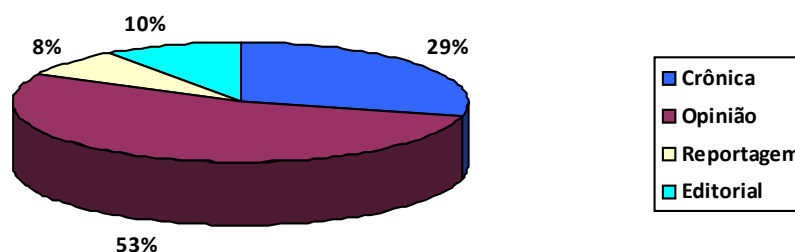
<sup>111</sup> Grifo nosso.

específico – a entrevista sociolinguística – a análise da correlação entre elaboração e gênero se concentra na modalidade escrita.

Como já especificado no capítulo 4, a amostra de escrita utilizada neste estudo é constituída por textos jornalísticos de gêneros distintos: reportagens/notícias, artigos de opinião, crônicas e editoriais.

O pressuposto de correlação entre gênero textual e relação de elaboração se confirma, como mostram os resultados do gráfico 9:

Gráfico 9- Distribuição das elaborações de acordo com gênero textual



Segundo o gráfico acima, a relação de elaboração ocorre predominantemente nos artigos de opinião (53%) e diminui de forma considerável nas notícias/reportagens (8%) e nos editoriais (10%). As crônicas apresentam o segundo índice mais elevado de trechos de elaboração (29%). Essa distribuição vai ao encontro das nossas expectativas, no que se refere à tendência observada para os textos de opinião e as reportagens. Enquanto os primeiros são marcados por maior subjetividade, os segundos são mais objetivos, fundados nos fatos mais relacionados à função ideacional. O baixo índice de elaborações em editoriais e a incidência mais significativa dessa relação nas crônicas parece, à primeira vista, contrariar as tendências observadas na seção anterior, qual seja, o predomínio de elaborações em textos argumentativos. Entretanto, uma análise mais detida das funções da Elaboração nas crônicas permite mostrar que, neste gênero, os segmentos de elaboração estão associados principalmente, à função *reforço de orientação argumentativa* (27/63%).

A menor frequência de Elaboração no gênero Editorial parece ser mais contra-intuitiva, mas algumas das especificidades desse gênero podem explicar essa

tendência. Como já vimos, nos editoriais, a opinião se investe de um caráter coletivo, mais impessoal no sentido de que é desvinculada de um locutor específico. Os argumentos são apresentados de uma forma mais geral que obscurece a presença do “eu”. Assim, há evidências de que a Elaboração está investida não apenas de uma função argumentativa, como também de uma função de expressar a subjetividade. Essa interpretação permite dar conta, inclusive do comportamento muito similar dos editoriais (10%) e notícias/reportagens (8%). Entretanto, não está excluída a possibilidade de que fatores externos, como a exigência de concisão, desfavoreça a ocorrência da relação de elaboração nos editoriais.

Tem de ser considerada, no entanto, a organização interna dos editoriais. Trata-se de um gênero mais centrado em proposições do que em referentes (entidades), o que os torna menos propícios à ocorrência de elaborações de SN's. Considerando brevemente os dados em que a elaboração se liga a uma oração, como no exemplo <sup>112</sup> (125), encontramos suporte para essa possibilidade: na reportagem, há 2 ocorrências do segundo segmento se referindo a uma oração como um todo; na Opinião, 4; na Crônica 9 e no Editorial, 20.

- (125) *Em matéria de crime, organizado ou não, o Rio está bem servido no atacado, que diz respeito ao Estado, e no varejo, que é responsabilidade municipal. O Centro da cidade é a área de maior incidência de pequenos furtos e roubos por metro quadrado. Os bandos trabalham em equipes: quatro ou cinco marginais prestam atenção aos pedestres que falam ao telefone enquanto andam. Um espera o momento, arranca o aparelho, lança-o para outro e corre enquanto um terceiro atravessa o caminho e faz a confusão. Obviamente, não há policial por perto porque a gangue aproveita as ausências deles temporárias ou em tempo integral. (JB 31-10-02)*

Na seção 5.1, apresentamos a suspeita de que a predominância do subtipo *generalização-especificação* nos textos jornalísticos poderia estar relacionada com o gênero textual. O cruzamento entre as duas variáveis permite mostrar que nos gêneros Opinião e Crônica, ocorre predominantemente relação do tipo geral-específico com 76, nos textos de opinião e 39, nas crônicas. Constata-se, no entanto, que outros tipos de elaboração ocorrem igualmente nesses dois gêneros jornalísticos: no gênero Opinião, em um total de 83 relações, 2 são de

---

<sup>112</sup> O grifo nesse exemplo é nosso.

exemplificação; 1 de sinonímia; 3 de enumeração; 1 de objeto-atributo<sup>113</sup>. No gênero Crônica, em um total de 44 relações, 1 é de atribuição, 1 de enumeração e 1 de catáfora. Nesse sentido, eles se aproximam das entrevistas sociolinguísticas. Já nos gêneros Reportagem e Editorial, considerados mais formais, a elaboração apresenta apenas a relação geral-específico.

Como era de se esperar, as tendências constatadas para gênero refletem as que foram constatadas para tipo de texto na seção 5.6.1, o que se justifica perfeitamente, se considerarmos o quadro 1, em que esquematizamos a proposta de Koch e Fávero (1987), Como postulam as autoras, há uma certa implicação entre a atitude comunicativa que caracteriza um texto e as atualizações dessa atitude em determinados gêneros. Assim, se explica naturalmente uma certa superposição, mais do que uma correlação, entre tipo de texto e gênero textual: elaborações predominam em sequências argumentativas e em textos que são marcados pelo seu forte teor argumentativo.

Levando em consideração esses dois aspectos da dimensão pragmática, é possível corroborar um *continuum* de gêneros que desfaz uma visão dicotômica das duas modalidades em estudo. Como observamos, a elaboração ocorre no gênero nas entrevistas sociolinguísticas – um gênero inerentemente oral – em contextos semelhantes àqueles em que predomina nos textos escritos: contextos em que se centrados no ponto de vista do falante em que se salienta a atitude comunicativa de convencer, “fazer crer” em algo. Essa tendência é paralela à observada nos textos escritos, com a predominância de elaborações em gêneros mais marcados pela argumentatividade e pela subjetividade. A ocorrência de elaborações no detalhamento de situações complexas ora com conteúdo expositivo/argumentativo ora narrativo, associada principalmente a SNs genéricos ou inerentemente fóricos, também encontra correspondência na escrita, principalmente nas crônicas, particularmente no uso do SN “o seguinte”, com a função de introduzir uma narrativa. Tais usos ficam mais restritos a tópicos relacionados a Carnaval e Futebol que favorecem, inclusive, a ocorrência de formas mais informais, como por exemplo, o de gírias tal como “manja”<sup>114</sup>.

<sup>113</sup> A relação objeto-atributo não ocorreu na amostra de Fala.

<sup>114</sup> Na seção 5.2.1, afirmamos que a predominância dos SNs com função fórica inerente na fala poderia estar relacionada com o grau de formalidade do texto. Essa suposição pode ser confirmada pela presença de “o seguinte” nestes contextos em que o próprio tópico pode investir o texto escrito de maior informalidade.



## CONCLUSÕES

Ao longo desta Tese, destacamos as propriedades formais, semânticas e funcionais da relação de elaboração na modalidade falada e escrita do português. Baseando-nos em uma perspectiva funcionalista, destacamos a necessidade de considerar as inter-relações entre sintaxe, semântica e discurso a fim de compreender a elaboração que se liga a um SN, ou seja, entender como esse processo de expansão contribui para a especificação/identificação de sintagmas nominais. Nessa investigação, partimos do pressuposto de que a elaboração de SNs, além de constituir uma estratégia de especificação da referência desempenha um papel relevante na orientação argumentativa do discurso e da hipótese de que tanto na fala como na escrita as características formais e semânticas da Elaboração refletem não só as características formais e semânticas do SN ao qual se vincula o segmento elaborador como também os objetivos comunicativos de cada gênero discursivo.

A análise realizada a partir da inter-relação entre o sistema de interdependência e o sistema lógico-semântico (HALLIDAY, 1994) permitiu destacar, em primeiro lugar, que a parataxe constitui a forma não marcada da realização de elaboração e, em segundo lugar, a falta de isomorfismo entre forma e função, na medida em que diferentes subtipos de elaboração são realizados por esse mesmo processo, como já demonstraram estudos sobre outras relações semânticas (BRAGA, 1995 e PAIVA 1998).

A vinculação paratática entre os dois segmentos da elaboração é reforçada na forte tendência de adjacência entre eles, observada no predomínio da ligação dos dois segmentos da elaboração por sinalizadores prosódicos, na fala, e gráficos, na escrita, sem a presença de conectores e pelas restrições quanto aos elementos que se interpõem entre os dois membros da elaboração. Apenas elementos com função interacional ou enunciativa são inseridos entre os segmentos elaborado e elaborador.

No que diz respeito à relação entre os dois segmentos a análise permitiu depreender uma estreita correlação entre o subtipo de elaboração e as propriedades semânticas e referenciais do SN elaborado. Constatamos que a relação geral-específico, é muito mais frequente com os SNs que funcionam como rótulos. Os SNs que apresentam função fórica inerente, como era previsível, associam-se exclusivamente à relação catafórica.

O sintagma nominal elaborado apresenta grande diversidade, principalmente na modalidade escrita, podendo ser um pronome, substantivo, indefinido ou demonstrativo; uma expressão catafórica; um rótulo que apresenta sentido bastante genérico ou ainda um rótulo um conteúdo semântico mais específico. As diferenças semântico-referenciais desses segmentos, considerando seu grau de genericidade, determinam, em grande parte, as características formais e semânticas da Elaboração. Há indicações, no entanto, de que a elaboração não se restringe a esse nível, operando, de forma decisiva para a organização informacional do discurso. Corroborando tendências já identificadas em outros trabalhos como Nogueira & Leitão (2004), ressaltamos que, geralmente, esse SN corresponde a informação não compartilhada por falante e ouvinte.

Um ponto a destacar é a recorrência na modalidade falada dos SNs “o seguinte” e o nome *coisa*, que, na nossa interpretação, constituem os casos de maior opacidade semântica, levando a crer, inclusive que eles desenvolvem funções particulares que extrapolam a sinalização de elaborações. Em alguns pontos, acenamos com possibilidade de que tais constituintes estejam passando por mudanças no sentido de se tornarem articuladores discursivos com função simultaneamente catafórica e segmentadora. Essa questão requer, no entanto, uma análise mais aprofundada processo de cristalização desses constituintes.

O estatuto informacional do SN elaborado se reflete apenas parcialmente em algumas propriedades no plano morfossintático. A análise da estrutura do SN, considerando o tipo de determinante, permitiu depreender uma estrutura não marcada dos SNs elaborados, *artigo definido + N*, corroborando conclusões já destacadas por Nogueira & Leitão (2004). No entanto, o cruzamento entre tipo de determinante e estatuto informacional do SN, responsável pelo menos em parte pela definitude desse constituinte, não revela a esperada correlação entre artigo indefinido e informação nova, o que se explica pela própria função da elaboração. A estrutura não marcada artigo definido + N está igualmente correlacionada a informação nova, permitindo concluir que, ao expandir o SN, a elaboração propicia a identificação do referente através de uma relação catafórica e garante sua acessibilidade. Dessa forma, podemos concluir que as propriedades discursivas do SN são mais relevantes do que suas propriedades formais.

A conclusão acima é reforçada nos resultados obtidos para as correlações com outras propriedades, como a presença de modificadores e a função sintática

do SN elaborado. A presença de modificadores no SN elaborado, embora não muito frequente, já que contribui para a identificabilidade do referente, reduz o índice de elaborações; a ausência de modificadores se associa a índices mais elevados de elaboração. De forma similar, a análise da função sintática do constituinte elaborado permitiu mostrar que mesmo SNs na função sintática de sujeito relacionam-se predominantemente com informação nova. Assim, a expressiva frequência de SNs elaborados na função de objeto direto refletem, mais do que uma característica da função sintática, o fato de que constituintes nessa função são mais frequentemente pontos de introdução de informação nova.

Como já destacamos acima, a maioria das propriedades da elaboração decorre de características do segmento elaborado. Evidências favoráveis a essa conclusão foram apontadas também na análise de propriedades relacionadas ao segmento elaborador, como se evidenciou no controle da extensão do segmento discursivo elaborador. As correlações identificadas mostraram que trechos mais extensos de elaboração estão associados a SN's mais esvaziados semanticamente, como é o caso de 70% dos SNs fóricos e de 48% dos SNs genéricos, que estão correlacionados a um segmento elaborador contendo mais de três orações na amostra de fala.

Muitas das tendências destacadas até aqui são regulares nas modalidades falada e escrita. A similaridade mais saliente diz respeito à contribuição da elaboração para a especificação/identificação de referentes e seu papel tanto na organização textual. Destacam-se dentre essas similaridades a adjacência entre os segmentos elaborado e elaborador assim como sua ocorrência em contextos mais argumentativos e subjetivos.

A diferença mais importante entre as duas modalidades diz respeito ao tipo de SN elaborado. Constata-se na escrita predominância absoluta de rótulos com maior conteúdo semântico, tais como metalinguísticos e indiciais, através dos quais, geralmente, é introduzido o discurso de terceiros (metalinguísticos) e são apresentados resultados e dados estatísticos (indiciais), relacionados prioritariamente com verbos do tipo mental. Na fala, predominam SNs com baixo conteúdo semântico, genéricos e essencialmente fóricos, associados, predominantemente, a verbos relacionais. Essa diferença pode ser mais uma consequência, por um lado, da ancoragem dêitico-discursiva da fala e, por outro, à forma de planejamento *online* dessa modalidade.

As particularidades funcionais da elaboração de acordo com a modalidade refletem em grande parte a variação observada no tipo de SN predominante em cada modalidade. A função de reforço de orientação argumentativa se destaca em ambas as modalidades, principalmente, na amostra de escrita, relacionada aos rótulos metalinguísticos e indiciais na apresentação do discurso alheio e de dados estatísticos, conferindo confiabilidade e objetividade ao texto escrito. Na entrevista sociolinguística, embora ainda predomine a função de reforço de orientação argumentativa, destaca-se também a função de detalhamento de uma situação complexa, especialmente relacionada à expressão “o seguinte”.

Confirmando nossa hipótese inicial, as diferenças entre fala e escrita se relativizam em termos dos gêneros jornalísticos que compõem a amostra de escrita, fornecendo outras evidências da necessidade de considerar as diferenças entre fala e escrita em termos de um continuum que possui sua contraparte num *continuum* de gêneros textuais, como propõem Chafe (1982), Biber (1988), Marcuschi (2001, 2007, 2008), Fávero, Andrade & Aquino (2007), Koch (2001, 2008). Verificamos que a elaboração é mais saliente em gêneros nos quais predomina a exposição de um ponto de vista como no texto de opinião e nas crônicas.

Um outro aspecto reforça a importância de um *continuum* de gêneros textuais: elaborações com a função de detalhar situações complexas encontram correspondência na escrita, principalmente nas crônicas, particularmente no uso do SN “o seguinte”, que está ausente dos demais gêneros considerados. Confirma-se, assim, o pressuposto de funcionamento da língua como fruto de diferentes condições de produção e de diferentes objetivos sócio-comunicativos.

Apesar de os resultados referendarem a hipótese destacada acima, demonstramos que o tipo de texto é mais relevante do que o gênero textual para o favorecimento da relação de Elaboração. Atestamos a nítida associação entre elaborações e sequências argumentativas.

## BIBLIOGRAFIA

ADAM, J. M. *Les texts: types e prototypes*. Paris: Nathan. 1992.

ALENCAR, Fernanda Abreu e Silva. *Construções apositivas: uma instanciación da relação semântica de elaboração* -RJ, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1964.

ASSIS, Lúcia Maria de. *Crônica – um caso de dialogismo fala/escrita*. Taubaté, 2002. (Dissertação de Mestrado )

ANTONIO, Juliano Desiderato. *Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português*. Araraquara, 2004. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. *Estrutura retórica e combinação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português brasileiro*. Estudos Linguísticos, São Paulo, 37 (1): 223-232, jan.-abr. 2008

BAKHTIN, Michail. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1979].

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. DIONÍSIO, A.; HOFFNAGEL, J. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1987. p. 216-217.

BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BONINI, A. *O conhecimento de jornalistas sobre os gêneros textuais: um estudo introdutório*. Revista Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, vol. 2, n. 1, jul/dez. 2001.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?* Linguagem em (Dis)curso, Tubarão-SC, v. 4, n. 1, jul./dez., 2003. p. 205-231.

BRAGA, M. L. *As orações de tempo no discurso oral*. Cadernos de Estudos Linguísticos, n.28, Campinas, Unicamp/IEL, 1995. p. 85-97.

BRAGA, M. L. . *Processos de Combinação de Orações: Enfoques Funcionalistas e Gramaticalização*. Scripta, Belo Horizonte -MG, v. 5, n. 9, 2001. p. 23-34.

BRAGA, M. L., SILVA, G. M.. *Novas considerações a respeito de um velho tópico: A taxonomia Novo/Velho*. In GUIMARÃES, E. R. J.(org.) *Linguística: questões e*

*controvérsias*. Uberaba: Curso de Letras/ Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 27-40.

BRAGA, M. L.; ALENCAR, F. A. S. É o seguinte: ajudar os amigos. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Org.). *Antony Julius naro e a linguística no brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. p. 295-305.

BRONCKART, Jean-Paul. *Os tipos de discurso*. In: Atividade de linguagem, textos e discursos. São Paulo, EDUC, 1999.

BROUCKER, José, *Manuel Pratique de l'Information et Ecritures Journalistique*. Paris: C.F.J., 1995.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CARONE, Flávia de Barros. *Coordenação e Subordinação: Contrastes e Confrontos*. São Paulo: Ática, 1994.

CARVALHO, Cristina dos Santos. *Processos sintáticos de articulação de orações : algumas abordagens funcionalistas*. Juiz de Fora: Veredas, Vol. 8, 2004.

CHAFE, Wallace L. *Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view*. In: LI, C. *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

CHAFE, Wallace. *Integration and Involvement in Speaking, Writing, and Oral Literature*. In TANNEN, D. *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Norwood: Ablex, 1982. p. 35-53.

\_\_\_\_\_. *How People Use Adverbial Clauses*. In BRUGMANN, C. & MACAULAY, M. (eds.), *Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1984. p. 437-449.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Satarem: Jortejo, 1998.

CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: University Press, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985. p. 151; 584-585.

DALE, R. *Exploring the Role of Punctuation in the Signalling of Discourse Structure*. In Proceedings of a Workshop on Text Representation and Domain Modelling, Technical University of Berlin, 1992.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional"*. Scripta (Linguística e Filologia), v. 2, n. 4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem. 1999. p. 23-38.

DIAS, Nilza Barroso. *Cláusulas apositivas desgarradas em português: estatuto sintático-discursivo*. Revista Veredas v8 n1 e n 2, 2004. p.63-77.

\_\_\_\_\_. *Cláusulas apositivas em português: estatuto sintático- discursivo*. Estudos Lingüísticos XXXV, 2006. p. 1534-1543.

DIJK T. A. Van, *The Porto Rico Lectures on the Structures and Functions of Discourse*. Amsterdã: Mimeo, 1978.

\_\_\_\_\_. *Macrostructures. An Interdisciplinary Study of Global Structures in Discourse, Interaction and Cognition*. Hillsdale, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1980.

FÁVERO, L. L.; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira. *Oralidade e Escrita*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FOLEY, William e VAN VALIN, Robert D. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University, 1984.

FOLHA DE S. PAULO. *Novo Manual de Redação*. São Paulo, Folha, 1996

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal group lexical cohesion. In: M. COULTHARD (ed.), *Advances in written text analysis*. Londres, Routledge, 1994. p. 83-101.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967. 522 p.

GIVÓN, T. *Syntax I – A Functional – Typological Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

\_\_\_\_\_. *Syntax An Introduction Vol. I & II*. vol. I & II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2001

GRICE, H. P. Logic and conversation. In COLE, P., and MORGAN, J., editors, *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*, pages 41–58. Academic Press, New York, 1975.

HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra. ‘Subordination’ in universal grammar. Proceedings of the Tenth Annual Meeting of Berkley Linguistics Society. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984.

HALLIDAY, M.A.K.. Notes on transitivity and theme in English. Part II. In: *Journal of Linguistics* 3, 1967. p. 199-244.

\_\_\_\_\_. Text as Semantic Choice in Social Contexts, In DIJK, Teun A. and JANOS S. Petofi (eds)., *Grammars and Descriptions. (Studies in Text Theory and Text Analysis)*, New York: Walter de Gruyter, 1977. p.176-225.

\_\_\_\_\_. *An introduction to functional grammar*. London, Edward Arnold, 1994 [1985].

\_\_\_\_\_. *An introduction to functional grammar*. 3th. ed. London: Arnold, 2004 [1985]. p. 689.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HAWKINS, John A. *A performance theory of order and constituency*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. The relative order of prepositional phrases in English: Going beyond manner-place-time. *Language Variation and Change* 11, 2000. p. 231–66.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. Transitivity in Grammar and Discourse. In: *Language*, Volume 56, number 2, 1980.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro Salles (1939). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro Salles Villar*, elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro: Objetiva.

HYMES, Dell. *Foundations in Sociolinguistics. An Ethnographic Approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

KAUFFMANN, Carlos Henrique. *O corpus do jornal: variação lingüística, gêneros e dimensões da imprensa diária escrita*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KOCH, I. V. A articulação entre orações no texto. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, (28):9-18, Jan./Jun. 1995.

KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989

\_\_\_\_\_. A articulação entre orações no texto. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, (28), Jan./Jun. 1995. p. 9-18.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 10 ed. 2007.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 9. ed., 2008

KOCH, I.G.V. & FÁVERO L.L. *Contribuição a uma tipologia textual*. *Letras & Letras*. Universidade Federal de Uberlândia, Departamentos de Letras. Uberlândia, 1987.

KURY, A. da G. (1986) *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo: Ática.



LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAGE, Nilson. A reportagem, teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Record, 2001, p. 20.

LAGE, N. Ideologia e técnica da notícia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982 [1979], p. 83.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: J. HAIMAN & S. THOMPSON (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988.

LYONS, Christopher. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977

MANN, William C. (2005) RST Web Site, <http://www.sfu.ca/rst>

MANN, William C. & THOMPSON, S. *Assertions from Discourse Structure* California, ISI, 1985

\_\_\_\_\_. *Relational Propositions in Discourse*, ISI: Information Sciences Institute of University of Southern California, Los Angeles, ISI/RR, 1986.

\_\_\_\_\_. *Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization*, ISI: Information Sciences Institute, Los Angeles, CA, ISI/RS-87-190, 1-81. Reprinted from *The Structure of Discourse*, L. Polanyi, ed. (This book did not actually appear, and the article later appeared in Text 8(3).). 1987

\_\_\_\_\_. *Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization*. Text, 8 (3), 1988.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARCUSHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções. In CASTILHO, A T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas : UNICAMP, 1989. p. 281-322.

\_\_\_\_\_. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto*. Comunicação apresentada no IV Colóquio da ALED, Santiago do Chile, 5 a 9 de abril de 1999.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita*. São Paulo, Cortez, 2 ed. 2001

\_\_\_\_\_. *Gêneros Textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*, Mimeo, Apresentado na 50ª Reunião Anual do Gel. São Paulo, USP, Maio de 2002.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Ângela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora. (Org.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, p. 19-36, 2007.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M. and Sandra A. Thompson. The Structure of Discourse and "Subordination". *Clause Combining in Discourse and Grammar*, ed. by J. Haiman and S. A. Thompson. Amsterdam, John Benjamins, 1988.

MEYER, Charles F. *Apposition in contemporary English*. Cambridge Press, 1992.

MIRA MATEUS, Maria H. *et al. Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et categorization: une approche des processus de référénciation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN. M.J. (Org.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Suisse: Institut Linguistique Université de Neuchâte, p. 273-302, 1995.

MURRAY, G., M. TABOADA and S. Renals. Prosodic Correlates of Rhetorical Relations. Proceedings of Workshop "Analyzing Conversations in Text and Speech", North American Association for Computational Linguistics. New York, June 2006. p. 1-7

NEVES, M. H. N. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000

NOGUEIRA, Márcia. *A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil*. Tese de Doutorado. Unesp/Araraquara. 1999.

\_\_\_\_\_. *O uso de construções apositivas em textos oratórios*. Estudos Lingüísticos, São Paulo, v.1, 2002. Disponível em:  
<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/CCII07a.htm>

\_\_\_\_\_. *O uso de expressões apositivas como estratégia de reformulação em artigos científicos*. Revista do GELNE (UFC), Fortaleza, v. 1, n. 1, 2005. p. 38-41.

NOGUEIRA, M. T.; LEITÃO, Renata Jorge. *A oração substantiva apositiva: aspectos textual-discursivos*. VEREDAS - Rev. Est. Ling., Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, jan./dez. 2004. p.137-151.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, M. C. Da parataxe à hipotaxe: uma trajetória do português de contato. SEMINÁRIOS DO GEL, 27. Anais... São José do Rio Preto, 1998. p. 57-63.

\_\_\_\_\_. (org.) *Amostras de fala do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. *Gramaticalização de conectores no português do Brasil* Revista *Scripta* v. 4, nº9 / 1º semestre de 2003.

\_\_\_\_\_. *A ordem de circunstanciais no português brasileiro escrito*. *Diacrítica*. 22 (1): 73-91. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2003.

PAREDES, Vera Silva. *Forma e função nos generos de discurso* In.: Revista Alfa, 41, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gêneros e tipos de texto: problemas de superposição e segmentação*. Palestra apresentada na Faculdade de Letras da UNESP – Araraquara, 7 de outubro de 2005.

PEREIRA, W. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Salvador, Calandra 2004.

PRINCE, H. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981

\_\_\_\_\_. The ZPG Letter: subjects, definiteness, and information-status. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fundraising text*. Amsterdam/Philadelph: John Benjamins, 1992, p. 295-325.

QUIRK, Randolph et alii. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman, 1985.

RAIBLE, W. Linking clauses. In: HASPELMATH, M.; KÖNIG, E.; OESTERREICHER, W.; RAIBLE, W. (eds) *Language typology and language universals – an international handbook*. Berlin, New York: De Gruyter, 2001. p. 590-617.

ROCHA LIMA. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 31 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983. p. 230-232.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática: Teoria e Prática* – São Paulo: Atual, 1994

SECHEHAYE, ALBERT. *Essai sur la structure logique de la phrase*. Paris, Edouard Champion, "Collection linguistique publiée par la Société de Linguistique de Paris - XX-". In-8, 237, broché (couverture légèrement brochée). 1950.

SHANNON, T. F & COFFEY, M. P. The Janus-faced order of adverbials in Dutch and English. In: Thomas Shannon. Ed. *Janus at the millennium: perspectives on time in the culture of the low countries*. Maryland: University Press of America, 2004. p. 245-264.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. Gramática Normativa Da Língua Portuguesa: curso superior. São Paulo, Edição Saraiva, 1968. p. 411.

TABOADA, Maite. *Discourse Markers as Signals (or Not) of Rhetorical Relations* Journal of Pragmatics, Vol. 38, No. 4, April 2006, p. 567-592.

TABOADA, M. & MANN, W.C. Rhetorical Structure Theory: Looking Back and Moving Ahead. *Discourse Studies* 8(3), 2006. p. 423-459. [ Pre-publication version, in pdf ]. Disponível em [http://www.sfu.ca/rst/old\\_news.html](http://www.sfu.ca/rst/old_news.html)

MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fundraising text*. Amsterdam/Philadelph: John Benjamins, 1992, p. 295-325.

WASOW, Thomas. *Postverbal behavior*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2002.

\_\_\_\_\_. & ARNOLD, Jennifer. Post-verbal constituent ordering in English. In: G. Rohdenburg & B. Mondorf. Ed. *Determinants of Grammatical Variation in English*. London: Mouton, 2003, p. 119-154.

WASOW, Thomas, Jaeger, T. Florian & Orr, David "Lexical Variation in Relativizer Frequency". To appear in *Expecting the Unexpected: Exceptions in Grammar*, edited by Horst Simon and Heike Wiese. De Gruyter. No prelo

WATT, R. J. C. (2004). *Concordance 3.2* [Software]. Retrieved February 15, 2009, from <http://www.concordancesoftware.co.uk/howtouse.htm>

WINTER, E. O. The notion of unspecific versus specific as one way of analyzing the information of a fund-raising letter, In MANN W.C. & THOMPSON S.A. (eds), *Discourse Descriptions: Diverse Analyses of a fund-Raising Text*, Amsterdam: Benjamins, 1992, p. 131-70.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)